

PLAYBOY

TUDO O QUE O HOMEM

Nº 2 > JUNHO 2012 €3,95 (CONT.) PORTUGAL

EXTRA! EXTRA!

EXCLUSIVO, ÚNICO
INÉDITO, PICANTE

**VALTER
HUGO MÃE**

CONTA **MAIS**
UM CONTO

A CIDADE

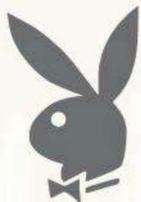
ONDE NÃO
SE USA
DINHEIRO

**EURO
2012**

AS MELHORES
HISTÓRIAS
DE SEMPRE

MODA

ESTE VERÃO
DE GANGA



PLAYMATE

A MELHOR
DO ANO



20

PERGUNTAS

**DEAD
COMBO**

VIAGEM

PELOS
VINHOS DE
PORTUGAL

**MARINHO
E PINTO**

“NESTE PAÍS
NADA SE
MUDA
SEM ESTAR
NA POLÍTICA”

**DÂNIA
NETO
REVELA-SE!**



DO REALIZADOR DE AL

P R O M E E



www.facebook.com/20thcenturyfoxportugal

PROPERTY OF FOX. PROMOTIONAL USE ONLY. SALE, DISTRIBUTION OR OTHER USES OF THIS MATERIAL IS STRICTLY PROHIBITED.

I E N E G L A D I A D O R
T H E U S



07.06.12 EM 3D

A PROCURA DA NOSSA ORIGEM PODE SER O NOSSO FIM



©2012 TWENTIETH CENTURY FOX



- 06 ficha técnica
- 08 editorial
- 10 cartas
- 12 agenda
- 125 anedotas



DÂNIA NETO fotografada por PEDRO FERREIRA

68 DÂNIA NETO

Na capa Bustier em renda, Triumph. Slip em renda, Lou, no el Corte Inglés. Meias de ligas Calzedonia, brincos em ouro amarelo e pérola branca, Mimi.



64 REPORTAGEM

É uma cidade tão futurista, que nem sequer se usa dinheiro



84 MODA

Western casual



ITAS ESTÓRIAS. UMAS IM
AS OU, SIMPLEMENTE, E
MELHORES. OU, A.K.A., C

Eurót

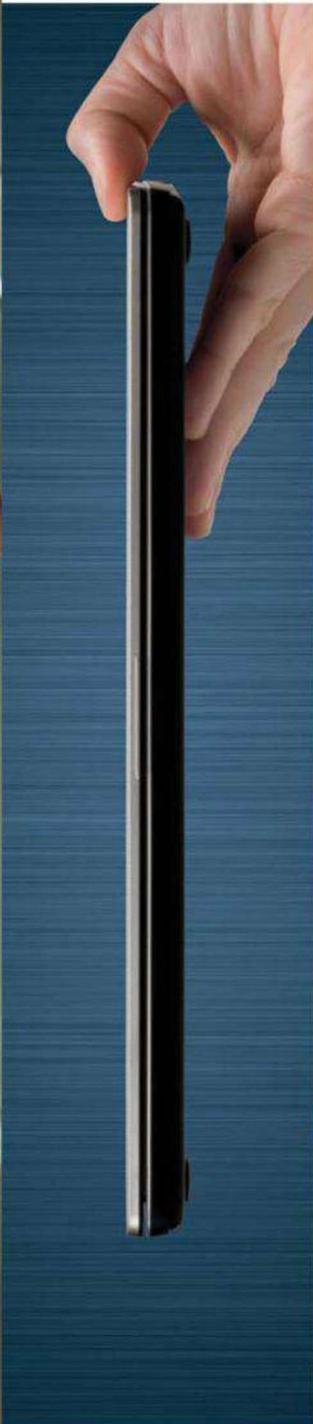
110 EURO

Os melhores
Contos
Euróticos



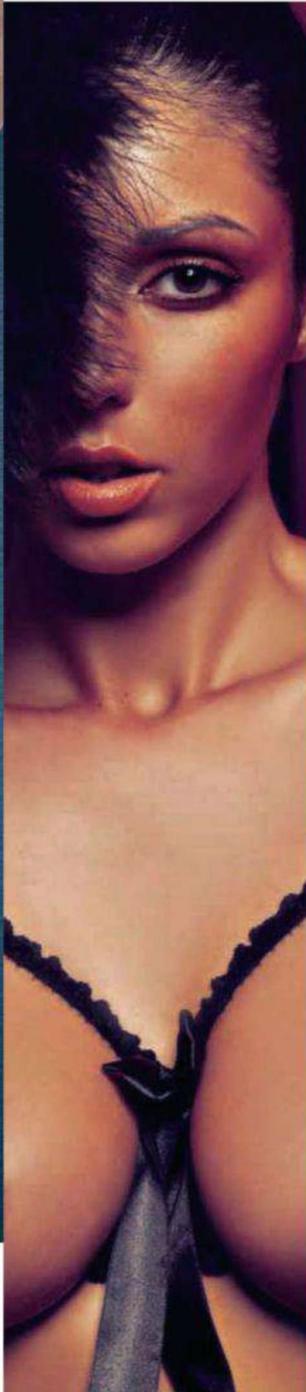
46 MISS JUNHO

Jaclyn Swedberg, Playmate do ano nos EUA e Playmate do mês em Portugal



106 TECNO

Um PC muito fino



120 DOUBLES

Melanie do Nascimento, modelo portuguesa, com certeza

13 **MUNDO PLAYBOY** O melhor que a Playboy faz em todo o mundo

18 **CINEMA** Os filmes a não perder

19 **TELEVISÃO** Uma série de séries

20 **RIDLEY SCOTT** Em entrevista exclusiva

24 **LIVROS** Marilyn, claro

26 **JOGOS** Aos tiros pelo mundo virtual

27 **TRIVIAL** Dados (in)significantes

28 **MÚSICA** Para ouvir no Euro

30 **20P** vinte perguntas aos Dead Combo

34 **GOURMET** Ljubomir dá-nos a receita. E os melhores brancos

36 **VIAGEM** Se for viajar, beba um vinho

38 **DESIGN** de cadeiras a relógios

52 **FAQ** Vânia Beliz responde às suas dúvidas

53 **I DON'T DO BOYS** É o statement de Mónica Marques

56 **MARINHO E PINTO** Numa grande entrevista

80 **FIÇÃO** O nosso melhor escritor, Valter Hugo Mãe

94 **RELÓGIOS** Para todos os pulsos

96 **CAMISAS** Azuis para o Verão e bem dobradas

98 **BEM ESTAR** Perfumes para Campeões e cremes para todos

102 **MOTORES** Um Porsche a híbrido e uma scooter a três rodas

118 **ENCICLOPÉDIA** De Futebol por Joel Neto

126 **OLHO VIVO** Por Manuel Falcão

128 **FESTAS** A nossa primeira!

PLAYBOY

Nº 2 › MENSAL › JUNHO 2012

DIRECTOR Marco António dos Reis
EDITOR Bruno Lobo
REDACÇÃO Tiago Beato
ARTE Luís Martins
COLABORADORES Ana Teles, Ana Ventura, Catarina Palma, Joel Neto, Manuel Falcão, Mónica Marques, Pedro Pinto, Pedro Rolo Duarte, Rita Lúcio Martins, Tháia Gúido Z., Valter Hugo Mãe e Vânia Beliz.
Traduções: Cristbet e Nuno Osvaldo Santos
MODA Filipe Carriço e Joyce Doret
EDITOR FOTOGRAFIA António Moutinho
FOTOGRAFIA Gonçalo Claro, John Derek, Pedro Ferreira e Stephen Wayda.
Ilustrações: Esgar Acelerado e Hélio Falcão
ONLINE Hugo Pagani
CONSULTOR EDITORIAL Luís Merca

PRÉ-PRESS Rodrigo Marques
PRODUÇÃO Francisco Rosa
RP/EVENTOS Marie - Press & PR Consulting
ASSINATURAS assinaturas@playboy.pt



PUBLISHER Mário Pimentel
DIRECÇÃO COMERCIAL João Froes
joao.froes@playboy.pt | 213 824 060
MORADA Av. Engenheiro Duarte Pacheco, 19, 7º Direito
1070 - 100 Lisboa, Portugal
TELEFONE 213 824 060 / 213 824 069 (fax)

ISSN 2182-6110 E.R.C. nº 126191
PERIODICIDADE Mensal **TIRAGEM:** 40.000
DISTRIBUIÇÃO: Logista **DEPÓSITO LEGAL:** 343560/12
IMPRESSÃO Peres Soctip, S.A.



PLAYBOY ENTERPRISES, INTERNATIONAL

Hugh M. Hefner
EDITOR-IN-CHIEF
U.S. PLAYBOY
Jimmy Jellinek, **EDITORIAL DIRECTOR**
Rob Wilson, **ART DIRECTOR**
Patty Beaudet-Francés, **DEPUTY PHOTO DIRECTOR**
Matt Nordby, **CHIEF REVENUE OFFICER**
PLAYBOY INTERNATIONAL PUBLISHING
Markus Grindel, **MANAGING DIRECTOR INTERNATIONAL PRINT/DIGITAL**
Mary Nastos, **PUBLISHING SERVICES MANAGER**
Gabriela Cifuentes, **DIGITAL ASSET MANAGER**
William Ansell, **EDITORIAL SERVICES COORDINATOR**



**HENRY
CAVILL
SIGOURNEY
WEAVER
E BRUCE
WILLIS**

À
**FRIA
LUZ
DO
DIA**

O INSTINTO É A SUA MELHOR ARMA.

SUMMIT ENTERTAINMENT E INTREPID PICTURES APRESENTAM EM ASSOCIAÇÃO COM GALAVIS FILM UMA PRODUÇÃO INTREPID PICTURES/FILM RITES UMA PRODUÇÃO FRIA LUZ DEL DIA. A J.E. HENRY CAVILL, SIGOURNEY WEAVER E BRUCE WILLIS. "THE COLD LIGHT OF DAY" VERÓNICA ECHEBUR ROSCHDY ZEIN OSCAR JAENADA JOSEPH MARWLE "ANNE MCCARTHY SUPERVISOR JOJO VILLANUEVA WISPER DE LUCAS VIDAL GUIA DE BINA DANIELER MONTAGEM VALERIO BONELLI PLANEJAMENTO BENJAMIN FERNANDEZ DIRETOR DE REMI ADEFARASIN DE S.C. DE JOSE LUIS ESCOLAR PRODUTORES STEVEN ZAHLIAN SCOTT WIPER JESUS MARTINEZ ASENCIO KEVIN MANN MATTHEW PERICCIARO MARK CANTON PARA TREVOR MARY MARC D. EVANS CENÁRIO DE SCOTT WIPER E JOHN PETRO PRODUÇÃO DE MARGROUK EL MECHRI

ZON

INTREPID

thecoldlightofday.com

21 JUNHO NOS CINEMAS

Filme ainda não classificado pela IGAC



A REVISTA MAIS FALADA

Marco António dos Reis

DIRECTOR

DEFINITIVAMENTE, A PLAYBOY Portugal está nas bancas! Mas estamos mais do que nas bancas. Entrámos, qual tsunami, no quotidiano dos portugueses, nas conversas de café, nos programas de rádio e televisão. Fomos, durante pelo menos uma semana, assunto nacional. E isso tem muito a ver com a força da marca, associada à força da Rita Pereira.

Chega agora a hora de olharmos para o segundo número. Em mês de Europeu, não deixámos de prestar a devida atenção ao acontecimento, com uma bela peça assinada pelo jornalista Tiago Beato. Mas antes disso temos uma entrevista de fundo com António Marinho e Pinto, Bastonário da Ordem dos Advogados, conduzida com a mestria a que já nos habituou Pedro Rolo Duarte.

Na capa, apresentamos uma mulher de cortar a respiração: Dânia Neto é uma das mulheres mais sensuais deste país, e a prová-lo está o nosso editorial. Ficámos esmagados! Mas não está só, a Dânia. Nesta edição temos ainda mais duas mulheres deslumbrantes. Primeiro, Jaclyn Swedberg, a Playmate do Ano nos EUA; e, depois, Melanie do Nascimento demonstra todo o poder da mulher portuguesa, num editorial assumidamente arrojado.

Estes são apenas alguns dos argumentos que me levam a pensar que este número dois é, senão melhor, pelo menos tão bom quanto o primeiro. E isso enche-me de orgulho! Isso e ver as pessoas nas bancas a perguntarem: “Onde está a PLAYBOY deste mês?”

COLABORARAM NESTE NÚMERO



FILIPE CARRIÇO

Pleno de paixão, é difícil resistir ao esplendor que coloca em cada uma das suas produções. É um dos melhores por cá, mas sê-lo-ia também, seguramente, em qualquer outro lugar do mundo. E é muito bom tê-lo a trabalhar connosco na PLAYBOY.



GONÇALO CLARO

Surpreendente! É apenas um dos vários adjectivos que ligam o Gonçalo ao seu trabalho. Marcadamente moderno e com um olhar seguro e sedutor, transporta-nos para um universo virtuoso, onde só ele estabelece as regras.



PEDRO ROLO DUARTE

São trinta anos de jornalismo de primeira, em televisão, rádio, jornais e revistas, entre centenas de artigos, reportagens e entrevistas. Uma inspiração a cada número, momentos de escrita que prometem resistir ao tempo.

DO PRODUTOR TIM BURTON E DO REALIZADOR DE 'PROCURADO', TIMUR BEKMAMBETOV



DIÁRIO SÉCRETO DE UM
CAÇADOR DE VAMPIROS

PRESIDENTE DE DIA, MATADOR À NOITE!

STWENTYFIFTH CENTURY FOX apresenta um filme de BURTON / BEKMAMBETOV / LEMLEY "ABRAHAM LINCOLN, VAMPIRE HUNTER" BENJAMIN WALKER DOMINIC COOPER ANTHONY MACKIE MARY ELIZABETH WINSTAD RUFUS SEWELL MARTON COSMAS HENRY JACKMAN CARLO POCCINI VARYARA KYVYRSKI
WILLIAM ROY e a CINE FRANCIS ADRIU JESSICA CALER BUSCHANEL e os MICHÉL WOLFF JOHN A KELLY SMITH KINGSBETH SETH GRAHAM-SMITH e TIM BURTON TIMUR BEKMAMBETOV JIM LEANEY e SETH GRAHAM-SMITH e SETH GRAHAM-SMITH e TIMUR BEKMAMBETOV

STWENTYFIFTH CENTURY FOX

SP

www.facebook.com/25thcenturyfox

FRANCE 2

NOS CINEMAS 21 JUNHO EM 3D

e também em 2D



Este é o seu espaço. Queremos a sua opinião. Escreva-nos para: correio.do.leitor@playboy.pt. E não se esqueça do nome e localidade.

SRS. DIRECTORES, editores e os demais intervenientes na reedição desta revista. Gostei do conteúdo, entrevistas, reportagens, fotografias, como sempre de bom gosto e interessante. Apreciei a reportagem sobre Manara, do qual aprecio o trabalho. No entanto fiquei desiludido com as fotos da capa, desculpem a sinceridade (...) mas não achei as fotos sensuais, para mim são fotos normais (...) Tendo esta revista um nome e uma imagem a defender junto do público, acho que falharam na parte que descrevi, penso que haverão mais leitores com a minha opinião. De resto, continuação de bom trabalho, abraço a todos.

Filipe Duarte, Coimbra

VIVA, Confesso que a expectativa era enorme para a reentree da Playboy no nosso país. Sou mulher, mãe, esposa, empresária, olho e aprecio o corpo de um mulher, gosto da sensualidade e do erotismo que este emana não pelo que mostra mas pelo que surge e sugere (...) Para consolo de todos os homens da família, sou eu que compro esse tipo de revistas lá em casa, e como tal, entendam esta minha observação apenas como uma critica totalmente construtiva. E, fiquei como que, desiludida e de expectativas defraudadas no que diz respeito à sessão fotográfica da Rita Pereira (...) Está tudo demasiado tapado, tudo demasiado escondido, tudo demasiado conservador, tudo demasiado para uma revista que faz por mostrar o melhor do

corpo feminino e da mulher portuguesa. Mas aproveito o espaço para dar os parabéns à merecida Playmate de Maio 2012, Joana Caldeira e a toda a realização da sessão. Muito bem conseguida. Obrigada por terem voltado.

Patrícia Santos, V. N. Famalicão

FOI COM AGRADO que voltei a ver a Playboy nas bancas, (...) país que é país tem de ter a sua Playboy. Gosto do grafismo e dos temas, porém vão uma vez mais no caminho errado, fazer capa com uma mulher portuguesa ÓPTIMO mas não despi-la ERRADO. Se não sabem fazer, aprendam com os nossos amigos do Brasil, mulher da capa vem nua.

Paulo Melim

Mensagem da trioka. Ou o que os responsáveis da Playboy Internacional acharam da nossa revista.

É com um enorme prazer que dou as boas-vindas à nova PLAYBOY Portuguesa. O que têm em mãos é uma revista desenhada para o leitor mais exigente, um fantástico pot-pourri de beleza fotográfica e jornalismo de excelência.

Jimmy Jellinek (Director Editorial, Playboy US)

pensei na PLAYBOY como uma revista de sexo. Sempre a pensei como uma revista de lifestyle, em que o sexo era um dos ingredientes." Se me perguntarem, acho que é isso que vocês oferecem nesta revista!

Markus Grindel (Director-Geral, International Publishing, Playboy Inc)

Vocês fizeram um tremendo primeiro número e devem estar muito orgulhosos. Não deixem que ninguém vos tire isso. E mantenham sempre em mente o que o Hef disse um dia: "Francamente, nunca

A vossa revista está linda! Parabéns! Fizeram um dos melhores primeiros números que a PLAYBOY já publicou.

David Walker (Responsável pelo Licenciamento da PLAYBOY Portugal)

THE BUNNIES ARE BACK

PLAYBOY CLUB LONDON
NOW OPEN

14 Old Park Lane,
London W1K 1ND
United Kingdom

T +44 (0)20 7491 8586

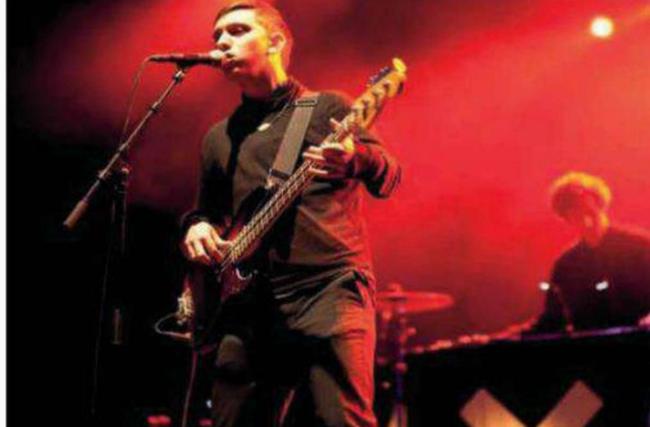
W www.playboyclublondon.com



PLAYBOY CLUB
LONDON



AGENDA



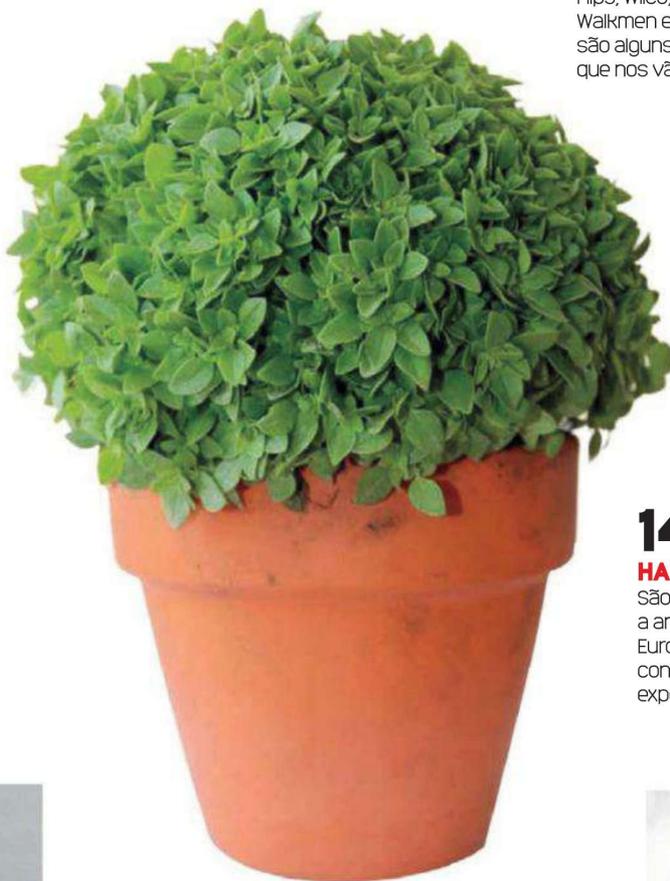
13 QUARTA **SANTO ANTÓNIO**

Primeira noite dos Santos Populares. O padroeiro de Lisboa dá o mote para sair para a rua e comer sardinhas assadas. No dia 24 é o dia de São João e da grande festa no Porto. Prepare-se para levar umas marteladas!

7 QUINTA

OPTIMUS PRIMAVERA SOUND

Até dia 10, o Porto recebe um festival que se estreia em terras lusas e apresenta um cartaz que promete: Suede, The Raptors, The Flaming Lips, Wilco, The XX, The Walkmen e Linda Martini, são alguns dos nomes que nos vão dar música.



10 DOMINGO **HELMUT NEWTON À PARIS**

Embora seja o Dia de Portugal, se por acaso estiver em, ou perto de Paris, aproveite para assistir à exposição do fotógrafo Helmut Newton. A não perder no Grand Palais, esta exposição junta mais de 200 trabalhos (muito bem seleccionados) de uma obra memorável.

14 QUINTA

HARLEY-DAVIDSON INVADE CASCAIS

São esperadas mais de 12 mil Harley-Davidsons a animar Cascais durante quatro dias. O 21º European Harley Owners Group conta com concursos de motos personalizadas, exposições, passeios e concertos. Ride on!



30 SÁBADO

HERB RITTS EM LOS ANGELES

É do outro lado do Atlântico, sim, mas não perca a exposição L.A. Style de Herb Ritts, famoso pelas suas fotos a preto e branco, patente no J. Paul Getty Museum até 26 de Agosto.



PLAYLIST

O melhor do mês em revista



HOLANDA
LILLY, a Playmate que
veio da Rússia para
os Países Baixos
MAIO

MUNDO PLAYBOY

As fotografias das mulheres mais lindas, cortesia das nossas revistas-irmãs, por esse mundo fora



RÚSSIA
OLGA ALBERTI
MAIO



CROÁCIA
VIVIAN SÁSDI
ABRIL



MUNDO PLAYBOY



USA
MAY ANDERSEN
MAIO



SHAMELESS – NO LIMITE

Criada em 2004 por Paul Abbott para o britânico Channel 4, teve direito a versão norte-americana em 2011, pela Showtime. É essa a versão que nos chega através da Fox, retratando uma das famílias mais disfuncionais da TV (a par de *Raising Hope*, também visitada nesta secção). Num bairro degradado do Sul de Chicago, *Shameless* acompanha Frank Gallagher (William H. Macy) e a sua numerosa família. Solteiro e com seis filhos a seu cargo, Frank passa os dias bêbedo, deixando todas

as responsabilidades para os herdeiros. Numa lição de fraterna camaradagem, os mais velhos desdobram-se entre trabalhos e escola para conseguirem criar os mais novos, enquanto tentam não hipotecar definitivamente o seu futuro (e sanidade). *Shameless* revela-nos a vida de pessoas que não são tão diferentes de nós, por vezes um drama com situações cómicas, por vezes uma comédia com contornos dramáticos. **MARCO REIS**

FOX - Estreia: Segunda 18 de Junho às 00h00



RAISING HOPE

Estão de volta para uma segunda temporada, com o mesmo nível de loucura! Para quem não conhece, Jimmy (Lucas Neff) é um jovem que luta desesperadamente por uma vida normal. Vive no limiar da pobreza, entre a avó Maw Maw (uma senhora de idade que deambula entre alucinações), o pai Burt (um limpador de piscinas com o QI de uma alface), e a mãe Virginia (uma espécie de desempregada em estado perpétuo). Não lhe bastava o fardo desta família "especial", ainda é presenteado com uma recém-nascida, fruto da sua única relação com uma condenada à pena de morte. Bem estruturada e com bons diálogos, a série ganha por vezes deliciosos contornos de esquizofrenia. Indispensável!

FOX Life - 2ª Temp.
Estreia: 19 de Junho às 21h25



ROCKEFELLER 30

É a mais famosa criação de Tina Fey e chega agora na sua sexta temporada ao FX. Com algumas gargalhadas garantidas, esta resistente série da NBC encerra um leque de personagens de referência, a começar pela própria personagem de Fey, a solitária Liz Lemon. Ao lado da autora Lemon mantém-se o executivo Jack Donaghy (Alec Baldwin), a inconveniente Jenna Maroney (Jane Krakowski) e o excêntrico Tracy Jordan (Tracy Morgan). Vencedora de inúmeros prémios, destacam-se os 14 *Emmy* e os 6 *Golden Globes*.

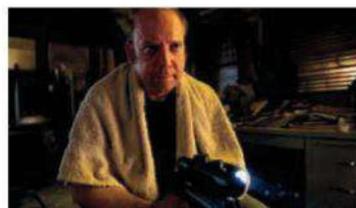
FX - Sexta temporada. Estreia:
7 de Junho às 22h00 (episódios duplos)



COSMOPOLIS O MUNDO DE UMA JANELA

Baseado no romance homónimo de Don DeLillo, chega aos cinemas mundiais *Cosmopolis*, uma longa-metragem realizada por David Cronenberg (*A Mosca* e *Crash*) e produzida por Paulo Branco. De resto, foi mesmo o português a sugerir a Cronenberg a adaptação cinematográfica do título, que esteve este ano em competição pela Palma de Ouro em Cannes. Contando com Robert Pattinson no papel principal, a produção de 11 milhões de euros acompanha 24 horas na vida de Eric, um jovem milionário de 28 anos, que percorre Manhattan na sua luxuosa limusina, a caminho de um simples corte de cabelo. Mas Eric acaba por embarcar numa viagem alucinante, num mundo virtualmente à beira do colapso. Apresentando ambientes que facilmente confundem o real e o virtual, o espectador é conduzido por uma complexa teia de situações bizarras e personagens que desafiam a nossa percepção a cada fala. Mais do que um simples filme, Cronenberg pretende que o espectador embarque numa reflexão sobre o tipo de futuro para o qual nos precipitamos.

Título original: *Cosmopolis* **Realização:** David Cronenberg
Estreia prevista: 31 de Maio



À FRIA LUZ DO DIA

Se lhe disser que vai ver um filme com um actor careca e com quase 60 anos, seguramente não pensará num filme de acção. Mas se lhe disser que esse actor é Bruce Willis, então acção é tudo em que irá pensar. O veterano actor regressa para mais um *thriller* empolgante. Desta vez ao lado de Sigourney Weaver e da estrela em ascensão Henry Cavill, ou não fosse ele o próximo *Super-Homem*. Na história, Cavill é Will Shaw, um jovem americano surpreendido com o desaparecimento dos pais, durante um passeio de veleiro no Sul de Espanha. Mas Shaw rapidamente percebe que esse desaparecimento é apenas a ponta do iceberg, numa teia de revelações e conspirações. A acção está garantida!



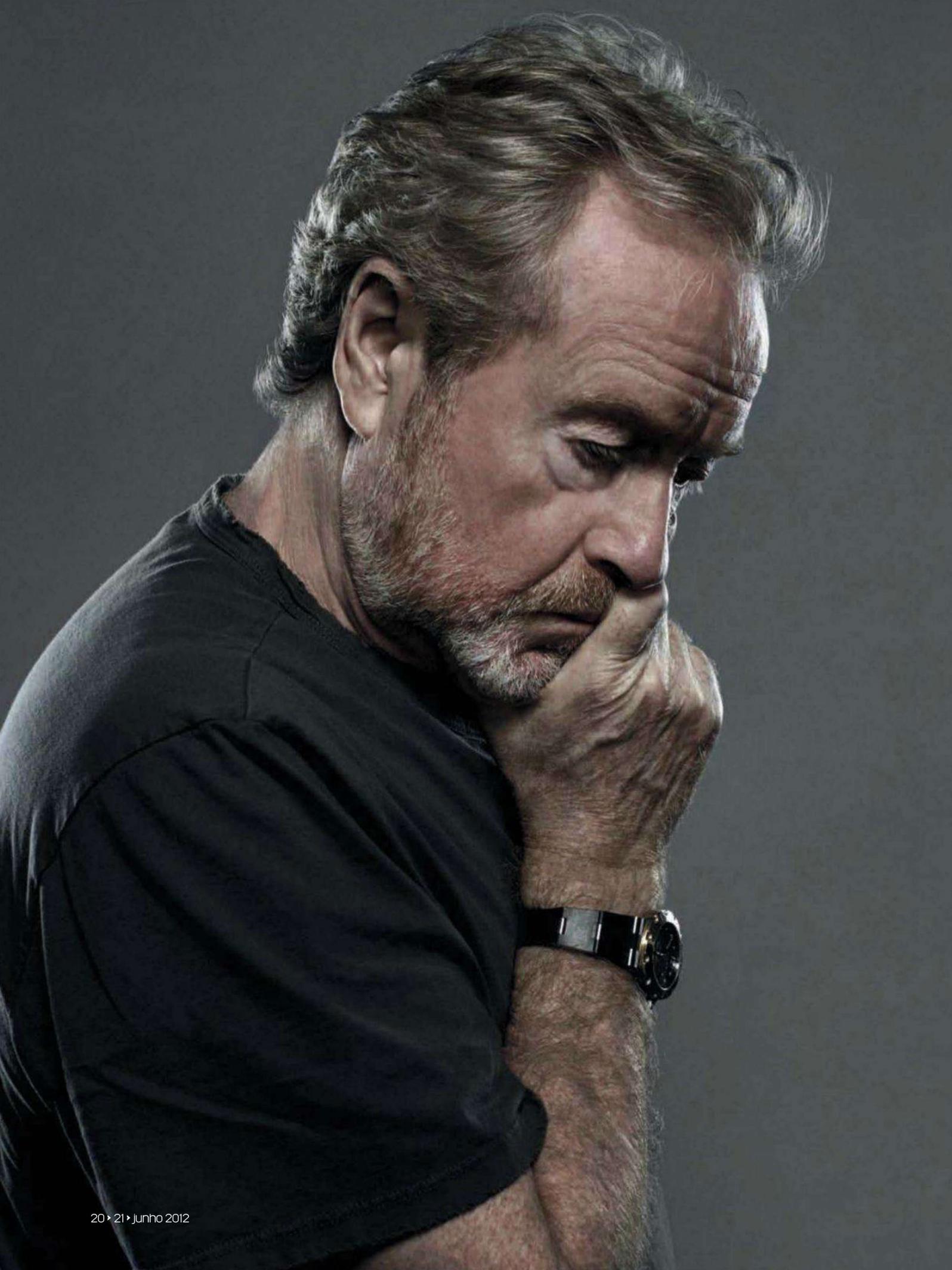
Título original: *The Cold Light of Day* **Realização:** Mabrouk El Mechri **Estreia prevista:** 21 de Junho

DIÁRIO SECRETO DE UM CAÇADOR DE VAMPIROS

Abraham Lincoln é uma das figuras mais amadas da História norte-americana: como 16º Presidente dos EUA, foi pilar de união durante a Guerra Civil, e teve o condão de abolir a escravatura. Agora, o cineasta russo Timur Bekmambetov promete revelar um lado mais fantástico de Lincoln. Com a ajuda, na produção, de Jim Lemley e Tim Burton (quem mais?), Timur apresenta um jovem Lincoln que cresce marcado pela morte da mãe às mãos de sanguinários vampiros, resultando numa obsessão por exterminar todos os vampiros da face da Terra.



Título original: *Abraham Lincoln: Vampire Hunter* (3D) **Realização:** Timur Bekmambetov **Estreia prevista:** 21 de Junho



RIDLEY SCOTT

Prometheus é uma das mais aguardadas estrelas do ano. Até porque marca o regresso de Ridley Scott à Ficção Científica, o que já não acontecia desde Alien (de 1979) e Blade Runner (de 1982). Mas Prometheus é muito mais do que isso, como podemos perceber por esta entrevista exclusiva com o realizador. Filmado em 3D, o filme leva-nos para universos deslumbrantes, personagens inesquecíveis, e uma história de cortar a respiração. Aqui tudo é em grande, e só o cenário montado para o filme ocupava uma área superior a três campos de futebol.

Diga-me: como começou Prometheus? «Há dois anos e meio fui ao estúdio e disse: 'Há uma pergunta que nunca foi feita?' E foi esse o início da ideia.

Qual era a pergunta? «Não lhe vou dizer, porque isso iria desvendar a intriga da história. E nós queremos que o filme tenha um elemento de surpresa.

Vamos então falar sobre a relação de Prometheus com Alien.

Existe muita especulação de que é na verdade uma prequela.

É passado antes de Alien ter acontecido? «Sim, apesar de eu nunca ter realmente percebido o espaço temporal do Alien. O voo espacial foi provavelmente em 2093, por isso Prometheus é anterior a isso.

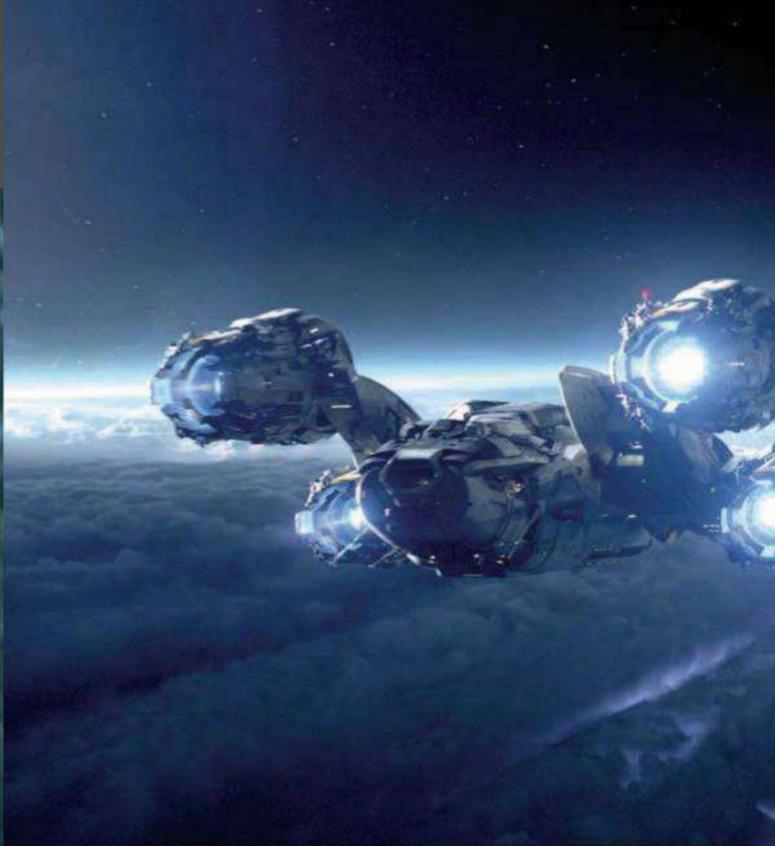
Então é uma prequela? «Olhe, o que eu lhe digo é que estas coisas se ligam entre si. Em Blade Runner tínhamos a Tyrell Corporation e eu pensei na altura que, um dia, as grandes corporações seriam donas do mundo. Pensei o mesmo quando estava a fazer o Alien. Agora era a Wayland-Yutani Corporation, proprietária da nave espacial Nostromo, e em Prometheus existe uma corporação operada por Peter Wayland. E essa é a única ligação. Pelo menos a única que me vai arrancar.

Escolheu dois actores relativamente desconhecidos para os

papéis principais: Noomi Rapace e Logan Marshall-Green. O que o convenceu que eles eram os actores certos? «Eu vi a

Noomi no filme *Os Homens que Odeiam as Mulheres*, foi por isso que a escolhi. Existe nela uma tenacidade... Parecia que tinha nascido e crescido na rua, foi excelente. Quando me encontrei com ela, esta mulher bonita e sofisticada entrou e eu apercebi-me imediatamente que estava a lidar com uma verdadeira actriz. Ela é uma actriz muito boa. E o Logan também, é um actor muito bom – e é isso que nós queremos. Eles foram excelentes e perfeitos para os papéis que eu tinha em mente.

E quanto às outras personagens? «O Michael Fassbender é David, e faz o papel de Ash (o andróide no Alien, representado por Ian Holm) em Prometheus. Não o escondemos porque não existe aqui nenhuma novidade. Mas o Michael é fantástico e pode fazer qualquer coisa. Neste caso é uma espécie de hermafrodita e divertiu-se muito por ter de fazer isso. Tem um enorme sentido de humor, e adapta-se muito bem – vem preparado e faz o que tem de ser feito. Eu gosto de actores assim. Sei o que quero e pertencço à escola que não ensaia muito, porque me parece mais fresco quando não se ensaia demasiado. Quando vêm trabalhar já leram o guião e discutimos tudo muito



bem com eles. Depois quero ser surpreendido. E o Michael foi o actor mais fácil com quem alguma vez trabalhei.

E a Charlize Theron? «Ela tem uma posição muito elevada na Wayland Corporation e adorou fazer o papel de má. Foi excelente trabalhar com ela. É também uma actriz fantástica. Alíás, tivemos um elenco fabuloso.

Guy Pearce, que representa Peter Wayland, faz um papel mais velho? «Bastante. O envelhecimento é sempre muito complicado, mas também interessante. Também o utilizámos muito novo - irá vê-lo mais cedo, quando ele representar mais ou menos a sua idade, digamos cerca de 39 anos. Ele está à cabeça de uma enorme corporação já nessa altura. Digamos como o Bill Gates ou a cabeça da Apple.

Blade Runner e Alien são clássicos da ficção científica. No passado, esteve relutante em revisitar o estilo? «Não. Estive sempre à procura. De facto, logo a seguir a *Blade Runner*, encontrei uma coisa que queria chamar *The Forever War* (A Guerra Eterna), de Joe Haldeman, mas só consegui os direitos há dois anos. Está neste momento a ser adaptado por um excelente escritor chamado Matt Carnahan, e será o meu próximo projecto de ficção científica. Tudo o resto que li achei um pouco intelectual demais ou demasiado fantasista. Nem o *Alien* nem o *Blade Runner* são fantasistas.

O que quer dizer com isso? «São ambos filmes mais reais; são baseados nalguma espécie de realidade. Eu penso que isso foi uma das razões para o sucesso do *Blade Runner*. Com o *Alien*, tive a sorte de ter o monstro certo - era um filho da mãe lixado. É raro isso acontecer e, de facto, não me lembro de nenhum tão bom. A sério.

O 3D É ABSOLUTAMENTE CORRECTO PARA ESTE FILME: SIMPLES, DIRECTO, E REALÇA O ESPECTÁCULO. SEM DÚVIDA NENHUMA.



O que pensou então para a criação da criatura de Prometheus? «Essa foi a maior dor de cabeça de todas. Precisamente por causa do *Alien*. No primeiro filme tinha uma excelente série de elementos - havia uma coisa que saía de um ovo, e que fazia parar o coração, a coisa na cara dele, a coisa que o engravidou, a coisa que saiu do peito... e mostrámos a criatura o menor número de vezes possível. Depois a criatura foi completamente usada, eles usaram tudo em quatro filmes, por isso chegámos a uma situação onde deixaram de ser indestrutíveis.

Então, foi numa direcção completamente diferente com Prometheus? «Não, não. As regras são as mesmas. Menos é melhor quando se trata de monstros.

Mas como é que ela é? «É completamente fora. Pode esperar algo muito diferente. **Que outros filmes de ficção científica admirou ao longo dos anos?** «Para mim



o melhor continua a ser o *2001*, do Stanley. Foi assim como 'Uáu, isto é um mundo real, tem um sentido real, e acredito em tudo o que está a acontecer, incluindo o final estranho.'

Prometheus vai fazer-nos saltar das cadeiras como aconteceu com o Alien? «Espero que seja assustador e interessante. É interessante? Sim, penso que sim. E vai ser assustador? Sim, também penso que sim. E é ocasionalmente chocante? Definitivamente.

Por que decidiu filmar o Prometheus em 3D? «O 3D é absolutamente correcto para este filme: simples, directo, e realça o espectáculo. Sem dúvida nenhuma.

Mas filmar em 3D não lhe causou maiores dificuldades? «Não, de forma nenhuma. Quando filmamos em 3D temos de ter uma equipa completa para tratar de todos os detalhes técnicos relacionados, mas foi tudo muito simples. Era assim [e estala os dedos].

Construiu cenários espectaculares para este filme. Por que não utilizou mais CGI (n.d.r. Imagem gerada por computador)?

«Eu penso que é importante para os actores, mais do que por qualquer outra razão, não estarem sentados numa caixa azul, onde dizemos: 'Bem, aqui vai acontecer o fim do mundo, e o mundo vai chegar desta direcção.' Eu gosto de criar cenários

e reproduzir o mais que posso, porque é algo real para os actores poderem trabalhar. E, ironicamente, acaba por ser mais económico. Tudo o que fiz foi mais económico. Penso que se usa muito CGI, porque não sabem bem qual a história antes de começar a filmar, e vão inventando à medida e depois é necessário tentar corrigir digitalmente. Depois chegam à conclusão que não conseguiram e têm de voltar a filmar. Nós sabíamos exactamente o que queríamos. Completamente. Eu tinha tudo controlado. ■

[EM ALIEN] MOSTRÁMOS A CRIATURA O MENOR NÚMERO DE VEZES POSSÍVEL. (...) MENOS É MELHOR QUANDO SE TRATA DE MONSTROS.



MARILYN & ME: A MEMOIR IN WORDS AND PHOTOGRAPHS

MORREU EM AGOSTO de 1962. Nascida Norma Jeane Mortenson, Marilyn Monroe ascendeu ainda em vida ao estatuto de maior *sex-symbol* do século XX, e a sua morte prematura apenas lhe eternizou o título. Está quase a fazer 50 anos sobre o seu desaparecimento e, quase de certeza, daqui a outros 50 continuar-se-á a falar dela.

Poucos meses antes de morrer, Marilyn Monroe deu a um jovem fotógrafo da *Paris Match*, Lawrence Schiller de seu nome, a hipótese de, também ele, entrar para a história. “Você já é famosa, e agora vai fazer-me famoso”, disse-lhe Schiller, ao que a diva lhe respondeu: “Não seas tão convencido, os fotógrafos podem ser facilmente substituídos”. A conversa decorreu nos bastidores de *Something's Got to Give*, filme que nunca viria a estrear – despedida devido ao seu estado depressionário, e posteriormente readmitida, a morte de Marilyn durante as filmagens levaria o realizador George Cukor a dar por terminada a obra.

Lawrence Schiller, o fotógrafo então com 25 anos, já a conhecia – fotografara-a em 1960 para a *Life*, no cenário de

Let's Make Love [n.d.r. *Vamo-nos Amar*, título com que foi exibido em Portugal] – mas nada o poderia preparar para a visão de uma Marilyn Monroe nua, a sair de dentro de uma piscina.

Como o próprio título indica, *Marilyn & Me* é um retrato – ou antes, um livro de retratos – fotografado e escrito na primeira pessoa. É o próprio Schiller quem relata a sua experiência de falar com, e fotografar a, grande estrela em acelerada decadência, muito pouco tempo antes de se extinguir. Não só a fotografou, como ainda conseguiu criar com ela laços de cumplicidade que seriam impensáveis para um rapazinho de Brooklyn, verde e inexperiente. Mais de dois terços das fotos são absolutas estreias, ou então foram publicadas de forma quase anónima, e com elas Schiller conta, usando grandes doses de tacto, humor e compaixão, o seu relacionamento com um mito vivo. Ainda.

Edição assinada pelo autor, adequadamente numerada e limitada a 1962 exemplares, esta monografia de capa dura e caixa em concha (29 x 39.5 cm) não é meramente um



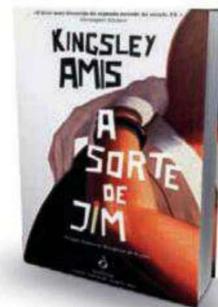
MARILYN & ME: A MEMOIR IN WORDS AND PHOTOGRAPHS

> LAWRENCE SCHILLER
TASCHEN, € 750

De novo uma edição Taschen. O que querem? A culpa é deles, só fazem grandes livros. E este é histórico, no ano do cinquentenário da morte de Marilyn Monroe.



repositório de imagens e textos sobre uma atriz de cinema; antes constitui, também, um valioso documento de 210 páginas sobre uma das mais importantes personagens da Cultura americana e, por inerência, mundial, da segunda metade do século XX. O recém-terminado 65º Festival de Cannes não deixou passar em claro o cinquentenário da sua morte, homenageando Marilyn Monroe como um dos maiores ícones da 7ª Arte. E Lawrence Schiller aproveitou para expor, numa galeria de arte da cidade francesa, algumas das fotografias deste livro. Disponível para encomenda online em www.taschen.com. **LUÍS MERCA**



A SORTE DE JIM

> KINGSLEY AMIS, QUETZAL, € 17.70

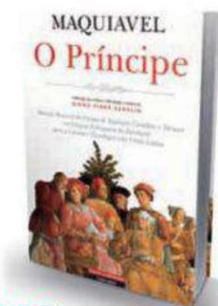
Em boa hora a Quetzal decidiu dar início a esta série dedicada à obra de Kingsley Amis (1922-95), romancista, poeta, crítico e professor. Neste *A Sorte de Jim*, Amis satiriza a realidade académica britânica e os pequenos *mind-games* e intrigas palacianas com que o jovem professor universitário James Dixon, o tal Jim, tem que se debater, numa sociedade provinciana e burguesa.



TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO

> JOSÉ EDUARDO AGUALUSA
D.QUIXOTE, € 15.90

"Pessoas com uma infância feliz (...) são mais difíceis de quebrar", lê-se a dado trecho desta *Teoria Geral do Esquecimento*. Agualusa regressa à sua Angola de 1975, pré e pós-independência, retratando o íntimo de uma portuguesa que vive por dentro, mas analisa como se estivesse de fora, as transformações que o país sofreu nas últimas três décadas.



O PRÍNCIPE

> MAQUIAVEL, TEMAS & DEBATES € 16.90

Escrito em 1513, mas se tivesse sido esta manhã teria exactamente a mesma actualidade. Niccolò Machiavelli estabeleceu aqui as bases da ciência política moderna - tão moderna que o adjectivo baseado no seu apelido ainda hoje indica astúcia, esperteza, sentido de oportunidade. De leitura e consulta frequente, para perceber como funciona o mundo que nos rodeia.



UEFA EURO 2012

(PS3, XBOX E PC)

EM MÊS DE EUROPEU, era inevitável destacarmos o... jogo do Europeu. Ao contrário do que aconteceu noutros anos, pela primeira vez não foi lançado um jogo, mas sim um DLC (uma versão disponível para *download*). Para o fazer, precisa de ter o jogo *FIFA 12*. Além disso, ligação à Internet, € 19.99 se estiver a jogar numa PS3, ou 1800 pontos, caso tenha uma Xbox. A principal novidade é o modo de Expedição, semelhante ao World Tour estreado em *FIFA Street*. Começamos por criar um jogador Virtual Pro e escolhemos uma equipa, o equipamento e até o

emblema. Depois entramos numa competição que lembra o Risco, o jogo de tabuleiro que consiste em conquistarmos o mundo. Entramos num dos grupos da fase de qualificação, com jogadores escolhidos aleatoriamente, mas todos fracos, e após cada vitória criam-se estradas para ligar a outros países e grupos. Em caso de sucesso podemos escolher um reserva dessa selecção. Se os batermos novamente, podemos ficar com um suplente e, ao terceiro triunfo, roubamos um dos titulares. Podemos repetir este processo com cada uma das 53 seleções,

para conquistar a Europa e completar as 180 peças de um mosaico que apresentará uma imagem surpresa. No modo do Europeu tiraram-nos o apuramento, disponível noutros anos, e só disputamos a fase final. Nos já indispensáveis Desafios, quando escrevemos esta análise éramos convidados a ser a Espanha, que vencia a Escócia por 2-0 aos 53 minutos, e tínhamos de chegar aos 6-0. Por último, temos o Europeu online. Escolhemos uma selecção e eliminamos todos os adversários, rumo à final no estádio olímpico de Kiev. **TIAGO BEATO**



SILENT HILL: DOWNPOUR

(PS3 E XBOX)

➤ Se tem uma música feita pelos Korn é, no mínimo, especial. É o caso do oitavo jogo da saga de *Silent Hill*. E destacamos tanto o áudio porque é um factor determinante, num jogo que aterroriza quem se atrever a experimentar. Nos combates, Murphy vale-se de tudo, desde martelos a picaretas. Prepare-se para resolver *puzzles* e enfrentar a chuva, o nevoeiro e a escuridão, no mais profundo terror psicológico.



PROTOTYPE 2

(PS3, XBOX E PC)

➤ Basta vermos o *trailer*, com actores reais, e é impossível ficarmos indiferentes à narrativa. O sargento Heller perde a família, vítima do vírus blacklight, e procura vingar-se do responsável pelo cataclismo que assola Nova Iorque. Estão lançados os dados desta história de violência, viciante, na qual cada monstro eliminado é mais um passo rumo à vingança. Novos inimigos, novos poderes, novo sucesso de vendas.



SHARK DASH

(IOS)

➤ Tem a mesma mecânica do famoso *Angry Birds*, mas é mais complexo. Não se iluda com o aspecto infantil, porque só os mais astutos terão sucesso. Sharkee vive numa banheira e tem de acabar com os patos que invadem o seu *habitat*. Temos de puxar o rabo do tubarão e lançá-lo para onde quisermos, com o cuidado de o manter na banheira. São 96 níveis e quebra-cabeças, que exigem muita perícia e dedicação!

HOSPIT

H

1/300

SÃO AS PROBABILIDADES DE MORRERMOS NO HOSPITAL, ENQUANTO QUE NUM AVIAO SÃO DE 1/10 MILHÕES. SE TEM MEDO DE ANDAR DE AVIÃO, ENTÃO PENSE DUAS VEZES ANTES DE SE METER DENTRO DO PRÓXIMO HOSPITAL...

TRIVIAL



30x

SEGUNDO UM ESTUDO, OS RESIDENTES DE ADELAIDE, NA AUSTRÁLIA, CONSOMEM SPEEDS 30 VEZES MAIS QUE OS EUROPEUS

63%

PERCENTAGEM DE JOGADORES QUE ACTUARAM NA I LIGA DE 2011/12 QUE SÃO ESTRANGEIROS. SÓ O CAMPEONATO DO CHIPRE SUPERA ESTE NÚMERO

66%

PERCENTAGEM DE JOVENS CAUCASIANAS QUE CONSIDERA AS PESSOAS BRONZEADAS MAIS ATRAENTES

€ 8.7

milhões

VALOR GASTO NO VERÃO DE 2010 NUM PROGRAMA QUE CRIOU 52 TEMPESTADES ARTIFICIAIS NO ÁRIDO DESERTO DE ABU DHABI

34.4° C

O SÍTIO MAIS QUENTE DA TERRA FICA NA ETIÓPIA E TEM ESTA TEMPERATURA MÉDIA ANUAL

VAMOS LÁ, CAMBADA!

Em 1986, Portugal regressava a uma fase final de um Mundial, vinte aos depois. E José Esteves – a mítica personagem de Herman José – dava voz à vontade do povo. No próximo dia 8 de Junho, arranca, na Polónia e na Ucrânia, o 14º Campeonato da Europa de Futebol. Já se sabe que Paulo Bento se vai manter na equipa das quinas até 2014, mas também se diz que Portugal ficou no “grupo da morte”, competindo com Alemanha, Dinamarca e Holanda. Se em 1986 se vivia a geração de Gomes, Bento, ou do mais concentrado dos “sócios”, Paulo Futre, em 2012 o país vibra com as habilidades de Ronaldo, Nani e Coentrão. Para acompanhar a Selecção Nacional no palco dos sonhos, eis 11 canções para ouvir durante o Euro 2012. Seja ele qual for o onze, “deixem-se de tretas, força nas canetas, que o maior é PORTUGAL!” ANA VENTURA

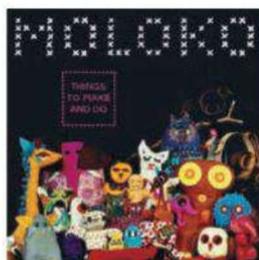
11



QUEEN

> We Are The Champions

Mai sabia Freddy Mercury que a canção do álbum dos Queen, de 1977, *News Of The World*, se viria a tornar o grande hino das equipas de futebol. Se tudo correr bem, é isto que Portugal vai cantar quando, a 1 de Julho, levantar o grande troféu.



MOLOKO

> The Time Is Now

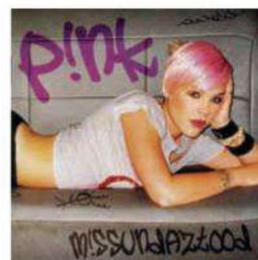
Em *Things To Make and Do*, do já distante ano 2000, os Moloko anunciavam aquela que se tornaria a suprema oração electro-pop de qualquer campeonato de futebol que se preze: aqui não há espaço para amanhã. Aqui, o futuro vive-se hoje!



METALLICA

> Nothing Else Matters

Incluído no álbum que capatuitou os Metallica para o *mainstream*, *Nothing Else Matters*, de 1991, esta bem pode ser a suprema inspiração para qualquer desafio de futebol. Durante 90 minutos, do início calmo à grande explosão final, nada mais importa.



PINK

> Get The Party Started

Festa? Então oiça-se Pink e o single de *Missundaztood*, de 2001. No teledisco, descreve-se uma noite de celebração, onde, apesar dos muitos obstáculos, Pink consegue chegar à festa. Que importa que o jogo seja difícil, se o olhar estiver colocado na vitória final?



BON JOVI

> It's My Life

Durante um mês, o Euro 2012 será o centro de todas as atenções – vive-se, come-se e sonha-se com futebol. Os Bon Jovi não devem ser propriamente fãs de soccer mas, em 2000, no álbum *Crush*, ofereceram-nos a canção perfeita para a fase final de um Euro!



BEAUTIFUL DAY

> U2

É de esperar que Bono Vox & Cia. venham a torcer pela sua República da Irlanda – o que não quer dizer que a sua versão de um dia perfeito, explanada em *All That You Can't Leave Behind*, de 2000, não possa ser vir a ser entoada por qualquer outra selecção.



KAISER CHIEFS

> I Predict A Riot

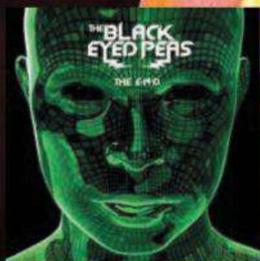
Adoptaram o nome de uma equipa sul-africana de futebol: só por isso, já merecem estar nesta lista. Mas também fazem profecias: esperam-se “motins” na Polónia e na Ucrânia, uma imensa luta de titãs, uma chuva de golos. E que Portugal ganhe, claro.



DAFT PUNK

> One More Time

Em 2001, no álbum *Discovery*, os franceses Daft Punk usavam e abusavam dos efeitos de voz, para anunciarem aquilo que, no estádio, a multidão mais anseia por repetir num jogo: só mais um! Venham de lá esses golos.



BLACK EYED PEAS

> I Gotta A Feeling

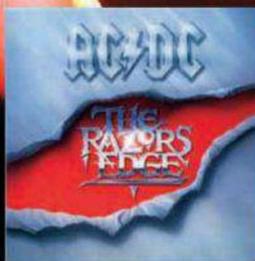
Não deu grande sorte a Quêrós, no Mundial de 2010, mas nem por isso os B.E.P. deixam de servir de inspiração! Surgiu em *The E.N.D.*, de 2009, um dos maiores sucessos do grupo de Miss Fergie.



CEE LO GREEN

> F**K You

Depois de Gnarls Barkley, Cee Lo Green voltava (a solo em 2010 às luzes da ribalta, com *The Lady Killer*. O primeiro single, *F**k You* (ou *Forget You*, para menores de 18), bem pode ser entoadado para o árbitro que não viu a falta que podia fazer a diferença... ou para o jogador que falha o penalty decisivo!



AC/DC

> Thunderstruck

Liguem os amplificadores, olçam as guitarras e gritem a plenos pulmões. Em 1990, os australianos AC/DC editavam *The Razor's Edge*: é certo que o futebol não é o desporto-*rel* na terra dos cangurus, mas aquela fúria pode inspirar qualquer jogador.

Novidades



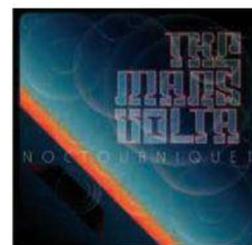
> Bruce Springsteen **WRECKING BALL**

É o novo capítulo da narração da história americana que Bruce Springsteen começou nos Idos 1970s. Depois do optimismo de *Working On A Dream*, em *Wrecking Ball* surge a tristeza de uma sociedade sufocada pela crise, onde as personagens não querem dinheiro, mas emprego. Pode ser calmo nas melodias mas é puro punk: revoltado e inconformado.



> Norah Jones **LITTLE BROKEN HEARTS**

Parte do jazz sem o ser, e canta amores despedaçados, como se a dor pudesse descobrir um caminho glorioso. Norah Jones senta Danger Mouse (metade do Gnarls Barkley) na cadeira da produção deste quinto álbum. O resultado percorre melodias discretas e apaixonantes, com cambalhotas em tons dub e pós western-spaghetti. E humor. E ironia.



> The Mars Volta **NOCTOURNIQUET**

São apenas dois, mas fazem discos como se de uma multidão se tratasse! Há prog-rock, sim, mas também há art-rock cuidado, repleto de pormenores. As longas peças são (praticamente) abandonadas, mas a música continua tortuosa e sumptuosa - aqui, inspirada pelo arqui-inimigo do Super-Homem! Tudo para ver, ao vivo, a 14 de Junho, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa.



Dead Combo

A prestação no programa *No Reservations* pôs os Dead Combo no sítio onde devem estar: os tops internacionais. No palco, interpretam personagens misteriosas, clandestinas, envolventes. Mas a meio da manhã, entre cafés e águas com gás, respondem pelos nomes de Pedro Gonçalves e Tó Trips. Dois gajos normais, a quem a fama não retira liberdade.

Texto Rita Lúcio Martins

01 Quase dez anos depois da formação oficial dos Dead Combo, 2012 é uma espécie de ano da consagração? **“**É o ano em que temos mais visibilidade. Aconteceu uma data de coisas ao mesmo tempo, o que fez com que chegássemos a mais pessoas. Mas sentimos que temos muito para dar.

02 Os Dead Combo estão na moda? **“**Qualquer pessoa que esteja neste negócio arrisca-se a que isto aconteça, e temos é que ficar felizes pelo sucesso que estamos a ter. Mas também não diríamos que estamos na moda. O que se passa é que ficámos mais conhecidos. Mas isso não tem quaisquer implicações na nossa música. Vamos continuar a ser os mesmos gajos de sempre.

03 A vossa participação no programa *No Reservations* explica parte dessa visibilidade. Como é que a colaboração se proporcionou? **“**Eles trabalharam com uma produtora local, que recolheu várias hipóteses de

20 PERGUNTAS

alinhamento. O único pedido específico que tinham estava relacionado com a presença do Lobo Antunes. O Bourdain é fã dele e queria tê-lo na reportagem. Tudo o resto, foram sugestões da produtora portuguesa. Depois, eles escolheram entre as várias hipóteses. A verdade é que não fazíamos ideia de quem era o Anthony Bourdain. Só nos começámos a aperceber da sua popularidade através de muita amiga que acompanhava o programa. Mas correu bem. Ele é um gajo completamente normal, que podia estar aqui, agora, à conversa connosco.

04 Semanas depois do programa ter sido emitido nos Estados Unidos, entraram para a tabela americana do iTunes. É a velha história de que, às vezes, é preciso vir alguém de fora? **“** Sim, mas atenção: entrámos para a secção de World Music, caso contrário já havia helicópteros a sobrevoar esta zona [risos]. Hoje parece que as pessoas precisam de programas de televisão que lhes digam o que conhecer. A verdade é que a malta já aqui anda há dez anos... mas para ter sucesso é preciso ir a um programa de televisão. Normalmente, ou se tem uma editora por trás que faz esse trabalho de promoção, ou há um golpe de sorte. No caso dos Dead Combo, essa máquina não existe nem irá existir, é uma coisa que não nos interessa. Cabe-nos aproveitar esta oportunidade para fazer contactos lá fora. Esta colaboração funciona sobretudo como um bom cartão de visita para podermos falar com as agências estrangeiras.

05 Já vos abriu algumas portas? **“** Já. Algumas agências, nos Estados Unidos e na Alemanha, que não nos ligavam nenhuma, agora procuram-nos. Mostrámos-lhes o nosso trabalho no ano passado, que é precisamente o mesmo deste ano, e de repente ele passou a ser considerado e valorizado. A história do programa de televisão prova que até temos um valor comercial que, se calhar, não era reconhecido. Prova, ainda, que há coisas exportáveis na cultural nacional.

06 Já colaboraram com vários músicos estrangeiros. Esta exposição pode trazer novidades a esse nível? **“** Trabalhámos com pessoas que admiramos. Não as convidámos com outro intuito que não esse. Sempre que fazemos um convite, pensamos na música e em mais nada.

07 Muita gente considerava-vos, na essência, uma banda lisboeta. Concordam, ou o momento que atravessam é precisamente a confirmação do contrário? **“** Sempre dissemos que somos deste país e desta cidade,





e havemos de continuar a dizê-lo. Mas compreender a nossa música não implica necessariamente conhecer Lisboa.

08 Lisboa Mulata (2011) é um álbum mais eclético, com influências que vão desde Cabo Verde até à América do Sul. Isto irá contribuir para uma maior identificação vossa com um público mais alargado? «A verdade é que nunca pensamos se o disco vai vender muito ou se vai ser entendido por mais pessoas. Fazemos o que achamos que devemos fazer. Ainda não tínhamos explorado esse universo das sonoridades africanas que existem aqui em Lisboa. Se calhar, a grande diferença deste disco para os anteriores é que os anteriores são um bocadinho mais escuros, este tem outra luminosidade.

o Bairro Alto, os encontros fortuitos?

«Quando começámos, estávamos cansados. Queríamos que não nos chateassem muito [risos], tocar na ZDB (n.d.r. Galeria Zê dos Bois) e pouco mais. Mas gravámos o tributo ao Carlos Paredes, depois veio o primeiro disco, os primeiros concertos, a crítica foi boa... Fizemos o percurso que achamos que uma banda deve fazer. Passa muito pelo boca-a-boca, pelo tocar em sítios pequenos...

11 Mas há uma altura em que a ideia ganha objectividade. Por exemplo, como é que decidem interpretar personagens em palco? « Foi daquelas coisas que acontecem quase por acaso. Entrámos numa filmagem do Edgar Pêra, uma espécie de western filmado no Bairro Alto, e uma

12 O lado cénico é muito importante nos vossos espectáculos. Admitem a possibilidade dessa ambiência mudar? «As personagens irão ser as mesmas. Seremos sempre aqueles dois gajos, o cangalheiro e o gangster. Quase duas personagens de banda desenhada. Na realidade, aquilo de que gostamos mesmo é de fazer música. Claro que nos preocupamos com o lado visual, mas é a música que levamos mais a sério. O resto...

13 O Carlos Paredes acaba por estar na génese de tudo isto. É ele a vossa referência? «Há outras, mas quando o ouvimos somos transportados para este país, e sempre tivemos a preocupação de que o nosso som tivesse uma certa portugalidade. É também aí que reside a nossa diferença.



09 A mestiçagem acaba por ser um caminho interessante... « Sem dúvida que sim. Já tínhamos misturado coisas, mas nunca tínhamos verdadeiramente assumido essa coisa da mestiçagem. Ainda por cima não temos voz, não somos uma banda de singles, tudo isso transmite uma certa universalidade. Depois, também é verdade que, apesar de sempre termos dito que somos de Lisboa, nunca tínhamos posto Lisboa na capa ou no nome de um álbum.

10 Os Dead Combo surgem um pouco por acaso, um dia, num passeio pelo Bairro Alto. Poderá vir exactamente daí a vossa essência – a noite,

«O concerto da Aula Magna foi uma coisa diferente, foi um sonho e um desafio. Não que agora estejamos a pensar em fazer o Atlântico...

das personagens usava uma cartola de cangalheiro. Depois decidimos criar outra personagem. A ideia é que as pessoas entrem no nosso universo, que é um bocadinho underground.

14 Há algum sítio certo para ir ouvir os Dead Combo? «O sítio onde nos sentimos mais à vontade para tocar talvez seja mesmo a ZDB. É lá a nossa casa, tocamos lá regularmente, as pessoas que nos estão a ver são nossas amigas. O concerto da Aula Magna foi uma coisa diferente, foi um sonho e um desafio. As bandas precisam de se auto-propôr esses desafios. Não que agora estejamos a pensar em fazer o Atlântico... [risos]

15 Mas vão a Paredes de Coura. «Já tocámos em palcos grandes e para muita gente. É diferente, até por ser ao ar livre.



16 Que bandas portuguesas consideram mais interessantes?

☛ Tanta gente... nomear uns implica esquecer vários. Os Linda Martini, os Paus, o Filho da Mãe, Norberto Lobo, Capitão Fausto, tantos outros... É interessante notar que esta malta mais jovem troca muitas idelas, interage muito.

17 Se tivessem de imaginar um filme para a vossa banda sonora, qual seria a história?

☛ Dois gajos livres e sem compromissos. Um filme de rua, até podia ser de época. Um daqueles em que há uma história sem haver história alguma. Aquelas personagens que aparecem e nunca se percebe bem quem são.

18 Vão actuar em Cannes, na festa de lançamento de *Cosmopolis*, de David Cronenberg.

☛ Sim, o convite partiu do Paulo Branco, que é o produtor do filme. Vai haver um jantar para cerca de mil pessoas, e segue-se o concerto. Depois ainda vamos pôr música.

19 Como vêem o momento actual da cultura nacional? Por um lado, energia criativa; por outro, a anunciada falta de apoios.

☛ A grande vantagem da música é não depender directamente do Estado. É mais imediata do que o teatro ou o cinema, por exemplo. Pegamos nos instrumentos e tocamos. Neste país a cultura nunca é vista de uma forma séria. Custa-nos perceber estas políticas, não há um plano, morre-se na praia. Quem tem idelas, quem quer fazer coisas, está a perceber que não pode contar com apoios e está a virar-se para fora. É triste que tenha que ser esse o caminho, que tenhamos que sair para sobreviver.

20 O vosso plano passa por aí, ainda que a tempos?

☛ Neste momento queremos transformar o que nos está a acontecer em algo concreto, em trabalho. Na realidade, estamos a fazer o que esses gajos querem: que as pessoas saiam daqui para ir ganhar a vida noutros sítios. O último álbum será lançado na Alemanha e em França, no início de 2013. Por isso, para nós, é quase como se tivesse uma segunda vida. E isso também nos dá mais tempo para pensar.



AS COXAS DO LJUBO



FOI NA ESCOLA Hemijsko Tehnološki Obrazovni Centar, em Belgrado, que Ljubomir Stanisić iniciou a carreira, em 1994. Podia ser o início da história de um novo reforço do Benfica, mas há muito tempo que Ljubo, como é conhecido entre os amigos, deixou de ser um anónimo para os portugueses, e é fácil de perceber que falamos de outra área. Trata-se, obviamente, de um dos chefs mais reconhecidos da cozinha portuguesa.

Tirou um infundável número de cursos, desde pastelaria e padaria à tecnologia do

chocolate, passando pela cozinha italiana até à gastronomia molecular, com um vastíssimo currículo para um cozinheiro de apenas 33 anos.

Chegou a Portugal e teve em Vítor Sobral um professor que lhe abriu outras portas. Passou a chefe de cozinha, esteve em inúmeros restaurantes e, depois de muitas voltas, tornou-se proprietário do 100 Maneiras. Mas não se ficou por aqui. Em 2011 ganhou ainda mais mediatismo, ao ser escolhido como jurado do primeiro programa *Masterchef* em Portugal. Ainda no mesmo ano lançou o seu segundo livro, o *Papa Quilómetros - Uma Caminhada Pela Gastronomia Portuguesa*. Já premiado, o livro foi o pretexto para voltar à televisão, e o *Papa Quilómetros* passou a programa do novo canal 24 Kitchen. Faltava a Playboy para pôr a cereja no topo do bolo. Isso e o filho que espera com a jornalista Mónica Franco. **TIAGO BEATO**

COXAS DE RÃ COM CEBOLA ROXA E COGUMELOS

➤ INGREDIENTES (PARA 4 PAX)

Para as coxas

- 20 coxas de rã com osso (previamente limpas e arranjadas)
- 50 g farinha
- 40 g manteiga
- 50 ml caldo galinha
- Cerefólio picado qb
- Sal e pimenta qb

Para os cogumelos

- 150 g sanchas
- 150 g trompetas
- 150 g pé-de-carneiro
- 150 g tortulhos
- 2 chalotas picadas
- 20 g manteiga
- Azeite, sal e pimenta qb

Para a cebola roxa

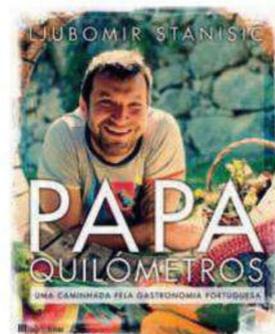
- 4 cebolas médias
- 50 ml vinagre de Moscatel
- 1 colher de sopa de mel
- 50 ml natas azedas
- 30 g manteiga
- Sal e pimenta qb

PREPARAÇÃO

Numa frigideira com manteiga bem quente, adicionar as coxas de rã temperadas com sal e passadas pela farinha. Quando ficarem douradas, retirar da frigideira e escorrer a gordura. Na mesma frigideira, adicionar o caldo de galinha. Deixar reduzir até metade. Temperar com pimenta moída na hora e cerefólio picado.

Para os cogumelos: Derreter a manteiga numa frigideira. Adicionar as chalotas e, de seguida, os cogumelos previamente limpos e arranjados. Saltear até os cogumelos perderem a água e temperar de sal e pimenta.

Para a cebola roxa: Saltear em manteiga a cebola roxa cortada em meia-lua, sem deixar ganhar cor. Adicionar o vinagre, uma colher de mel, e deixar estufar em lume brando durante dez minutos. De seguida, juntar as natas e deixar ferver novamente em lume brando durante outros dez minutos.



PAPA QUILOMETROS

➤ Um livro de gastronomia que apela a todos os sentidos. Como poucos livros conseguem fazer.

QUINTA DO VALLADO DOURO WHITE RESERVA 2010

É o ex-libris dos brancos da Quinta. E resultado de grande orgulho para os responsáveis, já que a Wine Spectator (a bíblia da crítica vinícola) lhe atribuiu 91 pontos. Até hoje, só um vinho do Douro tinha tido mais (92 pontos). A pontuação reflecte também o trabalho que estes Douro Boys têm feito a favor do reconhecimento internacional dos vinhos do Douro. O Vallado Reserva Branco, versão 2010, é inegavelmente um excelente vinho, em corpo e acidez. É cítrico, também, mas o seu sabor é muito mais complexo do que isso. Estagiou cerca de dez meses em barricas de carvalho francês, e casa muitíssimo bem com carnes brancas e peixes gordos mas, também, se não forem gordos não há problema nenhum.

A Quinta tem ainda outros dois brancos – o Vallado Branco 2011, por € 6, e o Quinta do Vallado Moscatel Galego Branco 2011, por € 8,50 – que, sem atingirem a excelência deste reserva, são vinhos muito bons por direito próprio, e a preços mais convidativos.

Castas Rabigato, Verdeho, Viosinho e Arinto

Produção 5 300 garrafas

Teor Alcoólico 13,5 % vol.

Servir Entre 6º e 8º

Preço € 17



QUINTA DO CRASTO

Este Crasto Branco 2011 é um dos vinhos mais frescos e, ao mesmo tempo, mais elegantes que vai encontrar neste Verão.

Nas castas, nada de novo – Gouveio, Roupeiro, Cercial e Rabigato – mas destacamos o intenso aroma a citrinos. Um vinho que se adapta a vários pratos e não só ao tradicional peixe. Não sendo propriamente barato, também não é assustador.

€ 9,90



HERDADE DA MALHADINHA

Colheita de madrugada, que é como quem diz, muito pela fresquinha, e em todo o processo de vinificação a temperatura nunca ultrapassou os 14º. Com 65% de Arinto, 25% de Viozner e 10% de Chardonnay, este vinho tem um final suave e cremoso, mas com alguma acidez, o que lhe dá equilíbrio e faz dele um dos nossos brancos preferidos. € 18



PAÇO DOS CUNHAS DE SANTAR

A Revista de Vinhos dá-lhe um prémio de excelência e atribui-lhe uma pontuação bem acima do seu preço. Percebe-se bem porquê. Trata-se de um vinho poderoso, chelo, e que, apesar de ser um branco, joga muitíssimo bem com a maioria dos pratos de carne (exceptuando, talvez, a feijoada). € 22

AMARELO, ROXO...

Para dizer a verdade, ficámos meio sem saber o que pensar desta novidade da J&B: tem piada, ou não, vestir a tradicional garrafa com tanta cor? Mas depois pensámos que é a primeira vez, desde 1749, que a Justerini & Brooks mexe na sua tradicional garrafa verde, pelo que tinham de ter um bom motivo para o fazer. Oficialmente esse motivo é identificar o whisky com o consumidor mas, cá para nós, foi mais para agradar a um público mais feminino e, no fim de contas, não é isso que todos nós queremos?





VIAGEM



ORGULHO NACIONAL

DIZ-SE QUE O TURISMO E O VINHO são dois dos maiores trunfos de Portugal. Nós dizemos que são aliados poderosos, principalmente em dias de descanso, passados a comer bem e a beber melhor, antes ou depois de um mergulho de Verão...



► O NOVO E O ANTIGO NA QUINTA DO VALLADO ► A VISTA DO RESTAURANTE DO THE YEATMAN ► QUARTO COM VISTA PARA AS ESTRELAS NO L'AND VINEYARDS ► PISCINA E VINHAS DA QUINTA NOVA DE NOSSA SENHORA DO CARMO



A partir do The Yeatman, em Gala, a vista sobre o Porto é magnífica. Melhor só mesmo um jantar no restaurante que, graças ao *chef* Ricardo Costa, conquistou uma estrela Michelin logo no primeiro ano. É assim que começa esta viagem, com alojamento num hotel vinico de luxo, com 82 quartos e suites de decoração clássica, e vários programas dedicados ao vinho, onde se incluem jantares temáticos, provas e seminários. Na verdade, The Yeatman assume-se como um embaixador dos vinhos nacionais. Para este Verão, por exemplo, está preparada uma nova carta com 82 vinhos a copo.

Do Porto seguimos para as margens do rio Corgo, perto da Régua. A Quinta do Vallado é um marco histórico no Douro. Pertenceu à lendária Ferreirinha e está há seis gerações na família. João Ferreira Álvares Ribeiro, Francisco Ferreira e o enólogo Francisco Olazábal (da Quinta do Vale Meão), são os responsáveis pelos vinhos e também pelo projecto de enoturismo, que começou numa ala da casa de família e que, há apenas dois meses, foi ampliado com a abertura de um novo hotel rural. Não muito longe, em Covas do Douro, a Quinta Nova de Nossa Senhora do Carmo, do grupo Amorim, também tem novidades. Com 85 hectares de vinhedos, um hotel de 11 quartos numa casa senhorial e uma loja de vinhos na Estação do Pinhão, possui agora um winery restaurant chamado Conceltus. As ementas são comandadas pelos vinhos, privilegiando os sabores locais e os produtos de época.

Trocando os socalcos pelas planícies alentejanas, o L'AND Vineyards é um wine resort com 22 suites. Uma adega no edifício central permite aos hóspedes aprofundar a cultura enológica e, quem aqui comprou casa, tem a possibilidade de ter vinha e produzir o próprio vinho, controlando todo o processo, desde a selecção de bagos à vinificação. Sem essa sorte, resta-lhe passar a noite, literalmente, a ver estrelas numa Sky View Suite (com "tecto de abrir" mesmo por cima da cama!). O segundo spa Caudalle em Portugal (o primeiro fica no The Yeatman), com os tratamentos à base de uva que estão na origem da vinoterapia da marca francesa, e o restaurante dirigido por Miguel Laffan, uma deliciosa reinterpretação da cozinha portuguesa, também são bons motivos para sair já de casa. **CATARINA PALMA**

ILUMINAÇÃO COM SUAVIDADE

Vêm de longe, da ilha de Taiwan, e são projectados pela QisDesign. Peças únicas de iluminação, produzidas a partir da tecnologia LED, foram baptizadas como Coral Reef e allam à sua enorme elegância um design minimalista, inspirado nos corais naturais. Com versões para mesa e para chão, os Coral Reef propõem uma plataforma de ajuste ao toque muito intuitiva, permitindo o controlo de posição e intensidade.



RELAXAR À BEIRA DA PISCINA

> VÍCTOR M. ALEMAN

O Verão está a chegar! Para muitos, um bom dia de Verão é um dia passado à beira de uma piscina, protegido do sol, entre a troca de palavras cúmplices com uma boa companhia e a tranquilidade de um bom livro. A pensar nesses dias, Víctor M. Aleman criou a Loopita Bonita (Double Patio Lounger) que, para além de bastante confortável, encerra numa só peça muita originalidade e uma funcionalidade admirável.





O VINIL ESTÁ IN

Já tínhamos percebido que o vinil estava de volta, principalmente para melômanos inveterados, mas agora Pavel Sidorenko encontrou uma outra forma de colecionarmos os velhos "pratos" de PVC. Este estoniano decidiu produzir relógios de parede a partir de discos de vinil, e a verdade é que, para além de darem as horas, estas peças são de uma originalidade extrema. Únicos, cada um destes relógios é manufacturado pelo próprio, reflectindo a silhueta de uma imagem particular, definida por encomenda no seu site. A tudo isto junta-se o facto de os próprios discos serem cópias de grandes clássicos do passado. **MARCO REIS**



*Desculpe, senhor, mas não tínhamos fruta
para deixar no seu quarto...*



PLAYTIME

Hedonismo sem preconceitos



PLAYMATE DO MÊS

Em Junho, trazemos-lhe a Playmate do Ano nos Estados Unidos. Jaclyn Swedberg tinha sido Playmate em Abril de 2011, mas agora venceu o concurso anual e foi capa da Playboy americana



PLAYMATE

JACLYN SWEDBERG

ACABA DE SE TORNAR PLAYMATE DO ANO NOS EUA. E COM UM NOVO PROGRAMA DE ENTREVISTAS NA PLAYBOY TV, JACLYN SWEDBERG ESTÁ A UM PASSO DE CUMPRIR O SONHO DE SE TORNAR JORNALISTA DE TV.

Fotografia **Stephen Wayda**











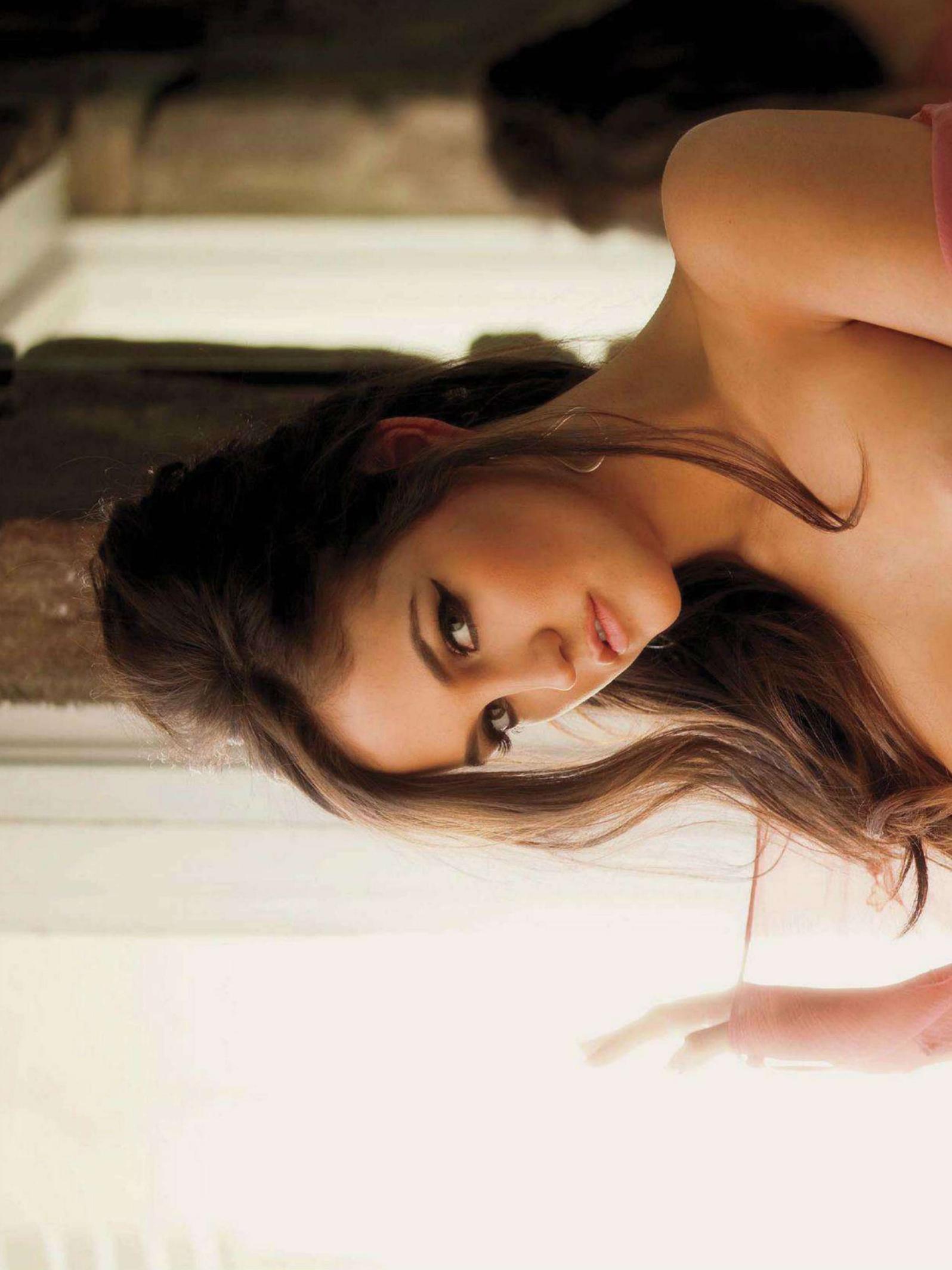














Jacklyn
Swedberg
Junho 2012

PLAYBOY[®]

NOME: Jaclyn Swedberg

IDADE: 21

NATURALIDADE San Pedro,
Califórnia, EUA

BUSTO: 34D CINTURA: 63.5

ANCA: 89 ALTURA: 1.65

MAIOR AMBIÇÃO?

Usar o meu novo estatuto como Playmate
para conseguir chegar a jornalista de televisão.

O QUE TE EXCITA?

É um mega cliché mas, de facto, adoro, fico mesmo excitada
quando um homem me faz rir.

O QUE TE INIBE?

Adoro homens com uma pele bonita, por isso, por favor, não me
chateiem com essas histórias de não quererem usar cremes.

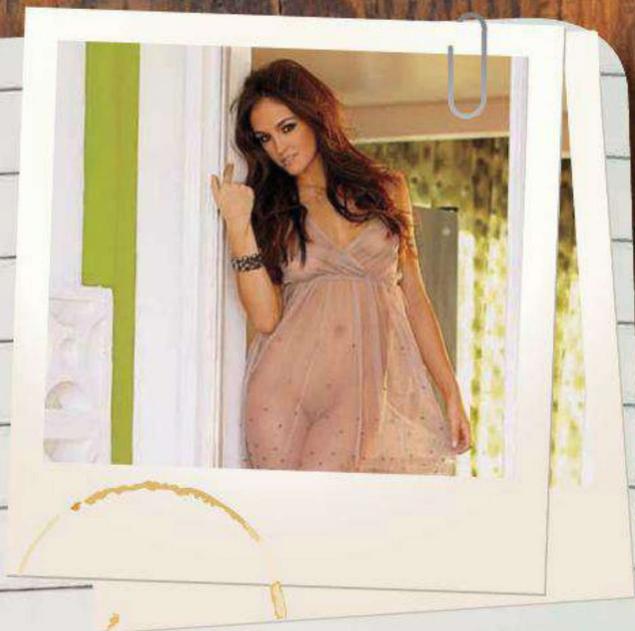
Eu compro-vos. E se os usarem, serão... RECOMPENSADOS! 😊

UM AVISO?

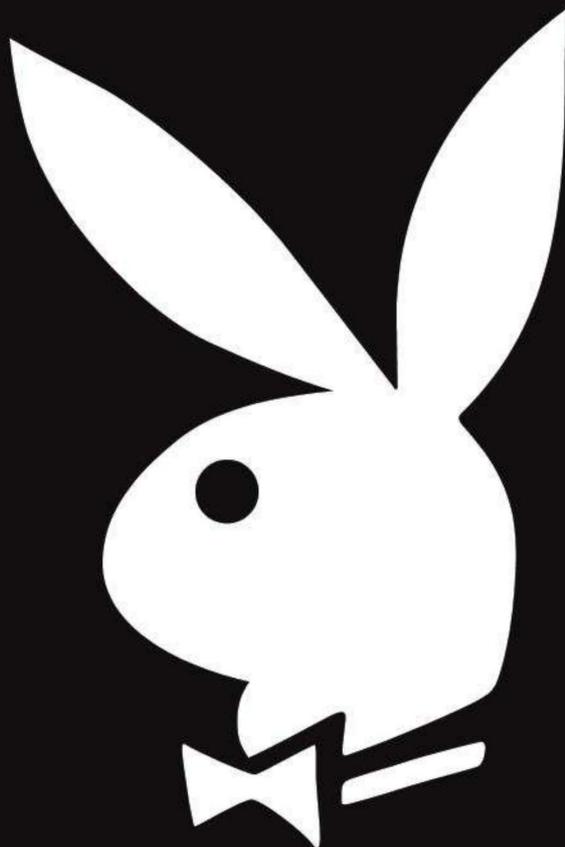
Façam o favor de ter boas maneiras. Porque, se não,
as recompensas acabam-se! ACABAM!

PARA LER?

Sou uma LEITORA COMPULSIVA e estou muito feliz e,
ao mesmo tempo, muito assustada, por ter descoberto a obra
de Jack Kilborn. A sua obra é terrífica. O seu medo fez-me
ter muito medo.







QUER SER UMA
ESTRELA?

CASTING PLAYMATE

Siga o mesmo percurso de grandes divas como Marilyn Monroe, Jane Mansfield, Ursula Andress, Kim Basinger, Drew Barrymore, Farrah Fawcett, Carmen Electra, Denise Richards, Lindsay Lohan ou Pamela Anderson. Envie 2 fotos de rosto e 2 de corpo inteiro, devidamente identificadas (nome, idade, localidade e profissão), para o e-mail casting@playboy.pt ou por correlo para PLAYBOY CASTING, Av. Eng. Duarte Pacheco, 19 - 7D - 1070-100 Lisboa

No final de 2012, a Playboy irá seleccionar a Playmate do Ano, de entre todas as Playmates do Mês. Um júri composto por nomes ligados aos universos da moda e do cinema, e pela Redacção da Playboy, irá seleccionar a Playmate do Ano. A eleita será capa na revista Playboy em 2013.

Regulamento em [facebook/PlayboyPortugal](https://www.facebook.com/PlayboyPortugal)

PLAYBOY 



Vânia Beliz

DE ORGASMOS

Como se pode aumentar o tempo até ao orgasmo?

Uma das principais preocupações masculinas é prolongar o tempo até ao orgasmo. Tendo em conta que as mulheres demoram mais do dobro a chegar lá, querer acompanhar a parceira é uma preocupação e uma necessidade. Quando assim é, uma boa forma é dar um avanço à parceira. Focar a atenção nela, estimulando-a, insistindo nos preliminares, deixando a penetração para o fim. O que importa é que consigam ter prazer. Um de cada vez ou em conjunto, como preferirem.

É possível ter orgasmo sem ejaculação?

Estamos habituados a associá-los. No entanto, podem acontecer em momentos diferentes, o que prova que são independentes. O orgasmo sem ejaculação é uma prática comum entre os Tântricos, que vêem na ejaculação uma perda de energia e defendem que a sua ausência permite prolongar o coito e levar o casal à conquista de muito mais prazer. Alguns homens que fazem tratamentos devido ao aumento benigno da próstata, também podem ter orgasmos sem que exista libertação de ejaculado... nestes casos, este, ao invés de ser expulso, acaba por voltar para trás, o que chamamos ejaculação retrógrada.

Porque é que as mulheres têm tanta dificuldade em atingir o orgasmo?

A estimulação insuficiente ou inadequada é um dos principais motivos para não chegarmos ao destino. Não quero, com isto, dizer que os homens são pouco

habilidosos, ou que não se esforçam... a verdade é que muitas mulheres também não sabem o caminho mais eficaz para lá chegar e, entre clítoris e vagina, parecem haver muitas dúvidas. A maior parte das mulheres não consegue atingir o orgasmo exclusivamente com a penetração, mas o sucesso aumenta quando referem a estimulação adicional do clítoris. Por isso, mãos à obra! O clítoris parece ser o nosso ponto central de prazer, nunca o descuidem. Lubrificação e pequenos movimentos circulares fazem toda a diferença.

É verdade que as mulheres fingem o orgasmo?

Infelizmente, algumas mulheres – com receio de magoar e frustrar os companheiros – fazem-no. Mas a mentira tem consequências... Se não dizemos a verdade, não podemos esperar que saibam como devem lá chegar. Apesar do orgasmo ser considerado o momento máximo da relação sexual, a sua ausência não significa que não tenhamos satisfação. Em matéria de orgasmos, somos muito diferentes: existem mulheres que os sentem de forma explosiva, enquanto outras os experimentam sem grandes manifestações... Se andamos incansavelmente à procura de orgasmos múltiplos, de pontos G, de ejaculação feminina, ou de outros mitos, podemos entrar num caminho de insatisfação e frustração. O importante é não criar ansiedade.

* A nossa sexóloga responde às perguntas mais frequentes que os homens lhe fazem no consultório. Envie as suas dúvidas para sexologia@playboy.pt

EDUCAÇÃO SEXUAL PARA RAPARIGAS FELIZES



Mônica Marques

UMA VEZ, depois de ter acesso a umas *Ginas* que estavam em baixo do colchão do meu irmão, fiz uns desenhos eróticos que a minha mãe descobriu, mas não disse nada. Isto foi para aí no começo dos anos 80, eu não teria mais que 13 anos e o meu irmão 11, e eu só descobri que ela sabia daquelas pequenas obras de arte porque, um dia, entrei no quarto dela e, para minha vergonha, lá estavam os desenhos debaixo de um cinzeiro pequenino, daqueles muito virginais, em prata. Fiquei tão mal, tão mal, que por dias não a encarei como deve ser, tal o tamanho da vergonha. Que o meu irmão mais novo tivesse *Ginas*

também servia para gozar... E quem diz uma banana diz o gargalo de uma garrafa, que era o que as meninas mais avançadas na minha geração usavam para descobrir as tais excitações e coisas existentes nos pipis. Isto veio dar origem a uma geração de pessoas, como dizer, que só começaram a gozar tardíssimo, incapazes de nos primeiros encontros sentirem alguma coisa de jeito, simplesmente porque não compareciam aos treinos quando jovens. E é preciso treinar para ser feliz, conhecer para dizer, etc. e tal e tal e coisa.

Como tal não aconteceu, estou completamente con-

As raparigas também crescem e deveriam todas ter sonhos libidinosos e sem culpa. Ainda para mais porque não deixam nenhum vestígio.

escondidas no quarto, tudo OK, era suposto; meias viscosas e lençóis esquisitos, à custa de argumentos lascivos, também. Estava a crescer. A menina é que, gostar de *Ginas*, era muito esquisito e preocupante. Porém, raparigas também crescem e deveriam todas ter sonhos libidinosos sem culpa. Ainda mais porque não deixam nenhum vestígio, a não ser as que não sabem fazer com aquilo outra coisa senão uns desenhos de "pilotas a entrar em pipis", que foi o que eu fiz, lembro bem, sentada na minha secretária branca, às flores alentejanas. Quer isto dizer que, aos 13 anos, vivia eu num país a correr para os Red Light Districts da vida, e mesmo assim era uma triste que se excitava a desenhar pipis peludos e pilas gigantes e não sabia o que era um vibrador, ou uns dedinhos exploradores ou que, na falta de jeito, uma banana

vencida que as que cresceram como as miúdas da geração de 70 chegaram um bocado tristonhas - ou então a fazer maluquices que já não deviam andar a fazer - à segunda Adolescência.

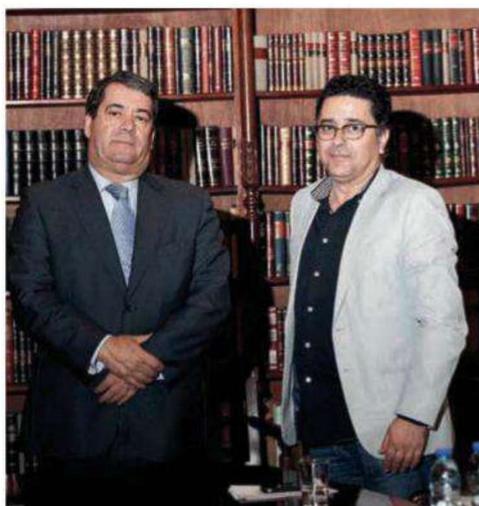
Proponho pois - armada em terapeuta - uma imediata revolução na educação sexual das miúdas do nosso país, tornando obrigatória, por uma questão de saúde pública, a distribuição de Kits Felicidade nas escolas. E o que devem trazer esses kits? Proponho que os ditos venham com um vibrador, bonitinho e de design - não daqueles que se encontram à venda nos chineses e que podem causar algum receio a aprendizes - mais um gel lubrificante e amigo dos pipis, e uma instrução simples e concisa: Mexa-se, se quer ser feliz e saber o que é la petite mort antes dos 25. Happiness.



Desculpe, pai. Não consegui esperar pelo dia em que tudo isto seria meu.

PLAYTALK

A grande entrevista por Pedro Rolo Duarte



Fotografia **António Moutinho**

NUMA ENTREVISTA, há duas coisas sempre desejadas, mas raramente conseguidas em simultâneo: ter a certeza de que vamos ouvir o que queremos, e sonhar com o momento em que o entrevistado nos surpreende com o que não pensámos que ele poderia dizer. Não sei qual destes itens é o melhor – mas posso garantir que ganhei as duas bicicletas ao princípio de uma tarde quente, na deslumbrante sala Adelino da Palma Carlos, no primeiro andar da sede da Ordem dos Advogados, ali encostada ao Rossio. Aqueles 70 ou 80 m² guardam a biblioteca de Palma Carlos – as madeiras, os lustres, as encadernações alinhadas milimetricamente, convocam silêncio e formalidade. O espaço determina a postura. Mas essa contenção e rigidez durou pouco tempo. O homem que entrou pela sala, de sorriso aberto e passo largo, desmanchou, com a atitude descontraída, qualquer formalidade aparente. António Marinho e Pinto, bastonário da Ordem dos Advogados, começou por confessar um secreto gozo em dar uma entrevista a uma revista... como dizer, uma revista que não é newsmagazine, nem de referência. É a Playboy, pronto. E usou a expressão “viúvas

virgens”, mais tarde repetida a outro propósito... Mas voltemos às coisas mais desejadas. A sério. Por um lado, confirmou que aqueles destemperos verbais que lhe conhecemos não são fruto de explosão súbita temperamental, e deles não se arrepende (exemplo a ler mais adiante: o que chamou recentemente à Ministra da Justiça, Paula Teixeira da Cruz); por outro, o anúncio de que quer ter uma intervenção política activa, maior e mais profunda, depois de terminado o seu mandato. Fiquei com a ideia de que não descartava ser, por exemplo, Presidente da República. Não me perguntem porquê. Se isto não chega para apimentar o começo de conversa com este advogado de 62 anos, cheio de garra, dono de um discurso torrencial, e sempre avassalador, que ainda promete um livro, abre a página da paixão pela astronomia, e recorda uma militância comunista que não resistiu à mistura fatal de ovos mexidos, organização e disciplina... então, há outras revistas nas bancas que também têm entrevistas para ler. Em nenhuma delas um homem diz que uma “barata tonta” é uma pessoa “politicamente desorientada”. Mas as revistas não são todas iguais. Lá está, como as pessoas.

MARINHO

BASTONÁRIO DA ORDEM DOS ADVOGADOS

e PINTO

I muito sobre a sua vida, o seu passado, tem uma biografia em livro e tudo. Mas gostava de saber qual é a primeira imagem que tem de si próprio. “A primeira imagem que tenho de mim é aos dois anos, a receber um cacho de uvas brancas do meu pai.

Porquê? “Não sei, mas é essa imagem. Depois disso tenho um conjunto multiforme de imagens, diversas, muitas imagens, sei lá...

Acho interessante não ter dúvidas sobre essa primeira imagem. “Sem dúvida, e o que posso dizer mais? É essa imagem... Sabe, eu sou ateu, mas admito que possa haver uma dimensão transcendente na existência. Eu procuro-a, e procuro-a às vezes dentro de mim, no mundo que me rodeia, penso muito sobre o que é que haveria antes de existir, o que acontecerá depois de morrer... Interrogo-me com frequência. Dentro da minha não-crença religiosa, penso no que vai acontecer depois, o que aconteceu antes, tenho uma vida espiritual intensa...

Mesmo sendo ateu? “Mesmo sendo ateu. Para mim, a vida espiritual não é adorar um deus, ou rezar a um deus. É procurar compreender o que me escapa, causas e justificações para o que não se explica... sabe que eu sou astrónomo amador?

... espere: o Doutor Marinho e Pinto é astrónomo amador?

“Pedro Rolo, aqui na entrevista eu sou o António Marinho.

António Marinho, é astrónomo amador? “Sim, astrónomo amador. Tenho o telescópio na minha aldeia e, sempre que posso (infelizmente menos, nos últimos tempos), vou para lá apontá-lo e interrogo-me sobre o espaço... para mim, a eternidade é o espaço. O tempo e o espaço entrecruzam-se numa linha, algures, não sei quando nem onde, e olhar para longe é olhar para trás, olhar para as estrelas distantes é olhar para a luz que saiu de lá há milhões de anos. Isso atrai-me e fascina-me. Deito-me à noite a olhar o céu, sem referência, e a dada altura sinto-me a cair para o ar, a uma velocidade estonteante.

Tem a noção que não é essa a imagem que passa para o público? “Oh Pedro, a imagem pública é uma personagem.

É uma personagem? “Sou uma personagem, *persona*, sabe o que é? Todos somos, todos pomos máscaras, várias máscaras. Vou dar-lhe um exemplo: na minha intimidade, Pedro, sabe qual é a música que eu gosto mais de ouvir hoje?

Não. “É o Jim Morrison. São os Doors. Sabe que ainda há pouco tempo fui a Paris e onde estive?

No Cemitério Père-Lachaise? “Claro, no Père-Lachaise, vou





No Cemitério Père-Lachaise? **“Claro, no Père-Lachaise, vou sempre ao túmulo do Jim Morrison, como vou sempre ao da Edith Piaf, do Oscar Wilde, dos republicanos fuzilados pelos nazis... Sabe que é raro abrir uma garrafa de vinho sem que o primeiro gole seja a recordar um amigo que faleceu, um familiar, o meu pai...”**

Como é que este Marinho e Pinto que vai ao Père-Lachaise e vê as estrelas se conjuga com o que vemos na TV, o homem que diz as coisas mais inacreditáveis que ouvir se pode?

“Eu digo as verdades.

Calma! Quando um homem, Bastonário da Ordem dos Advogados, diz que a ministra da justiça é uma barata tonta...

“Sabe o que é uma barata tonta? Quando vi as viúvas virgens a insultar-me por ter dito isso, fui ver aos dicionários. E o que está no dicionário é exactamente o que eu quis dizer: uma pessoa politicamente desorientada, que não sabe o que faz.

Desculpe, o senhor é um advogado, vive com as palavras, e sabe que uma coisa é dizer que a ministra é “politicamente desorientada”, outra é dizer que parece uma barata tonta...

“É uma expressão consagrada. Vi imensas referências do mesmo tipo, na Internet, por exemplo, sobre a Dilma Rousseff.

Portanto, a vaga ideia que eu podia ter de que o Bastonário seria um homem impulsivo, precipitado, exagerado, des-temperado, é falsa... **“As palavras têm o seu significado, e têm sempre um valor objectivo e subjectivo. Todos o sabemos. E é claro que utilizo as palavras muitas vezes com intenção de exacerbar a minha opinião, de caricaturar as situações.**

Não receia que isso desvalorize a sua opinião, que vulgareze as suas ideias? **“Quem anda a correr atrás de outras coisas é que tem essas preocupações estratégicas. Eu não tenho. Vou dizer-lhe: a primeira coisa que fiz quando cheguei aqui à Ordem, foi dispensar a agência de comunicação que trabalhava connosco. Não quero agências, não preciso nada disso, daqui a pouco estão a escolher-me a gravata. Não quero. Eu sou como sou: sou sério, sou honesto, nunca tive processos, tenho rigorosos padrões de ética e respeito pela legalidade. Agora, há coisas que têm de ser ditas, porque são verdade. E foi isto que, no meu discurso, surpreendeu a nossa sociedade, encharcada nas mentiras, nas conveniências, nas cumplicidades...”**

Surpreendeu a maneira como disse, a forma como fala, uma certa ideia de “nada a perder”, toda a liberdade do mundo. **“A liberdade não é um fim em si mesmo. A liberdade só faz sentido para se atingir outros fins. Acho que é um crime usá-la para encobrir, esconder, só porque incomoda. Nunca fiz um ataque pessoal, é sempre no domínio político. A mim atacam-me pessoalmente, dizem que sou boçal, que sou isto, que sou aquilo, mas eu não ataco ninguém. Só do ponto de vista político.**

Não se arrepende de nada do que dis-

se até hoje? **“Nada mesmo.**

Nem um excesso de linguagem? **“Oíça, só não erra quem está quieto, e mesmo esses... Eu falo, se voltasse atrás podia, num caso ou noutro, ter dito de outra forma, mas nada de essencial ou relevante. E quanto a essa da barata tonta, não, repito-a *ipsis verbis* em qualquer momento.**

Fiz uma espécie de sondagem manhosa, entre amigos, sobre o senhor, e 100% dos inquiridos disseram: Marinho e Pinto é um homem de esquerda. **“Sim, sou de esquerda. Os meus valores são de esquerda. Há um núcleo de valores que me orientam: liberdade, justiça, solidariedade. Acho que este último é predominantemente de esquerda. A direita substitui a solidariedade pela caridade, que é uma forma qualificada de humilhar o próximo.**

Teve um passado de militância política, chegou a ser da Juventude do PCP. **“Fui da UEC, sim senhor, até costumo dizer que fui da Juventude do PCP mesmo antes de existir. Tinha estado preso, em Fevereiro de 71, saí em finais de Abril, fazia trabalho político não partidário, agitação e propaganda, e quando saí da prisão perguntaram-me logo se queria pertencer à Juventude comunista. E eu aceitei, mas foi por pouco tempo: em Outubro de 73 já tinha saído.**

Antes de tudo, antes até do 25 de Abril. **“Olhe, Pedro, basicamente saí porque a UEC, naquele tempo, era só disciplina, organização e ovos mexidos!**

Como?! **“Sim, nós na faculdade, entre amigos, discutíamos política, ideologia, víamos um filme, e éramos capazes de passar uma noite em branco a debatê-lo. Quando entro na UEC, sou confrontado com longas reuniões clandestinas, onde se discutia disciplina, organização, e de vez em quando alguém fazia uns ovos mexidos, comíamos, e depois continuávamos a debater a disciplina e a organização... saí logo.**

Escolheu ser advogado? **“Fui para advogado devido à minha formação religiosa, veja bem... Eu teria seis ou sete anos, e fiz esta pergunta a um familiar meu: porque é que os judeus condenaram Cristo? Quem é que o defendeu? Não teve advogado? Não teve advogado. Foi aí que tive o primeiro sinal.**

Mas estava calhado para outra coisa? **“Quereria ser piloto-aviador.**

E acabou jornalista. Como é que o jornalismo entra na sua vida? **“Foi a vida... Trabalhei desde muito cedo, trabalhei na**

cantina da faculdade, fiz traduções, dactilografia, sei lá... Dei aulas no Ensino Secundário e, um dia, uma lei qualquer do Sottomayor Cardia despediu-me. Surgiu então a hipótese de colaborar com a ANOP, a agência noticiosa nacional, que entretanto abriu uma delegação em Coimbra.

A passagem pelo jornalismo ajudou-o no universo judicial? **“Oh Pedro Rolo Duarte, o jornalismo não foi uma passagem: eu fui jornalista durante 29 anos. Nunca deixei de o ser, considero-me um**

OS MEUS VALORES
SÃO DE ESQUERDA:
LIBERDADE, JUSTIÇA,
SOLIDARIEDADE.
ESTE ÚLTIMO, ENTÃO, É
PREDOMINANTEMENTE
DE ESQUERDA



guir objectivá-los. No fundo, ver vários ângulos. Ter sido jornalista impediu-me de ficar culturalmente aprisionado dentro dos muros do mundo da corporação judiciária.

Ainda por cima, foi jornalista num tempo em que a influência política e a partidarização da informação eram fortísimas. “Acho que sobressai pela independência, sempre soube separar as opiniões dos factos. Nessa medida, a ANOP foi uma excelente escola de jornalismo.

Na sua biografia, nunca percebi muito bem a passagem por Macau... “Fui para Macau em finais de 1987, e voltei em finais de 88: foi um ano, e não gostei nada.

O que fazia em Macau? “Era assessor do Governo para a área da Comunicação Social, mas ao fim de três meses disse-lhes que estava tudo equivocado - nem eu era o assessor que eles queriam, nem eles queriam um assessor como eu. Aqui, o assessor trabalha para colocar notícias nos jornais: lá, é para evitar que as notícias saiam. Repare: em Macau, os vidros dos carros embaciam por fora... em Macau é tudo ao contrário. Senti-me mal, foi um ano e chegou. Macau, naquele tempo,

TINHA SEIS OU SETE ANOS QUANDO PERGUNTEI: "PORQUE É QUE OS JUDEUS CONDENARAM CRISTO? QUEM É QUE O DEFENDEU? NÃO TEVE DIREITO A ADVOGADO?"

ainda era tolerável se não houvesse lá portugueses, aqueles coladores de cartazes do MASP, que o Dr. Mário Soares mandou para lá, para se ver livre deles, a andarem em carros pretos com choferes chineses... eu sei lá, aquilo era do pior.

Fala-se muito do "lôbi de Macau". “Sim, eu sei, geraram-se laços e solidariedades políticas, que depois se prolongaram para cá. Mas não comigo, eu não gerei nada, até tinha vergonha.

Foi lá que comprou o seu telescópio? “Foi. Custou-me na altura 160 contos, preço enorme.

Estou a ouvi-lo e a lembrar-me do prefácio, escrito pelo seu amigo Joaquim Vieira, da biografia *Fome de Justiça*. Às tantas, ele usa a imagem óbvia para o definir: "um elefante numa loja de porcelana". “Não, não me sinto nada esse elefante. É uma expressão feita, que traduz a ideia de um homem enraivecido, furioso, à procura de vingança. É verdade que deitei abaixo alguns totens, é verdade, mas não mais do que isso.

Atirou-se sempre a uma presumível "aristocracia" do mundo da justiça. “Só a uma aristocracia da justiça decadente, e em vias de extinção, e que



de, mas não mais do que isso.

Atirou-se sempre a uma presumível "aristocracia" do mundo da justiça. “Só a uma aristocracia da justiça decadente, e em vias de extinção, e que se mercantilizou. Uma aristocracia que vendeu a alma da advocacia por dinheiro. Nunca gostei da aristocracia. Num jogo de palavras, posso dizer que admiro o fidalgo, a pessoa com princípios de honradez e palavra, que trata bem os outros, que sabe ouvir. Essa aristocracia, esse clero, decadentes, não, não respeito. Vivem de falácias, dizem em público o que negam em privado. Cumprem noventa e nove por cento da ética na advocacia, mas ganham dinheiro no um por cento que resta. Também não gosto das nossas elites aristocratas decadentes públicas, que usaram o dinheiro público em proveito próprio, familiar, e fizeram fortunas no exercício de funções públicas.

Já várias vezes ouvi acusarem-no de populismo. “Sempre que oiço isso, eu rio-me. Acha que é populista quem é contra o enriquecimento ilícito? Acha que é populista quem questiona as condenações que o país todo sanciona, apoiando, como o processo Casa Pia, ou o Caso Joana? Acha que é populista quem critica abertamente o populismo de jornais como o *Correio da Manhã* ou o *Sol*, ou os populismos da ministra da Justiça? A última coisa que me podem chamar é de populista.

Essa atitude explica as sucessivas vitórias junto do universo dos advogados? “Essas vitórias têm uma só explicação: falei verdade. Disse o que todos sentiam e não diziam.

Eu diria que fez descer à terra o debate sobre as questões judiciais. Não sei se baixou o nível ou se o fez descer à terra, mas na verdade tornou tudo discutível. “Não sou um dandy nem um dilettante, não tenho preconceito sobre o debate. As coisas têm nome.

Dê-lhes então um nome. “Eu sou um rural, se quiser. As minhas proveniências são rurais. Eu estou habituado à rudeza da vida. Nasci do lado de lá da Serra do Marão, tudo o que comia era praticamente arrancado da terra com trabalho e suor. A minha mãe era camponesa, até se tornar doméstica pelo casamento. Os meus avós eram camponeses. Eu sou uma pessoa rude por natureza, mas há coisas que eu defendo intransigentemente: dos meus pais, herdei o amor à liberdade.

E faz questão de sublinhar a sua origem sempre que é chamado a tal. “Gosto de dizer que sou um provinciano. Um advogado de província e provinciano. Uma vez disse isso numa alegação na Boa Hora, há vinte e tal anos, e o juiz, generosamente, disse qualquer coisa do género “Escusa de exagerar, senhor doutor”. E eu respondi-lhe: “Nós lá na província distinguimos entre os provincianos e os parolos, Sr. Juiz! Os parolos vêm todos cá para Lisboa, como as traças, atraídos pelos néons – e nós lá ficamos como provincianos.” Eu gosto de me intitular provin-

ciano. Sabe, nós cultivamos os valores tradicionais da terra. Lá podemos acreditar nas pessoas, porque lá, se um homem falha a sua palavra, é apontado a dedo. Aqui é o contrário: não podemos acreditar em ninguém até prova em contrário. Oiça, o meu pai era alfaiate e quis ser alfaiate para não ter patrões. O patrão da minha mãe era o sol, trabalhar de sol a sol. Eu também nunca tive patrão, sempre trabalhei livre, ou pelo menos distanciado dos chefes. Desenvolvi esta coisa da liberdade de agir e de não ter medo.

O medo existe. Depois perde-se. Ou não. “Eu perdi.

Quando? “Perdi o medo na noite em que fui preso pela polícia em Coimbra, e me transferiram para a PIDE. Aí tive medo, mas logo os gestos dos meus colegas, e a ideia de que me estavam a dar importância, o que de certa forma me envaldeceu, me fizeram perder o medo. A prisão foi importante – a minha mãe vinha ver-me uma vez por semana e só chorava, o que não ajudou muito. Na prisão, aprendi a dialogar comigo próprio, a ver os filmes do quotidiano da frente para trás. Pensei muito, um tipo vai morrer, vamos todos morrer, a vida é uma dádiva, daqui a cem anos não somos nada, vale a pena o dinheiro? Fazer patifarias pelo dinheiro? Trair o colega, denunciar um colega? Dei sempre as respostas certas, acho eu.

Há medo hoje em Portugal? “Há medo em Portugal. E o medo é o melhor aliado dos ditadores. É o alicerce das tiranias. Há medo de falar, há a carreira em risco, o doutoramento em causa, o pão dos filhos que pode faltar. É uma questão cívica que muito me diz: não haverá verdadeira democracia onde houver medo. Isso é a razão de ser da minha profissão. Pedro Rolo: o que dá razão de ser aos advogados são os seus constituintes. O advogado só é advogado quando é constituído advogado por um cidadão. Achei que o grande compromisso da advocacia moderna devia ser esse: com o cidadão e os seus constituintes. Esta linguagem é perceptível por todos – e foi a pedrada no charco. Consigo tornar inteligível o discurso esotérico, fechado e hermético, do mundo jurídico. E fiz isso com a ajuda do jornalismo, que me ensinou que a simplicidade é a maior virtude da comunicação.

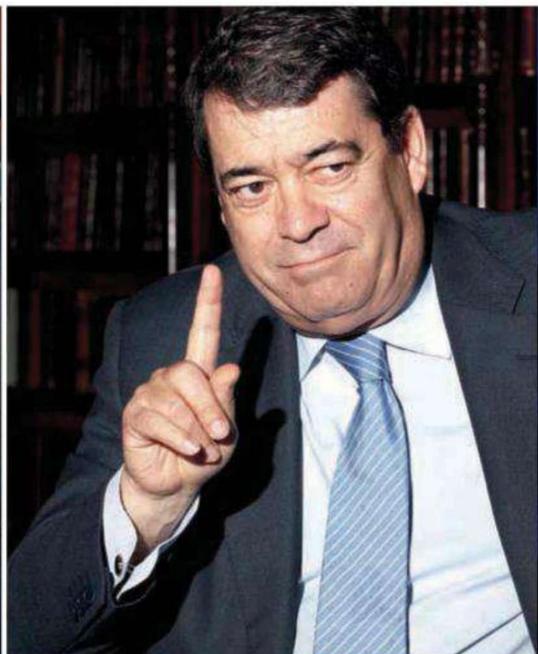
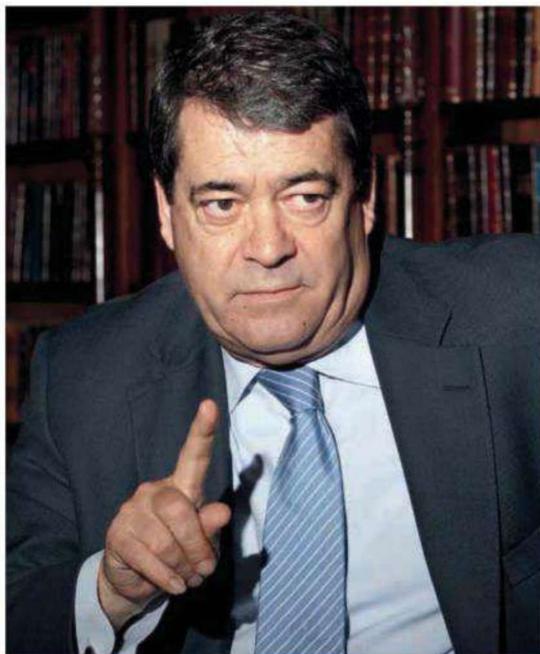
Noto sempre no seu discurso algum maniqueísmo em relação aos magistrados. Eles são os maus, os advogados são os bons. “Eu só digo dez ou quinze por cento do mal que vejo.

Mas também elogio os juizes, só que ninguém nota. Costumo dizer que há dois tipos de magistrados: os maus e os bons. Os piores são os bons, porque calam-se e deixam os maus agir. **Já sentiu na pele as consequências do que disse, das suas ideias?** “Ui, ui, pago um preço demasiado alto.

Quer dizer que, se eu cometer um crime, não me aconselha contratá-lo como meu advogado? “Quer que seja sincero?

HÁ MEDO EM PORTUGAL.
E O MEDO É O MELHOR
ALIADO DOS DITADORES.
HÁ MEDO DE FALAR,
A CARREIRA EM RISCO,
O PÃO QUE PODE FALTAR





do crime, só porque não gostam do advogado. Isso é frequente. As pessoas não imaginam o que eu paguei e pago como cidadão por ser como sou!

No limite, tal circunstância pode levá-lo a não conseguir voltar a exercer a sua profissão? “Ouça, nós somos como os iogurtes, e eu já estou a atingir o meu prazo de validade.

Sente-se um Bastonário do povo, como a Princesa Diana foi a princesa do povo? “Sou o provedor da cidadania. Candidatei-me com esse objectivo e sinto que consegui. Pelo menos, tenho dado o melhor contributo para isso.

Em três parágrafos, três ou quatro medidas urgentes para mudar a Justiça em Portugal. “Olhe, estabelecia incentivos à produtividade dos magistrados! Económicos! Dinheirinho, pillim, sestércios! Terá mais sestércios no bolso quem mais produzir. Sabe, eles são como nós, mascam chicletes, bebem cervejas, tudo como nós, e precisam do pillim, e por isso é que estão lá a trabalhar: são como nós! Quem trabalhar mais, recebe mais! Não é cá com decisões formais nem chutar para canto, é meter gol! A melhor decisão é aquela que as partes não recorrem, podendo fazê-lo. A segunda melhor, a que fosse a recurso e o recurso confirmasse a decisão... e por aí fora... produzir decisão e premiá-la! Segunda medida: não se poder ser juiz antes dos 40 anos. Julgar não é só saber as leis – é sensatez, maturidade, experiência de vida. Terceira, acabar com o sindicalismo no mundo dos juizes. Os juizes têm todo o poder judicial do mundo nas suas mãos, e nessa medida o sindicalismo é uma degenerescência intrínseca do mundo judicial, porque faz deles gato-sapato. Não há justiça se não houver juizes – e isso não existe sem Independência.

**COSTUMO DIZER
QUE HÁ DOIS
TIPOS DE JUÍZES:
OS MAUS E OS BONS.
OS PIORES SÃO
OS BONS, PORQUE
CALAM-SE E DEIXAM
OS MAUS AGIR**

Tudo isso só envolve a Constituição. Os nossos Códigos do Processo Penal e Civil são bons? “Não há leis perfeitas nem magistrados perfeitos. Mas a verdade é esta: com bons magistrados podíamos ter Justiça com as piores leis do mundo. Com maus magistrados é que nunca teremos boa Justiça, nem com as leis divinas.

Onde é que o senhor quer chegar, até onde quer ir? “Sempre vivi a minha vida de forma intensa. Ainda há uns anos, era conhecido como “O Marinho da ANOP”, porque vestia a camisola, fui jornalista a 100%. Depois disso, fui advogado durante 15 ou 20 anos, vivendo intensamente a minha profissão. Fui professor e vivi a docência de forma dedicada. Eu vivo com intensidade até aos limites, como agora vivo isto, aqui, como Bastonário, com intensidade. Às vezes, ao deitar-me, interrogo-me, quando vejo o filme ao contrário, se aquela palavra foi a melhor, se não fiz asneira...

Nunca se arrepende, pelo que percebe. “Mas é verdade, dizer uma coisa em público é devastador. É importante. Todos sabemos que existem determinadas coisas, mas enquanto ninguém as diz publicamente, fingimos que não sabemos. E por isso não existem. Eu falo.

Repito: onde quer chegar? “Não corro em direcção a nada. Nada foi previsto na minha vida, excepto a advocacia.

Em direcção a nada? “... mas posso dizer-lhe, e será a primeira vez que o digo: muito pouco se muda no país sem um combate abertamente assumido na instância política.

Isso quer dizer o quê, em rigor? Explique-me como se eu fosse uma criança de três anos. “Vou fazer 62



anos, considero-me saudável física e mentalmente, embora reconheça que um sinal de loucura é saudável no mundo em que vivemos - já dizia não sei quem que "loucos eram aqueles que perderam tudo excepto a razão"... Pedro Rolo, já me convidaram para quase tudo, para candidato a câmaras municipais, parlamento europeu, lugares elegíveis. Disse sempre que não. **Porém...** "Estou a ver que faço de água mole e a pedra é demasiado dura. É o que sinto neste lugar. Há coisas que só se mudam com uma intervenção no plano político. Nem sei se sei eu ou se serão outros, mas sei que é preciso.

Vê-se num cargo... "Houve tempos em que entendi que ser Provedor de Justiça era o cargo certo para mim. Hoje não acho, lá está, porque tem uma capacidade de intervenção limitada. Na verdade, não ambiciono nenhum cargo, mas acho que no futuro irei ter uma intervenção mais política do que até aqui.

Não acredito que não tenha uma ideia por trás dessa afirmação... "Pode acreditar. Eu sou desassombrado, sou frontal. Não tenho as qualidades - ou os defeitos, que se transformaram em qualidades - que fazem o triunfo dos políticos de hoje. Tenho demasiado amor à verdade para uma actividade política no quadro actual de valores. O Churchill dizia que os povos vivem mais felizes se ignorarem como são feitas as leis e as salsichas. Quanto às salsichas, admito que sim - quanto às leis, acho que não.

A verdade é que, no nosso sistema, só a partidocracia, ou a independência caucionada pelos partidos, permite chegar a essa intervenção mais activa. "O que verdadeiramente distingue a democracia da ditadura, fundamentalmente, é que nas democracias adul-

tas a oposição é tão importante quanto o poder. Às vezes, as oposições até são mais úteis à democracia do que os poderes. Eu partilho desta ideia e digo-lhe: hoje, em Portugal, pessoas como o Vasco Pulido Valente, como o Miguel Sousa Tavares, pessoas sérias, verdadeiramente independentes, são mais importantes para o regime do que 99% dos políticos que exerceram os poderes em Portugal.

Além dessa intervenção política activa - que vamos esperar para ver de que forma se revestirá - o que sente que ainda lhe falta fazer? "Se eu conseguisse realizar tudo o que desejo, ia para a minha aldeia dormir durante quatro ou cinco meses, acordar a meio da noite, apontar o meu telescópio, ver as estrelas - aqui em Lisboa não se vêem, nem em Coimbra - e pensar, escrever um livro...

Que livro seria esse? "Uma espécie de *Um Homem do Povo na Revolução*, aquele do Roger Vailland. Vivi os momentos importantes do século XX, fui testemunha de acontecimentos importantes, gostava de escrever o meu trajecto como testemunha, na forma como eu vivi os acontecimentos, as causas e a minha interacção com essas causas, as degenerescências que surgiram, enfim...

Em qualquer caso, voltar ao começo é intrínseco. "Encontrar-me de novo comigo próprio, como no momento da partida. Gostava de regressar às minhas origens telúricas, ver as árvores da minha infância, ver a escola primária onde aprendi a somar as vogais. Sinto-me lá bem, encontro o espírito dos meus antepassados. Tenho árvores bíblicas, oliveiras e videiras, e sinto-me bem, à beira daquelas árvores.

NA VERDADE,
NÃO AMBICIONO
NENHUM CARGO,
MAS ACHO QUE
NO FUTURO TEREI
UMA INTERVENÇÃO
MAIS POLÍTICA
DO QUE ATÉ AQUI



A CIDADE ONDE NÃO EXISTE DINHEIRO

Jacque Fresco é um cientista que vive numa propriedade auto-sustentável na Florida. É um modelo para uma cidade futurista, onde a economia se baseará nos recursos naturais, não haverá governo ou forças militares, os robôs farão o nosso trabalho, e existirão edifícios subaquáticos. Nome de código: Projecto Vénus.

Texto **Thaíá Gúido Z.**

Imagine que não tem um centimo no bolso. Agora, imagine que não há problema nenhum nisso. Imagine que os seus filhos frequentam a Universidade do Projeto Vénus, onde estudam Química, Física, Arte e Ciências Sociais, num curso multidisciplinar. O que hoje faz parte da sua realidade, hoje, é aqui ensinado como a História absurda do séc. XXI: classes sociais, leis e líderes políticos, está tudo obsoleto. Jacque Fresco, o mentor destas ideias, cita John Lennon: “Podes dizer que sou um sonhador, mas não sou o único.” Há

75 anos que este cientista propõe a criação de um novo sistema económico, baseado na exploração racional dos recursos naturais e renováveis, na abolição do dinheiro e na reforma radical dos valores da população mundial, para que os seres humanos não vivam em constante concorrência. E é nisto que investe todas as suas energias, apesar de ter completado recentemente 96 anos de idade. Fresco pode ser um sonhador, é certo, mas não é nenhum

amador. De facto, desde os anos 30 do século passado que Fresco tem uma obra notável, ligada ao design industrial e à indústria do cinema (entre outros). Muitos dos seus projectos foram inclusivamente reconhecidos por instituições como a NASA e a Força Aérea dos Estados Unidos, para quem trabalhou e de quem, por estes dias, diz que “só servem para matar”.

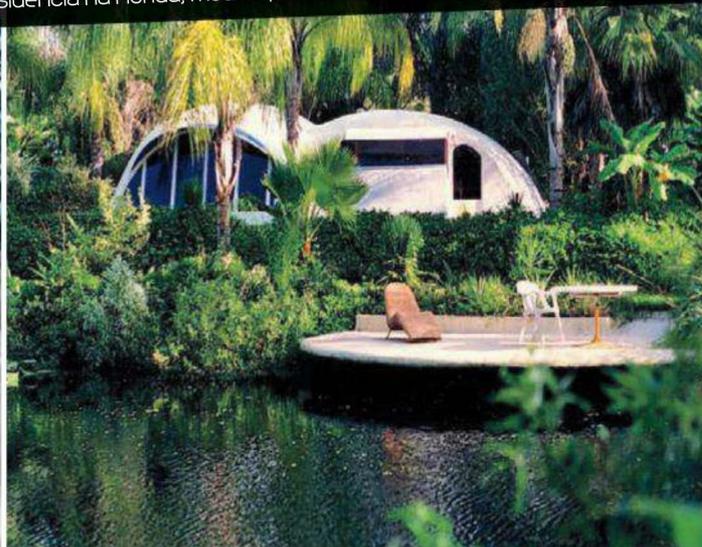
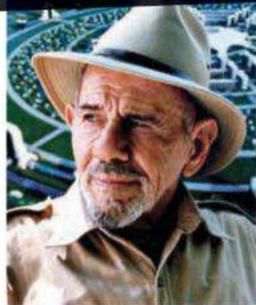
O Projecto Vénus, por agora, materializa-se então numa residência auto-sustentável de 8.7 hectares na zona de Venus, Florida, onde o criador vive com a sua associada, Roxanne Meadows. A sua ambição é que todo o planeta adopte o seu estilo de vida, porque “hoje temos a capacidade de produzir meios de satisfação em abundância e de disponibilizá-los sem encargos a todas as pessoas. Os recursos naturais pertencem a todos os habitantes e não apenas a uma nação”. Roxanne Meadows afirma, por sua vez, que o ambiente em que nos desenvolvemos determina os nossos valores. “Numa sociedade consumista, orientada para a escassez, é natural que se pense que o homem está predeterminado a ser ganancioso. Nesta sociedade, aprendemos a cuidar de nós próprios, somos predadores cruéis.”





No projecto Vênus, o trabalho pesado seria realizado por máquinas e os transportes seriam automatizados. Fresco propõe ainda a construção de edifícios subaquáticos. Actualmente, a sua residência na Flórida, modelo para a cidade imaginária, pode ser visitada.

O historiador norte-americano Terence McKenna defende que a cultura funciona da mesma forma que o software funciona num computador: “A cultura é o nosso sistema operativo, e pode ser eliminada ou substituída. Vemos a realidade como a cultura determina que o façamos”, afirma. Roxanne Meadows sublinha: “Se vivêssemos com abundância, não existiriam roubos. Actualmente, ninguém cobra o ar que respiramos, porque é abundante, não é verdade? A Terra tem capacidade para sustentar até oito mil milhões de pessoas, da forma que propomos, e assim ninguém nos atacaria para nos roubar o relógio”.



Bens e serviços seriam geridos por centros de distribuição inteligentes. Seriam avaliadas as necessidades básicas de todas as populações do mundo, tendo em conta o número de pessoas que vivem em cada território e os recursos que se encontram na respectiva região, assim como a quantidade de energia consumida por pessoa. “Só assim se determinaria onde seriam construídos os hospitais, por exemplo, e que tipo de cidade e de que dimensões seria necessária.”

Como sucede na cidade experimental de que é proprietário, para Fresco as fontes de energia seriam exclusivamente limpas e renováveis: geotérmica, solar, eólica e hidráulica. Para além disso, tentar-se-ia procurar o equilíbrio ambiental através da instalação de quintas hidropónicas (onde se utilizam soluções minerais para o crescimento das plantas), do uso da piscicultura (criação de peixes) e da maricultura (criação de organismos marinhos para alimento humano

A TERRA PODE SUSTENTAR ATÉ 8 MIL MILHÕES DE PESSOAS, DA FORMA QUE PROPOMOS

em tanques cheios de água do mar), nas zonas mais difíceis para o cultivo tradicional de alimentos vegetais e animais.

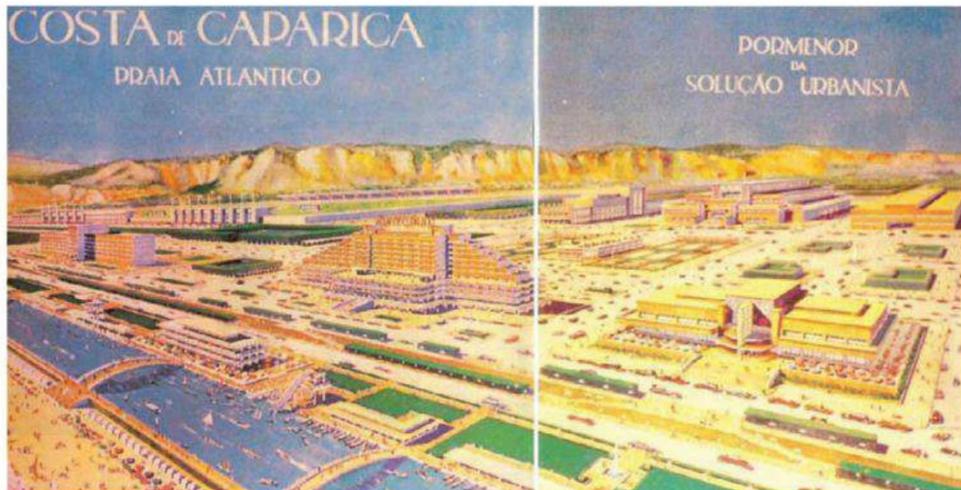
Para além disso, Fresco escreve no

seu livro *Designing the Future* que a criação de cidades marítimas serviria para restaurar os recifes, com edifícios construídos em betão, aço, vidro e titânio, materiais ecológicos. A cidade futurista que Fresco inventou, digna de um conto de Isaac Asimov, também incluiria medidas para a optimização da utilização de energia. As matérias-primas para o fabrico de produtos seriam transportadas através de

um sistema automático de barcos, monocarris, comboios magnéticos e tubos pneumáticos. Um sistema automático de inventário, ligado aos complexos de fabrico e aos centros de distribuição, coordenaria a oferta e a procura, avaliada segundo a preferência pelo consumo de determinados produtos. Deste modo, salienta Fresco, “o equilíbrio económico seria real. Conceitos como a escassez, a extinção e o desperdício, seriam eliminados do nosso vocabulário”.

A hipótese mais arriscada prevê mesmo a eliminação da mão-de-obra humana, já que no seu lugar atuariam robôs. “Atualmente, contamos com a tecnologia para que as máquinas nos ajudem a abolir os trabalhos entediantes, que só servem para lucrar”, afirma.

Em relação aos seus detractores, o pensador conclui: “Não sou um utópico, como a maioria das pessoas julga, porque a utopia não existe. Não se pode projectar a melhor cidade, mas sim a melhor cidade possível neste momento. Continuaremos a mudar, a experimentar e a melhorar. Não basta sairmos para a rua em protesto, como o movimento Occupy Wall Street. Já detectámos o problema, mas é preciso oferecer uma alternativa às pessoas; caso contrário, deixamo-las a flutuar no vazio. O Projecto Vénus é isso mesmo, uma alternativa”. ■



E PODIA TER FICADO ASSIM

Ao longo dos anos, criaram-se muito projectos de cidades utópicas. Em cima, uma maquete daquilo que poderia ter sido a Costa de Caparica, caso a proposta do arquitecto Cassiano Branco tivesse ido para a frente. Um dos maiores arquitectos portugueses – responsável, entre outros, pelo Coliseu do Porto ou, em Lisboa, o cine-teatro Éden, nos Restauradores, e o Cinema Império – desenhou nos anos 30 um projecto verdadeiramente modernista, onde podemos ver avenidas amplas e vários parques de estacionamento. Futurista para uma altura em que não havia assim tantos carros. O projecto incluía também um enorme canal, a separar a praia da cidade (com pontes a ligá-las), que serviria também de espaço lúdico e onde podiam navegar embarcações de recreio. A proposta compreendia ainda vários hotéis e casinos. Nessa altura, a Costa ainda não tinha sido alvo da especulação imobiliária, era um terreno quase virgem, e a proposta podia ter mudado para sempre – e para bem melhor – a cara da Costa de Caparica. Infelizmente, não gerou o necessário interesse da parte do poder político.



Os anos 30 foram férteis em projectos deste género. **Le Corbusier** apresentou o seu projecto de cidade ideal, com mega-estruturas que deixariam lugar para amplos espaços verdes. Os fundamentos da Ville Radieuse assentavam também nas teorias do movimento sindicalista, ao qual Le Corbusier tinha aderido, depois de perder fé nas grandes empresas. Brasília terá sido, e muito, inspirada neste projecto. Amplos espaços verdes era também a

proposta de outro grande arquitecto: **Frank Lloyd Wright**. Broadacre City, assim se chamou o projecto, foi também um trabalho que acompanhou FLW quase toda a sua vida, sofrendo constantes revisões e melhoramentos, até à sua morte em 1959. No seu conceito, a cidade devia espalhar-se por quilómetros, sempre entrecortada por inúmeros espaços verdes – um acre (um pouco menos de meio hectare), por pessoa, daí o nome. Consta que influenciou,

bastante, os subúrbios. Ao contrário destas, e de outras, cidades utópicas, Masdar City, desenhada por **Norman Foster** em 2006, é um projecto em construção, que se espera esteja pronto em 2025. Financiada pelo emir do Abu Dhabi, a cidade assenta numa lógica ambientalista e espera-se que seja uma cidade “zero emissões (de carbono), zero desperdício”. O objectivo é servir de base a futuras indústrias de tecnologia ambiental.

A sublime Dânia Neto

Senhoras e senhores, damas e cavalheiros, ela pode ser uma das actrizes mais famosas de Portugal e entrar todos os dias em nossas casas, mas nunca, nunca se mostrou tão sedutora como nas páginas da Playboy

Texto **Tiago Beato** Fotografia **Pedro Ferreira** Realização **Filipe Carrico**





“Ainda hoje
a palavra acção
provoca-me sempre
uma reacção

► Top em seda **YSL**, sãndalias em couro **Gina**, anéis na **Stival** ► Soutão em ouro branco e pérolas e brincos em pérolas **Mimi**
► Soutão em **lã de merino Louisa** e **Cartier** ligas ► Meias de **lã de cazeadora** ► Sãndalias em canúria **Valentino** na **Stival** ► Brincos e anel em ouro e pérolas **Mimi**
► Top em seda **Chloe**, sãndalias em couro **Stival** ► Brincos em pérolas, colares em ouro e pérolas e pulseiras de pérolas **Lujo Mimi**





“O trabalho fotográfico também é um trabalho de atriz, porque encarnas uma personagem. Neste caso foi uma personagem muito glamourosa e sensual

► Tank top em seda e lurex Carven e sapatos Gianvito Rossi ambos na stivali ► Sítio Intimissimi. Colar em pérolas e brincos ambos Mimi.
► Sítio e cinta de ligas em renda Gemma no El Corte Inglés ► Brincos em pérolas Mimi.



O que te levou a aceitar o nosso convite?

“Aceitei porque esta nova Playboy enaltece a beleza da mulher sem a expor completamente. Confesso que gostava que olhassem para estas fotos como se olhassem para um quadro, para apreciarem a componente artística deste trabalho. Nunca arrisquei tanto, foi a primeira vez que me expus desta forma e estou muito curiosa relativamente à reacção das pessoas.

Como é que te defines profissionalmente: modelo ou actriz? “Defino-me como actriz, embora adore fotografar. E acho que o trabalho fotográfico também é um trabalho de actriz, porque encarnas uma personagem, neste caso foi uma personagem muito mais glamourosa e sensual.

Como é que começou a tua carreira? “ Vim para Lisboa com 17 anos, comecei a trabalhar em moda, obviamente que tive outros trabalhos, depois tive formação...

Desculpa interromper, mas que outros trabalhos é que tiveste? “ Sempre trabalhei, desde miúda. Tive experiência como baby-sitter, trabalhei num infantário, fui empregada de mesa, em Loulé trabalhei numa pastelaria, na Portas do Céu. Já fiz um pouco de tudo. E quando cheguei a Lisboa, tinha de trabalhar, tinha contas para pagar. Vim para estudar e à procura do meu lugar. Olho para trás e acho que foi uma aposta ganha.

Lembras-te do momento em que ouviste pela primeira vez “acção”? “ Lembro-me. Suava por todos os lados, tremia, tinha dores de barriga e ansiedade, lembro-me perfeitamente. E acho que ainda hoje a palavra acção provoca-me sempre uma reacção. Obviamente que já não é a mesma do início, que associava sempre ao medo de falhar, mas continuo a ter nervoso miudinho. No dia em que o perca, alguma coisa não está bem.

Já dormes bem na véspera das filmagens? “ Sim, mas quando começo um trabalho novo vou sempre um bocadinho nervosa. Faz parte, qualquer pessoa sente isso. Tal como um jornalista, quando entra numa redacção pela primeira vez. É como se fosse o primeiro dia de escola.

A personagem Marisa, em *Laços de Sangue*, é o teu papel mais mediático? “ Sim. Até hoje, cerca de um ano depois, as pessoas continuam a falar-me disso. Foi um papel muito bem recebido pelo público, porque era

uma personagem naturalmente cómica mas que vivia dramas e conflitos muito reais. Acho que foi uma novela em que fiz as pessoas rir e chorar, o que é muito bom.

Metiam-se contigo na rua por causa da fruta da Marisa? “ Sempre! Ainda hoje me perguntam se a fruta está boa! E como é que está a fruta, e o preço do quilo de maçãs...

E a tua personagem em *Rosa Fogo*? Achas que vai ser tão marcante? “ Só tive três semanas para criar a Glória, um registo também cómico, mas o oposto do que tinha feito. Tenho tido um bom feedback e acho que mais uma vez mostrei ser uma actriz versátil. Gostei muito de fazer esta personagem.

Consegues ter uma tarde sossegada num sítio público? “ Depende dos sítios. Sou muito abordada, mas gosto de sentir o carinho das pessoas. E só não dou um autógrafo se não puder.

E fotografias? “ Sim, também. Às vezes fico envergonhada, às vezes estamos a gravar exteriores, e estamos de robe, aparecem pessoas e eu só penso: “Ó meu Deus, ainda vou parar ao Facebook de alguém assim de robe!” [risos]. Às vezes não é o mais agradável, mas nunca recusei tirar uma fotografia com quem quer que fosse.

Ter um clube de fãs é apenas motivo de orgulho ou aumenta a tua responsabilidade? “ As duas coisas.

É impressionante, mas vimos vários perfis teus no Facebook... “ Tenho 20 perfis falsos no Facebook! Já tentei resolver isso de várias formas, sem sucesso. Já agora, aproveito: se alguém que faz a gestão do Facebook ler esta entrevista, por favor, ajudem-me! Já fiz denúncias, deixei mensagens, e o máximo que consegui foi que fechassem o meu Facebook.

Ou seja, fecharam o teu perfil verdadeiro? “ Sim, o verdadeiro! Depois consegui resolver isso, enviei documentos para provar que eu era eu, mas fiquei impressionada, porque os outros, que denunciem, continuaram (e continuam) activos.

Queres então dizer-nos qual é o teu verdadeiro perfil, para esclarecer de uma vez por todas os teus fãs? “ O meu perfil é Dânia Neto. Depois, entre parêntesis, está Dânia de Carvalho Neto.

Esclarecidos. Tiveste piercings e entretanto fizeste tatuagens. É a evolução natural? “ Sim, é a evolução natural [risos].

Retirei os piercings e fiz uma tatuagem nos pés. É uma frase de que gostei muito, que ouvi no México quando fiz um ritual maia. Aquele momento marcou-me de tal maneira, que disse: “Se um dia fizer uma tatuagem, é isto que vou escrever.”

Está em castelhano? “ Está. Num pé tenho “Tierra es mi cuerpo y agua es mi sangre”, e no outro “Aire es mi aliento y fuego es mi espíritu”.

Estás oficialmente solteira há uns três anos. Sabes que se estiveres à espera de encontrar alguém com uma beleza equiparada à tua, corres sérios riscos de ficar sozinha? “ [risos] Mas eu não procuro uma beleza equiparada à minha. Procuro um homem que me trate bem, acho que isso é o mais importante, que goste de mim na mesma proporção de que eu gosto dele, e que haja afinidade entre nós. Não procuro um Brad Pitt, mas se aparecer... óptimo! Se não aparecer, mesmo baixo, gordo e careca, desde que eu goste dele e ele de mim...

Achas isso possível? Apaixonares-te por alguém com essas características?

“ Acho. Estive em Miami há pouco tempo e vi uma coisa que apreciei: vi imensas mulheres lindas, algumas já com filhos, ao lado de homens que não faziam qualquer raccord com elas. E via-se que estavam felizes.

Eram ricos, Dânia... “ Não tem a ver com isso. Da mesma forma que acredito no amor entre pessoas de diferentes idades.

Então não és muito exigente nas relações? “ Sou como qualquer outra pessoa. Não sou muito ciumenta e exijo na proporção daquilo que dou. Há sempre alguém que cede mais, que dá mais ou que se preocupa mais, mas sou muito melosa, e quando gosto dou tudo. Normalmente, até acho que dou mais do que aquilo que recebo.

Como é que manténs a boa forma? “ Faço ginásio, vou ao Estúdio, no Restelo, e tento lá ir pelo menos duas vezes por semana. Faço drenagem linfática, faço muitas mensagens de relaxamento... ajudam-me muito a relaxar, tratam-me do corpo e do espírito.

Tens alguma zona preferida? “ Gosto muito que me massajem as costas. Como sofro muitas tensões no dia-a-dia, é uma zona que sabe sempre bem.

Preferes fazer ou que te façam surpresas? “ Prefiro que me façam, mas não tenho tido muita sorte nesse sentido! [risos]









“sou muito melosa,
e quando gosto dou tudo.



▶ ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA Ana Viegas
▶ MAQUILHAGEM Joana Moreira, com produtos Dior
▶ CABELOS Nuno Souto, com produtos Senscience

▶ AGRADECIMENTOS
Grupo Pestana, pela disponibilização
da suite no Pestana Palace





MIRIAM

ERA UMA MULHER brasileira, já feita e toda professora. Daquelas pessoas que falam a explicar tudo, como se lhes tivéssemos perguntado algo ou pedido ajuda para o sentido da vida. Irritava-me muito. Talvez me visse como um cachopo pequeno a precisar de aprender. A minha pretensão não lida bem com isso.

Eu estava fixo nas suas grandes mamas, que eram verdadeiras e descaíam com graça, e ela falava de música. Contava que era do tempo dos concertos do Cadão Volpato. Dos primeiros, queria ela dizer. Andava no grupo do Daniel Benevides e até chegou a conhecer o Nick Cave nas noites de São Paulo, mas nunca lhe sacou o número de telefone. Confessou que olhava para o palco a achar que um dia ia ser cantora, mesmo que tivesse voz de cana rachada e nunca afinasse. Achava que seria sensual. Foi quando pensei no microfone diante da boca dela. A boca dela, disso tive a certeza, era aldrabada. Parecia um bocado aleijada, o que fazia muito do meu agrado. Silicone barato dos anos noventa, sem dúvida. Eu adoro.

Respondi que o rock me tornava imprevisível. Nunca vira Fellini, Legião Urbana ou Titãs ao vivo, e talvez fosse melhor assim. Quando vi os Pixies esfreguei-me todo numa morena que me acusou de violação e ia conseguindo que os seus amigos gorilas me castrassem. Tive de implorar pelo meu pénis, agarrado a ele como aos bolinhos de natas quando era cachopo. Sim, na minha festa de sexto aniversário. Fiquei sensível e quis o açúcar todo para mim. Os meus amigos não eram tão amigos assim e os bolos estavam perfeitos. A prova de que os meus amigos não eram tão amigos assim está no facto de nenhum restar até hoje.

O rock põe-me bêbado e mesmo um pouco burro. O amor é todo burro, de qualquer modo, e o sexo não quer pensar, só quer fazer. Eu entrei nessa conversa com a brasileira e ela sabia de cor uma canção dos 3 Hombres, por causa do Daniel Benevides, caramba, do único CD deles. E eu já estava a cansar-me da conversa da música a cair no vazio do vento da praia. Isso do vento nos cabelos, a tarde toda, muita gente a passar, a brasileira a irritar-me, e eu a dizer que vira concertos de gente como Mão Morta ou Pop Dell'Arte e que foi quando comecei a levar mocinhas para as grades que me senti um homem.

Gostava disso, no rock. De levar as mocinhas até à frente. Bem à frente. E depois ficar a curtir o som sem olhar. Apenas a desconcentrar os músicos. Uma vez, o vocalista de uma dessas bandas começou a refilar. Estava a trabalhar, dizia ele. Eu e a mocinha a mil pela estrada da língua. O segurança curtiu. Veio perguntar se não queríamos guardar para mais tarde, que ele entrava na cena. Mostrei-lhe um dedo. Comigo não há partilha. A minha caça, devoro-a sozinho. Sou egoísta e invejoso, guloso e quero sempre mais. Não sobra



para ninguém. O tipo recuou e ficou a curtir só de ver. Deve ter achado que éramos um casal, desses com amor um pelo outro. E eu amei. Foi um amor de trinta minutos. Verdadeiro o suficiente. Virei-me para a brasileira, disse-lhe que a praia estava muito aborrecida, que devíamos fazer alguma coisa. Ela ainda queria cantarolar aquilo dos 3

Hombres e eu já me roía todo. Cocei. Estava de sunga bem ordinária, tinha as bolas todas inchadas e o coiso meio engrossado de fome. Cocei e ela cantava e eu já confundia a praia de Matosinhos com a de Copacabana. Passei-lhe a mão direita nas mamas. Só a direita, como se fosse canhoto e estivesse a fumar. Ela tentou não mostrar reação, mas entesou um pouco. Era admirável. O tesão levantou-lhe aquelas mamas pesadas ao ponto de ficarem como longe da gravidade. Eram hidráulicas do melhor. Esfreguei uma e outra vez e adorei que nos vissem. Olhavam-nos com o desdém invejoso dos que não comem. Gosto muito.

Era uma brasileira muito especial, pensei então. Queria muita conversa mas não se importava que eu fosse abreviando o caminho. Ela continuava divertida adolescenteamente, e eu já aproveitava da generosidade dos corpos, o quentinho da pele, a pele tostado no sol iluminador que embeleza tudo.

ACHAVA
QUE ELA SERIA
UM PEDAÇO
LOUCA, MAS NUNCA
ME IMPORTEI
DE COMER
MULHERES LOUCAS

Como a população circundante começou a ficar nervosa, juntaram-se uns olhos à espera de ver. Alguns queriam ver para denunciar, outros queriam ver para nunca mais esquecer. Eu gosto de quem gosta. Não ofereço uma parte, mas se quiserem ver, eu deixo. Sei muito bem fazer, por isso, é até uma coisa didática que me assistam.

Quando como uma mulher que me irrita, eu ataco a boca. Não sei. Existe algo de castigo quando fazemos sexo com a boca de uma mulher. Seria para ela se calar e não dizer mais nada. Não cantar, que o reportório já ia longo e o meu entrepernas também e o sangue a ferver não dá para música porque acelera demasiado e perde o ritmo. Na praia, com aqueles olhinhos todos em volta, passar das mamas para a boca não é fácil. Temos de inventar uma posição de descanso, assim como a dormir. Ela dormindo sobre a nossa barriga. As nossas pernas fletidas para servirem de paredão. A sunga abrindo um pouco para alívio das partes crescentes.

Lentamente, assim nos pusemos. Seria difícil alguém perceber de longe o pormenor. Mas a cabeça dela nos meus abdominais malhados chamou a atenção de mais e mais gente. Gente que dava uns vinte metros de distância e se plantava na areia. Chacais. Comeriam até o resto inanimado do amor.

Quando ela me quis sobre o seu corpo, puxando-me sempre com explicações de professora e muita urgência, eu achei que seria melhor de lado, com a toalha tapando um pouco, ela de costas para

mim, como numa cadeira viva e entusiasmada. A gente em redor bulia como se fosse sensível ao vento. Olhavam pela esquerda e pela direita e tentavam esticar os olhos, esse desejo de que fossem elásticos, para chegarem mais perto sem saírem do mesmo lugar.

Estranhamente, num certo orgasmo, a brasileira cantou Cássia Eller. Fiquei perplexo. Quase parei. Hesitei. Era Cássia Eller, que morrera, cantava muito e tinha muita atitude. Era muito boa. Eu naquela cadeirinha, aquilo tudo grande e a acontecer, e a brasileira deu-lhe para trautear, sôfrega, falhando tudo, uma canção. Começara num gemido maior, um estremezimento pelo corpo todo, e o prazer evidente. Eu não queria parar. Achava que ela seria um pedaço louca, mas nunca me importei de comer mulheres loucas, o corpo tem outros sentidos e mantém sempre a sua própria inteligência. O corpo daquela mulher

era todo inteligente. Eu queria. Contudo, ao fim de uns minutos, eu quis saber. Talvez a alma tenha dessas coisas, precise de completar os gestos físicos, entender, nem que seja para os declarar do lado do inexplicável, do absurdo, do estúpido. Ela podia ser apenas estúpida.

Perguntei. Que era aquilo de cantar. E ela foi gemendo e cantando, e perdendo o ar e a querer sempre mais e eu insisti. Ela disse que pensava na Cássia Eller, que tinha comido uma mulher ao som de Cássia Eller e que nenhum homem lhe daria novamente um orgasmo assim. Eram saudades. Parei de meter.

Eram saudades de uma mulher qualquer que, um dia, lhe pôs os dedos ou a língua. A praia expectante. Cheia. Já o sol meio a cair. O vento a refrescar. Eu num impasse. Que merda. Comer uma mulher que deixou de acreditar no orgasmo. Uma mulher que espera um orgasmo de segunda qualidade. Uma porcaria. Eu precisava de estar numa cama, sossegado, com um copo, uma iluminação boa, a janela meio aberta para entrar um ar agradável. Eu precisava de estar noutra onda. Ali, eu queria comida rápida, boa e rápida. Estávamos a conversar de rock e era para ser assim, sem complexidade, só esfregar, atingir, boa tarde e até depois. Mas, com Cássia Eller na memória, não podia ser de qualquer maneira.

Tinha de ser outro respeito. Eu não perdi os escrúpulos, eu apenas me apurei para o que é importante, e no sexo toda a gente perde tempo com acessórios e coisas inúteis. Eu estou sempre focado. E aquela brasileira era outra coisa. Precisava de outra coisa, ou nunca mais ultrapassaria aquele lesbianismo saudosista que apenas se fundava na tristeza de perdemos a Cássia Eller.

É muito importante perceber que as mulheres que se lambem umas às outras num dado momento não precisam de ser lésbicas, o que é bom. As lésbicas puras rejeitam os homens, como eu, e isso deixa-me furioso.

Acho mal. As mulheres interessantes sempre têm os seus momentos com as amigas, as amigas dos namorados, as desconhecidas de uma noite, de uma música, de um cinema. Mas não pode isso resultar numa inibição parcial e definitiva da relação delas com os homens. Isso é luto. Tem de ser feito.

Parei. Enxotei o bando de tarados na praia. Uma massa espessa de gente a querer mais, já a filmar e a fotografar. Não quero saber. Eu disse à brasileira

que a minha casa era ali perto. Não teria companhia para ver, mas o que ia acontecer era do foro do incrível, nem vendo alguém ia acreditar. E era pelo interior. Um sexo com a alma toda, desses sexos de guardar na biografia, colocar na lápide de túmulo, contar por gerações.

Ela aceitou. Estava vulnerável e insatisfeita. Podia confiar em mim porque queria confiar, como se precisasse disso havia muito. Eu estava disposto a partir o quarto inteiro. Era essencial não criar limites. Arrumei um fato. O resto, era para arder. Gosto de comer uma mulher por todo o lado, arrastando e criando confusão. Gosto da velocidade. Não dou tempo para que perceba como já está revirada, a fazer outra posição. E gosto que tudo padeça dessa fúria. Nessas alturas, nem eu sei como as coisas partem e caem no chão, como a roupa se rasgou, como a casa desaba exausta. Mas eu gosto assim. E tocava um disco dos Pixies, dos primeiros, naturalmente, e ela podia cantar coisas tristes que nem se ouviria a si mesma. Era para não ouvir. E eu metia tudo e tanto que as partes dela inchavam vermelhas e escancaradas. Estava entregue, nem um pedacinho da sua alma restava em outro lugar, fosse ele melancólico ou triste ou festivo. Ela estava esmagada. O rock todo a

passar-lhe por cima como um pénis de chumbo, gigante, físico e mental, um pénis com o meu nome, a minha história toda, as mocinhas todas prensadas contra as grades no grande tempo da música.

Quando percebi que ela fechava os olhos extenuada, deitei-me ao seu lado. Não costumo dar tanta doçura. Mas queria fazer-lhe essa terapia. Ela precisava de voltar a acreditar nos homens. E ela disse que podia apaixonar-se por mim. Que era urgente apaixonar-se por mim. Tinha as pernas abertas e o corpo dorido e obedecia. Queria tudo quanto eu quisesse. Eu, que achava uma extravagância dar importância aos seus sentimentos, comia outra vez. Lentamente. Como a bater no fundinho sobrance da alma. E ela tinha orgasmos profundos e sucessivos, como se pudesse morrer em cada um. Quando parei, foi por piedade. Não quero paixões. Ando livre. Era fundamental que ela ainda mantivesse um resto de autonomia.

Quando a mandei embora, ela perguntou se eu gostava também da Cássia Eller. Eu disse que sim. E que fiquei fodido quando ela morreu. Ela sorriu. Percebi que, de todo o modo, nosso amor de quatro horas seria inesquecível. ■



SEXO COM A ALMA
TODA. DESSES SEXOS
PARA GUARDAR
NA BIOGRAFIA,
COLOCAR NA LÁPIDE
DO TÚMULO, CONTAR
POR GERAÇÕES



WESTERN CASUAL

As minas de S. Domingos foram o cenário ideal para Gonçalo Teixeira, vencedor do Globo de Ouro de melhor modelo masculino, nos mostrar o que devemos usar este Verão.

Fotografia **Gonçalo Claro** Realização **Joyce Doret**



◆ CASACO EM GANGA,
LEVI'S ◆ RELÓGIO EM AÇO
COM PULSEIRA EM PELE,
DIESEL ◆ CALÇA EM GANGA
BRANCA, **REPLAY** ◆ SACO
EM PELE E GANGA, **DIESEL**
◆ CINTO EM PELE TRANÇADA,
TOMMY HILFINGER



▶ CALÇA DE GANGA
LAVADA COM RASGOS,
RIP CURL ▶ CINTO
EM PELE COM TACHAS,
PEPE JEANS HERITAGE
▶ BLSUÃO EM GANGA
COM DETALHES EM PELE,
HILFIGER DENIM ▶ TÊNIS
EM PELE E GANGA, PEPE
JEANS

▶ CASACO EM GANGA COM TACHAS,
REPLAY ▶ MARCEL EM ALGODÃO,
H&M ▶ CALÇA DE GANGA, SALSA
JEANS ▶ À CINTURA, CAMISA DE
GANGA ESCURA, HILFIGER DENIM





▶ CALÇA EM ALGODÃO COM
CORDÃO, **DIESEL** ▶ CAMISA
EM GANGA LAVADA COM
PRINTS, ANDY WARHOL BY
PEPE JEANS ▶ COLETE
EM GANGA, **SALSA JEANS**
▶ TÊNIS EM PELE E GANGA,
PEPE JEANS ▶ MOCHILA
EM GANGA E PELE, **DIESEL**





▶ CALÇA EM GANGA ESCURA
COM SUSPENSÓRIOS, **TOMMY
HILFIBER** ▶ CAMISA DE GANGA,
PEPE JEANS ▶ MARCEL EM
ALGODÃO, **H&M** ▶ PENDENTE
EM PELE E METAL, **SALSA
JEANS**

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
▶ BRUNA BOAVENTURA
MAQUILHAGEM E CABELOS
▶ CARINA QUINTILIANO



Eh pá, isso é lindo! Mas é o quê?

PLAYSTYLE

Tudo o que um homem precisa para viver melhor



DUCATI A DIESEL

Peguem numa fabulosa Monster da Ducati e, a seguir, juntem-lhe a Diesel, campeã do Urban Wear. O resultado só podia ser uma das motos mais desejadas, provocadoras e com mais estilo que pode encontrar. O duo criador chama-lhe mesmo "urban military chic". A Diesel, que até

já tinha feito uma parceria semelhante com a Fiat, para o 500, não se limitou a vestir a moto. Para acompanhar o lançamento da moto, criou também uma colecção de roupa Diesel Together with Ducati, inspirada na roupa motard mais técnica, claro, para o vestir a si também.





CHOPARD L.U.C. LUNAR TWIN ▶ TÃO PRECISO, QUE A DISCREPÂNCIA ENTRE AS FASES DA LUA DO RELÓGIO E AS REAIS É DE APENAS UM DIA A CADA 122 ANOS.
PORSCHE DESIGN P'6780 DIVER ▶ UMA NOVA CAIXA TOTALMENTE NEGRA E RESISTENTE ATÉ 1000 METROS DE PROFUNDIDADE E EM PERFEITA LEGIBILIDADE.



HUBLOT BIG BANG FERRARI ▶ O RELÓGIO QUE MARCA O INÍCIO DA PARCERIA OFICIAL COM A FERRARI. CAIXA EM TITÂNIO, MOVIMENTO AUTOMÁTICO (UNICO).
ULYSSE NARDIN BLUE TORO ▶ MOVIMENTO AUTOMÁTICO COM CALENDÁRIO PERPÉTUO, NUMA PEÇA GENIAL E EXCLUSIVA, ATÉ PORQUE É LIMITADA A 99 UNIDADES.



IWC SPITFIRE ► MOVIMENTO AUTOMÁTICO (CRONÓGRAFO E CRONÔMETRO) COM CALENDÁRIO PERPÉTUO E GRANDE DATA (DIA MAS TAMBÉM MÊS) DIGITAL. UMA MISTURA ENTRE O TRADICIONAL E O DIGITAL, QUE NOS REMETE PARA OS INSTRUMENTOS DO FAMOSO AVIÃO QUE LHE DÁ O NOME. O CALENDÁRIO PERPÉTUO É TÃO PRECISO, QUE NÃO NECESSITA DE INTERVENÇÃO ATÉ AO ANO 2100. A RESERVA DE MARCHA É DE 68 HORAS E A CAIXA EM OURO ROSA TEM 46 MM DE DIÂMETRO.





> Camisa em linho,
Tommy Hilfiger, € 99,90



> Camisa em algodão,
Decênio, € 55,90



> Camisa em xadrez
com cotoveleiras, Salsa,
€ 54,90

VERÃO AZUL

Nenhuma cor representa tanto o Verão como o azul. E, casual ou formal, nenhuma peça é mais fundamental do que uma boa camisa.



> Camisa de manga
curta em xadrez,
Lacoste, n.d.



> Camisa em algodão,
Stepy, Diesel, € 130



> Camisa de algodão
às riscas, Gant Rugger,
€ 120



> Camisa em Xadrez,
Relay Maestro, n.d.

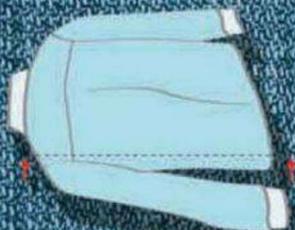


> Camisa em cambraia,
Levi's Red Tab, € 95

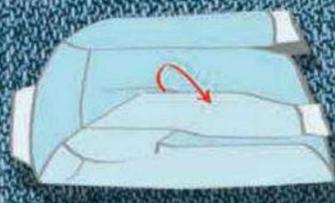


DOBRAR UMA CAMISA

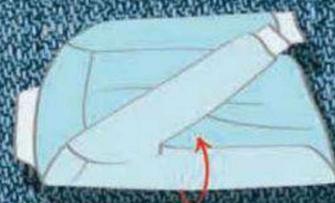
É uma parte fundamental da indumentária masculina e que se quer sempre impecável. Em casa, o ideal é guardar pendurada num cabide mas, se não puder ou for de viagem, aprenda a dobrar uma camisa para que fique sem rugas. **BRUNO LOBO** Ilustração Hélio Falcão



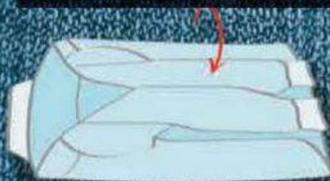
➤ Marque a camisa na parte de cima, mais ou menos entre o colarinho e o ombro. Repita o processo na parte de baixo.



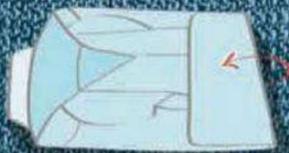
➤ Dobre a camisa exactamente pela linha que encontrou no passo anterior, com cuidado para esticar bem a manga.



➤ Agora, dobre a manga sobre si mesma, de forma a que fique paralela com a secção que dobrou.



➤ Repita os passos anteriores do outro lado.



➤ Agarre nos cantos inferiores e dobre-os até ao meio da camisa. Atenção, as pontas devem ficar simétricas.



➤ Repita o último passo, mas agora até ao colarinho. Quando a guardar, coloque outra camisa oposta, para que não se amarrem.



VERÃO DESPORTIVO

Tradicionalmente, o Verão é a altura em que as marcas lançam as versões Sport dos seus perfumes. Só que este não é um Verão qualquer.

É um Verão de Campeonato Europeu de Futebol e de Jogos Olímpicos, e é por isso que a Davidoff relança o Davidoff Champion, numa edição limitada, intitulada, precisamente, Time For Champions. "Os homens procuram a vitória em tudo o que fazem", diz a marca, e não somos nós que a vamos contrariar nesse ponto. Time For Champions é, óbvia e obrigatoriamente, um perfume fresco e de carácter desportivo, muito por culpa das notas de limão e bergamota. Também a Dolce & Gabbana lançou uma versão Sport do famoso The One. Faz todo o sentido, até porque a sua ligação ao desporto é anti-

ga, e conta com parcerias com as equipas de natação e de rugby italianas, ou com o Chelsea - adequadamente, o novo campeão europeu de clubes de futebol. A visão 'dolce-&-gabbaniana' de um perfume desportivo traz-nos uma fragrância simples, muito "limpa", onde o patchouli continua a ser o ingrediente principal, mas que agora está bem acompanhado por notas de cardamomo, alecrim e rosmaninho. Falta referir a L'Eau D'Issey Pour Homme Sport, de Issey Miyake, uma das mais bem sucedidas linhas de perfume masculino, que ganha também um novo ar. Literalmente, já que a união das notas de bergamota, toranja, noz moscada, vétiver ou cedro, nos remetem para o mar e para o vento. Como o conseguem, isso é um segredo bem guardado. BRUNO LOBO



► Dolce & Gabbana
The One Sport
50 ml, € 42,15



► L'Eau D'Issey
Pour Homme Sport
50 ml, € 53



► Davidoff Champion
90 ml, € 55,40



► Kérastase Masquintense uma máscara para nutrir e suavizar o cabelo



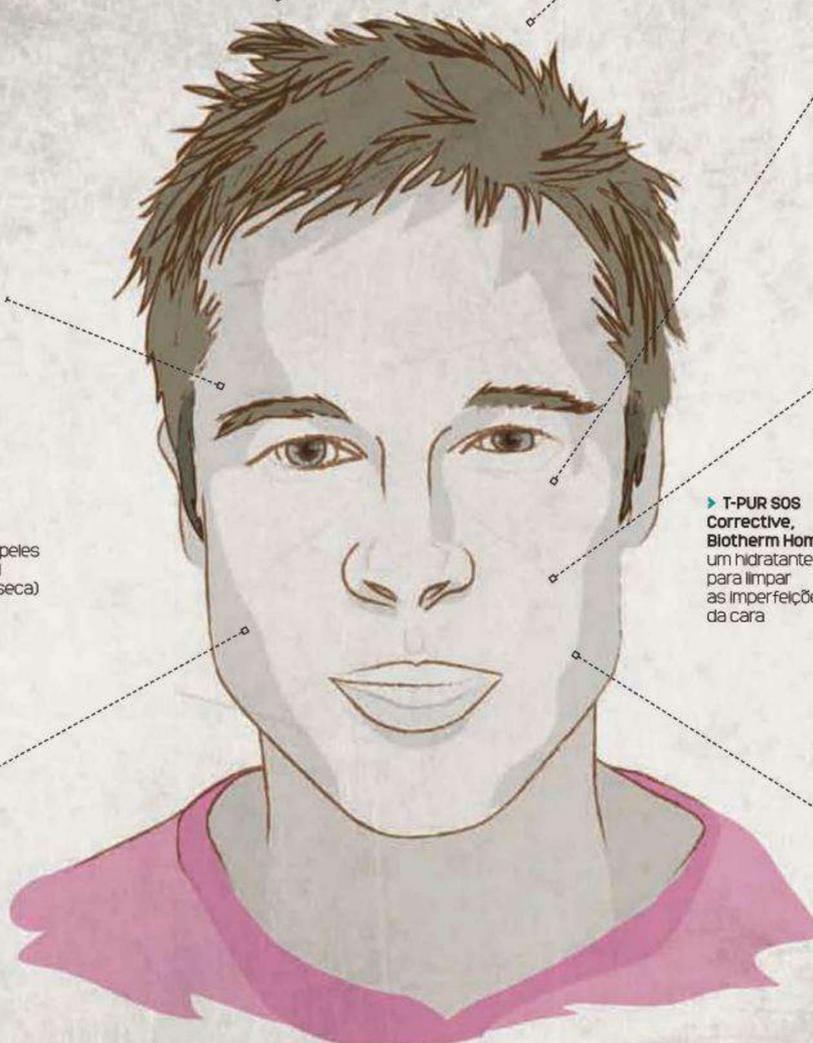
► Kérastase Bain Exfoliant Purifiant champô anti-caspa tipo creme esfoliante



► Soin Apaisant Contour des Yeux, Annayake para acabar com os papos e as olheiras



► Sisleyum, Soin Global Revitaliseur um anti-idade para peles normais (disponível também para pele seca)



► T-PUR SOS Corrective, Biotherm Homme um hidratante para limpar as imperfeições da cara



► Facial Fuel Transformer, Kiehl's suaviza e melhora a tonalidade da pele



► Gentle Shaving Oil, Douglas para que a lâmina deslize suavemente sobre a pele

CUIDE-SE

Nunca é de mais salientar que não se chega a ser um dos homens mais desejados do mundo sem uma boa dose de cuidados masculinos. E aqui ficam algumas sugestões para o ajudar a ficar parecido com uma estrela de cinema.



SHAPE YOUR LEGS & CORE



No treino que vos apresentamos de seguida, damos continuidade ao trabalho iniciado no mês passado, ou seja, o enfoque continua a ser ao nível do trem inferior (pernas) e da região abdominal, surgindo agora novos exercícios que podem ser acrescentados ao plano anterior.

O trícipete (bye bye muscle) é também uma das zonas que começa a merecer destaque, quer nos fundos na cadeira, quer na prancha dinâmica. Para quem gosta de andar de bicicleta, este é um ótimo treino, que complementa as pedaladas. Mantenha-se saudável!! ANA TELES



Aquecimento: Corrida no lugar, alternando com a elevação dos Joelhos à frente, puxar os calcanhares até ao rabo, ou saltos baixinhos. Saltar à corda é uma excelente alternativa. O principal objectivo é aumentar a frequência cardíaca e predispor o nosso corpo para o que aí vem. 10 minutos de duração.



Agachamento lateral: Partindo da posição inicial “em pé”, “sentar” sobre uma perna enquanto mantemos a outra em extensão; voltar à posição inicial e repetir o movimento para o outro lado. 12/15 vezes para cada lado, alternadamente.

Músculos: Quadríceps e adutores

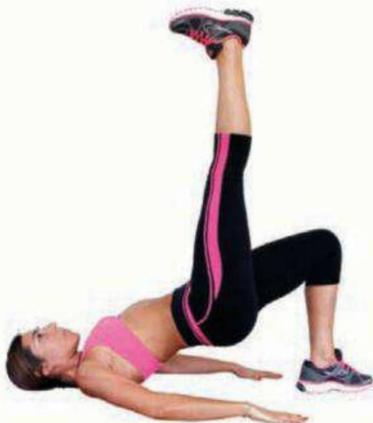


Prancha dinâmica: Posição de prancha, apoiado nos cotovelos, que devem ficar alinhados com os ombros, e com o abdominal o mais encolhido possível. Subir para as mãos e descer novamente para os cotovelos, mantendo a anca alinhada com o resto do corpo. Oito vezes de cada lado: subir e descer primeiro com a mão esquerda e depois com a direita. **Músculos:** Abdominais e tríceps



Adutores no chão: Deitados de lado, com o cotovelo apoiado por baixo do ombro. A perna de baixo ligeiramente flectida vai fazer um movimento de elevação e, ao voltar para baixo, não deve tocar no chão. 20 repetições para cada lado.

Músculos: Adutores



Shoulder Bridge unilateral: Deitados de costas no chão, joelhos flectidos e braços ao lado do corpo. Uma das pernas sai do chão, ficando esticada na direcção do tecto; realizar 15 elevações da anca com cada perna.

Músculos: Glúteos



Walking Lunge: Passo longo e descida vertical do corpo. Atenção: o joelho da frente não avança em relação à ponta do pé. Subir e avançar para a outra perna, sem interromper o movimento. Tentar arranjar um espaço amplo que permita fazer pelo menos 8 “passadas”, até um total de 20.

Músculos: Quadríceps e glúteos



Fundos na cadeira: Mãos no bordo da cadeira, à largura dos ombros, dedos voltados para a frente. Afundar o corpo, realizando a flexão dos cotovelos sem deixar que estes se afastem. A anca passa sempre próximo da cadeira. Menos intenso com os joelhos flectidos.

Músculos: Tríceps

Com o Apoio:

Clube VII
HEALTH & FITNESS CLUB



PORSCHE PANAMERA S HYBRID

Um Porsche económico e ecológico? O melhor dos dois mundos? E por que não? Se pudermos ter elevadas prestações e, ao mesmo tempo, consumo e emissões reduzidos, a carteira agradece; o Planeta Terra também.

COMEÇANDO PELO FIM, uma bela surpresa: nos cerca de 400 km deste teste, o consumo ficou-se pelos 11.5 l/100. A própria marca usa isto como mote para a comunicação do Panamera híbrido: é o Porsche mais económico de todos os tempos.

Continuando, pelo INÍCIO: visto de fora, o Panamera híbrido é... um Panamera. Longo, baixo, nada que o identifique senão um discreto 'hybrid' no flanco e o

nome completo na traseira. Lá dentro, a longa consola central domina o ambiente a bordo. Habitáculo luminoso, espaçoso, elevada qualidade de materiais e acabamentos, vive-se bem dentro de um Panamera. Condução: chave à esquerda do volante, como é típico, um quarto de volta e... silêncio. O motor eléctrico assegura os primeiros metros, desde que a pressão no acelerador não seja demasiada; se for, é o V6 de 3



MOTOR(ES) ▶ V6 COM 2995 CM³ + ELÉCTRICO
POTÊNCIA ▶ 380 CV (333 + 47)
CAIXA ▶ TIPTRONIC S DE 8 VELOCIDADES
VEL. MÁX. ▶ 270 KM/H
0-100 KM/H ▶ 6,0 S
0-200 KM/H ▶ 24,3 S
CONSUMO ▶ 6,8 L/100
EMISSÕES CO₂ ▶ 159 G/KM
PREÇO ▶ € 118 808



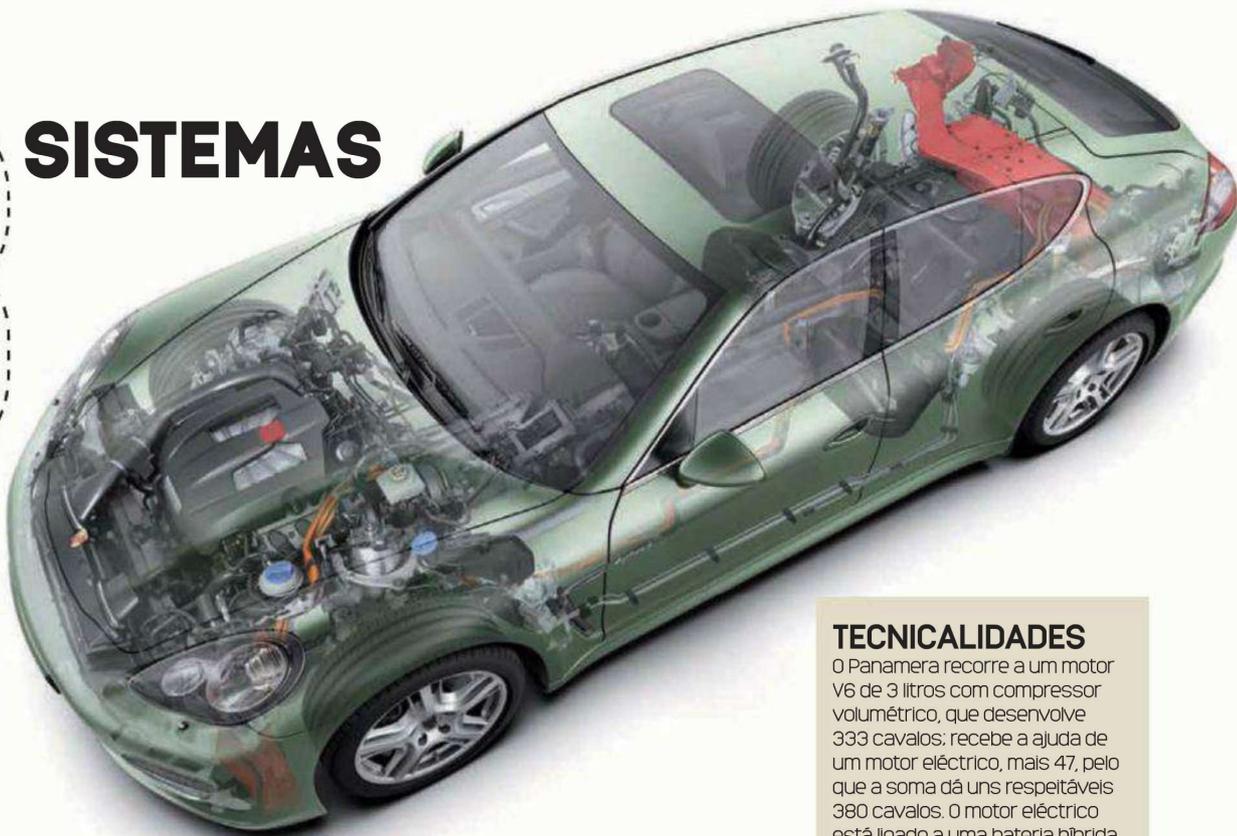
litros a mandar e a fazer arrancar as duas toneladas (pronto, menos 20 kg...) do Panamera híbrido.

A caixa de 8 velocidades Tiptronic S é uma maravilha da electrónica. Suave como talco para bebé, ela transforma o Panamera híbrido numa fera, sempre que se abusa da pressão no acelerador. Aí, poucos carros se podem orgulhar de acelerações e reduções assim, tal a resposta e a sonoridade do V6.

O Porsche Panamera híbrido custa quase 120 mil euros. Fasquia facilmente ultrapassável, até, tal o cardápio de opcionais. É um automóvel economicamente racional? Não, nem isso lhe é pedido. É pura paixão? Claro, é um Porsche. Mas consegue-se misturar paixão com algum sentido económico, adicionando a isso uma – oh, tão actual – consciência ecológica? Definitivamente que sim. LUÍS MERCA

SISTEMAS

HÍBRIDOS



TECNICALIDADES

O Panamera recorre a um motor V6 de 3 litros com compressor volumétrico, que desenvolve 333 cavalos; recebe a ajuda de um motor eléctrico, mais 47, pelo que a soma dá uns respeitáveis 380 cavalos. O motor eléctrico está ligado a uma bateria híbrida NIMH (níquel-metal), utilizada para armazenar a energia gerada pelo andamento e travagem da viatura. Uma característica do sistema híbrido da Porsche é ser 'em paralelo', o que contrasta com a filosofia de outras marcas. Nessas, as vantagens resumem-se quase apenas à circulação urbana. Já o Panamera pode circular no modo 'sailing' - até aos 165 km/h - situação em que o motor de combustão se desliga, sempre que não esteja a fornecer potência às rodas.

O Porsche Panamera híbrido conduz-se de forma especial. Em cidade, aliviando com frequência o pé direito, alterna-se entre pontuais intervenções do motor V6, e períodos em modo 100% eléctrico: silencioso, económico e ecológico. Já em estrada e auto-estrada, dois cenários: num ritmo 'à Porsche', com acelerações e velocidades impúblicáveis, o motor de combustão domina e faz alarde de todas as suas capacidades.

Mas aí, caro leitor, esqueça o consumo comedido e a redução do efeito de estufa.

O segundo cenário, mais agradável para a Quercus e para o orçamento familiar, é optar pelo andamento 'sailing'. Como o nome indica, é 'velejar', deixar o carro 'planar, deslizar', e obtém-se uma notável gestão de motores (combustão/eléctrico), com benefícios sensíveis - vd. o primeiro parágrafo e o nosso consumo neste teste.

HÍBRIDOS MADE IN JAPAN



TOYOTA

> HSD - HYBRID SYNERGY DRIVE

Popularizou à escala global o conceito da viatura híbrida. Mas desde 1997, ano do lançamento do Prius, até aos nossos dias, a Toyota tem vindo a evoluir o seu sistema, baseado na utilização de um motor 1.8 a gasolina, ajudado por um eléctrico. O conjunto atinge um total de 136 cv e permite uma utilização 100% eléctrica em pequenos percursos e a velocidades reduzidas.



HONDA

> IMA - INTEGRATED MOTOR ASSIST

Como o nome indica, o motor eléctrico assiste o de combustão nas acelerações, aliviando o seu esforço e permitindo a utilização de um bloco de menores dimensões. No entanto, este sistema não permite desligar por completo o motor de combustão, muito embora seja o único no mundo a poder funcionar em modo convencional, apenas com esse motor a gasolina.

PIAGGIO MP3 TOURING 500 I.E. BUSINESS

Primeira sensação: uma frente imponente, pesada, que quase não nos deixa curvar, sobretudo quando estamos habituados a deitar-nos em duas rodas e a forçar a curva.



pedro pinto

Pois, tem três rodas, é bom recordar! E, por isso mesmo, é uma mota diferente, feita a pensar na segurança de quem não tem grande experiência de duas rodas. A certeza de uma viagem segura e com confiança, entre casa e trabalho, advém de uma frente firme e estável, aconteça o que acontecer. E esse é um trunfo impagável desta Piaggio: além de confortável, faz-nos sentir em extrema segurança, sem contratempos de equilíbrio, mesmo para os mais desajeitados. As duas rodas na frente, que a tornam mais larga e estável, fazem mesmo diferença. E é uma questão de tempo até nos sentirmos entrosados. E confiantes! Depois, há um conforto que agrada desde o primeiro momento em que nos sentamos na Mp3 Touring 500 I.E. Business: o pormenor do travão de mão, os punhos maciços, os manómetros clássicos mas com estilo, o banco ergonómico, mesmo a pedir outro passageiro, conferem características especiais a esta Mp3. A protecção frontal anti-vento é decisiva para uma viagem agradável, descansados, resguardados e protegidos, até mesmo quando chove ligeiramente. Mesmo a maior velocidade - é relativamente fácil atingir os 140 km/h - estabilidade e robustez são atributos que se mantêm. Para o dia-a-dia de um executivo, há ainda um espaço que chegue para guardar tudo o que seja apetrecho de viagem: capacete, luvas, casaco, calças e até botas, para trocar pelos sapatos

clássicos assim que chega ao escritório.

Ao fim-de-semana, fica o convite para passeios mais longos, a desfrutar do conforto e da paisagem. E se, à primeira vista, esta Piaggio não parece a scooter ideal para zigzaguar entre o trânsito, a verdade é que a distância entre os extremos do guiador é o que verdadeiramente conta. Ora, com um bocadinho de jeito, passa em todo o lado! ■



PIAGGIO MP3 TOURING 500 I.E. BUSINESS

- ▶ CILINDRADA 493 CM³
- ▶ POTÊNCIA 41 CV
- ▶ CAIXA AUTOMÁTICA
- ▶ COMPRIMENTO 2180 MM
- ▶ DEPÓSITO 12 LITROS
- ▶ VELOCIDADE 150 KM/H
- ▶ PREÇO € 8735

(QUE ATÉ É ACESSÍVEL,
SE FIZERMOS CONTAS
AOS PARQUÍMETROS
E AO TRÂNSITO.)





TV NO CARRO

> Este nüvi 2585TV é um excelente GPS da Garmin. E pronto, agora que este assunto está despachado, deixem-me dizer que a grande novidade é que vem com um receptor de televisão (Digital Terrestre, claro) integrado, que lhe permite ver inúmeros canais de televisão no aparelho. Ou seja, é um GPS, sim, mas também é um televisor portátil, o que vem muito a calhar nesta altura do Euro, para não perder nenhum jogo de Portugal.



GRANDE CAPA

> Muito mais que uma capa. Na realidade, o Logitech Solar Keyboard Folio é quase tão fino como uma capa de iPad normal, mas dispõe de um teclado integrado, o que se pode tornar muito útil na hora de escrever textos ou e-mails. E o teclado, como o nome indica, funciona a energia solar. Pena é que a célula que alimenta o teclado não funciona também para carregar o próprio iPad. Mas também o acorda ou coloca em stand-by sempre que abre ou fecha a capa.



PPHONE

> Como Ideia, está bastante boa. Chega a casa, coloca o telemóvel (iPhone ou qualquer outro) na base deste Philips ThinkLink, e a partir desse momento todas as chamadas são reencaminhadas para o telefone de casa, ao mesmo tempo que também carrega o telemóvel. Melhor ainda, pode ligar dois telemóveis em simultâneo. E como a lista de contactos pode ser sincronizada entre os dispositivos, está à vontade nesse aspecto.



PHOTO SHOOT

> A G1X é a nova evolução das câmaras compactas da Canon. Apesar de, neste caso, termos de entender "compacta" com alguma liberdade, porque não é tão pequena assim. É o preço a pagar por ter um sensor de grandes dimensões, em tudo semelhante aos das DSLR, e essas continuam bem maiores. Some-se um zoom de 4x e temos uma máquina que, sem ser para toda a gente, vai agradar seriamente a quem não se importa de pagar um extra para ter uma excelente qualidade de imagem.

TRÈS ELEGANTE



Há muito para gostar neste HP Folio 13. Para começar, quem precisa de um computador pequeno vai gostar de saber que é um Ultrabook, com um ecrã de 13 polegadas e uma autonomia testada de 9h30. Aguenta um dia de trabalho sem ir à corrente. É também um PC bastante competente, com um processador Intel i5 e uma drive SSD de 128 Gb (a leitura dos ficheiros torna-se muito mais rápida), pelo que em termos de desempenho é mais do que suficiente para a maioria das pessoas. Vem também com duas portas USB (uma delas 3.0), uma de rede e uma HDMI. O que é fantástico porque, como podem ver pela fotografia, é bastante fino (18 milímetros de espessura). E vemos também que é um computador visualmente apelativo, agora – só não sabemos se será assim tão fácil replicar o gesto da foto porque, pesando 1.5 kg, não é com dois dedinhos que o vamos agarrar. Felizmente, para um PC assim, o preço de 1000 euros até que é bem leve. BRUNO LOBO

www.playboyfragnances.com/ ©2010 Playboy PLAYBOY and RABBIT HEAD DESIGN are trademarks of Playboy and used under license by Cos

PRESS TO PLAY



THE CITY NEVER SLEEPS...

NEW YORK PLAYBOY 

THE NEW FRAGRANCE FOR MEN



PLAYGROUND

Desporto, mais desporto e ainda mais desporto

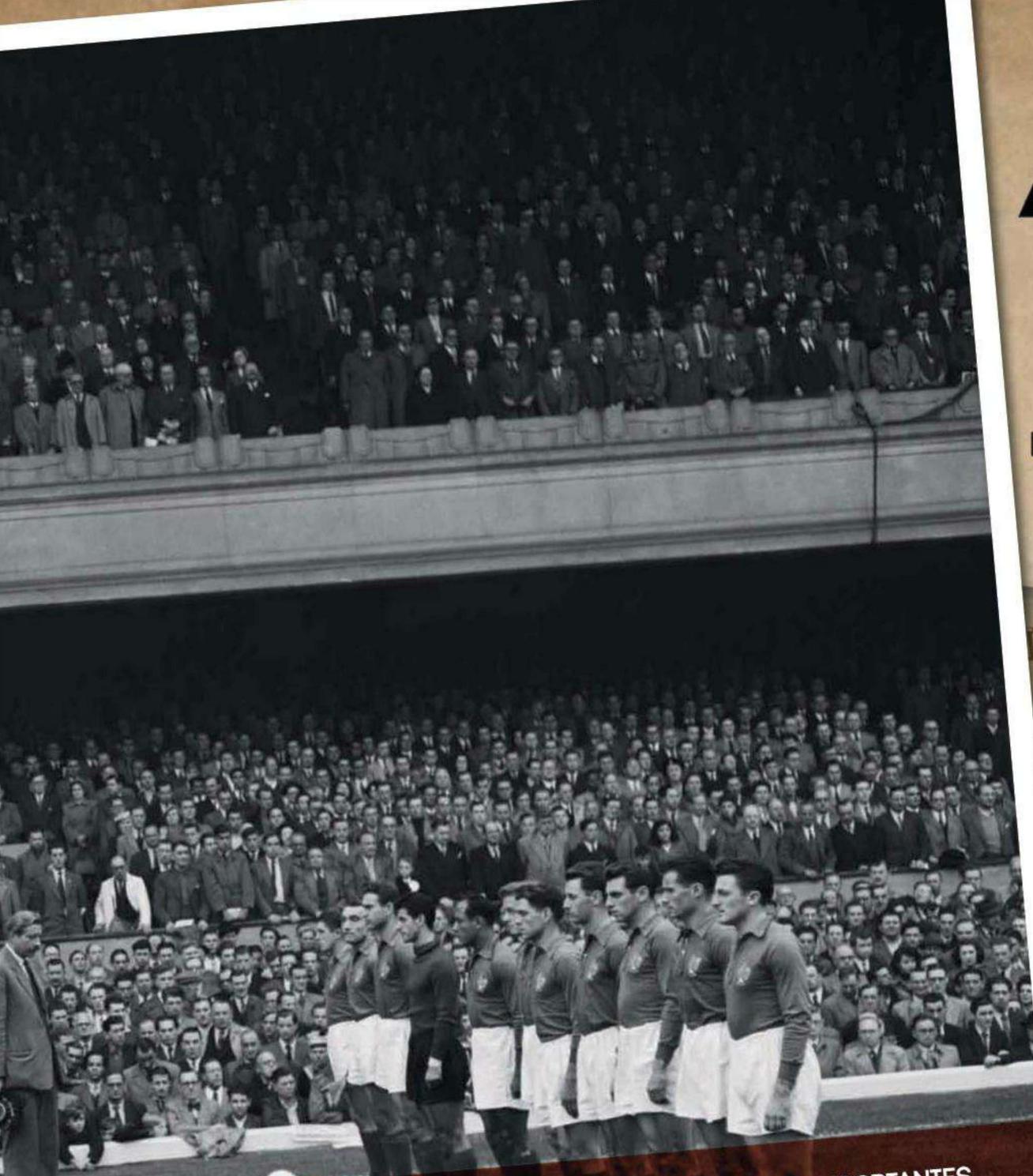


I GOTTA A FEELING

É provavelmente um dos grupos mais difíceis da história dos Europeus. É de certeza o mais difícil deste aqui. E, se, o passarmos, ainda podemos

apanhar com a Grécia de má memória. Mas, aqui na Playboy, achamos que desta é que é! Desta é que o país vai ter uma grande alegria.





UEFA
EURO2012
POLAND-UKRAINE



A HISTÓRIA DOS EUROPEUS É FEITA DE MUITAS ESTÓRIAS. UMAS IMPORTANTES, OUTRAS DIVERTIDAS, E MUITAS ESTRANHAS OU, SIMPLEMENTE, BIZARRAS. CONHEÇA AQUI A NOSSA SELECÇÃO DAS MELHORES. OU, A.K.A., OS NOSSOS...

Contos Euróticos

Texto TIAGO BEATO



Os Fab Four nacionais

A Selecção Nacional marcou presença em apenas cinco fases finais de Europeus - 1984, 1996, 2000, 2004 e 2008 - mas as histórias que ficam por contar ultrapassam, e muito, a mão chela. Recuemos até à nossa primeira participação. Em 1982, 16 anos depois da brilhante campanha no Mundial de 1966, o brasileiro Otto Glória estava de regresso ao comando da equipa de todos nós, como ficou conhecida pela célebre expressão do jornalista Ricardo Ornellas.

Arrancou a fase de qualificação com dois triunfos, mas cedo se percebeu que teria uma missão espinhosa pela frente, muito por culpa do conflito entre a Federação e os clubes, que chegaram a recusar a cedência de jogadores à selecção. Apesar das adversidades, o percurso desportivo era positivo, até chegarem as pesadas derrotas frente à URSS (por 5-0, em Moscovo) e a goleada sofrida em solo nacional, num particular contra o Brasil (0-4).

Menos de um ano depois, Otto Glória saía e deixava a Selecção órfã de técnico, a um ano do Europeu. Foi então que a FPF tomou uma medida no mínimo original e entregou o cargo a quatro treinadores: Fernando Cabrita, António Morais, José Augusto e Toni. E foi já com este famoso Quarteto que Portugal superou os seus adversários e garantiu a qualificação para o nosso primeiro Europeu. Chegados a França, a UEFA, surpreendida pelo número de elementos que compunha a comissão técnica, ficou sem saber como tratar a insólita situação. Que nome apareceria na ficha técnica? Quatro nomes?! Foi assim que se decidiu que seria Fernando Cabrita a figurar "oficialmente" nos jogos por ser o mais velho. O respeitinho é bonito e a gente gosta.

Comunismo-1 Fascismo-0

Quando a política se imiscui no futebol, o resultado raramente é positivo. Foi o que aconteceu em 1960. Henri Delaunay, antigo secretário-geral da Federação Francesa de Futebol, lutou durante anos pela criação de uma prova entre as nações europeias, à semelhança do que já acontecia do outro lado do Atlântico com a bem sucedida Copa América. Foi assim que nasceu a então denominada Taça da Europa das Nações. A primeira edição teve pouca adesão e, já naquela época, alguns dirigentes federativos justificaram a falta de comparência devido a um calendário muito preenchido. A prova arrancou com eliminatórias a duas mãos e, mais tarde, realizar-se-ia em França uma pequena fase final, com apenas quatro selecções. Dos 17 países que acederam ao convite da UEFA, a maioria pertencia ao Leste da Europa, e quis o sortelo que a Espanha defrontasse a União Soviética nos quartos-de-final. As duas federações acertaram as datas dos encontros, só que Franco proibiu a sua selecção de viajar até à URSS, por ser um país comunista e com participação directa na Guerra Civil espanhola. Poucas vezes a expressão "adversário" teve tanta força num jogo de futebol. A Espanha perderia os dois jogos por 2-0, por falta de comparência e, ainda mais grave, a oportunidade de provar que seria a mais provável candidata à vitória, uma vez que contava com os jogadores do Real Madrid que conquistaram nesse período cinco Taças dos Campeões consecutivas, como 'Paco'

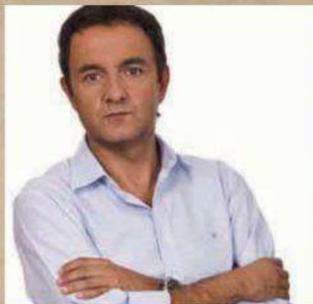


€ 33 174 VALOR DA DIÁRIA DO HOTEL DA SELECÇÃO NA CIDADE POLACA DE OPALENICA. NISTO JÁ GANHAMOS: SOMOS OS QUE PAGAM MAIS!

8 KG É O QUE PORTUGAL ESPERA VER CRISTIANO RONALDO LEVANTAR NO DIA 1 DE JULHO: É O PESO DA TAÇA HENRI DELAUNAY

6 000 ALMINHAS: É O EXÉRCITO DE VOLUNTÁRIOS QUE IRÁ TRABALHAR NO EURO 2012. DIZEM QUE ENOBRECE...

EXPECTATIVAS PARA A SELECÇÃO NO EUROPEU?



LUÍS FREITAS LOBO

Não é nenhum drama se Portugal for eliminado na primeira fase. É verdade que nunca aconteceu chegarmos a uma competição e podermos dizer que temos o melhor jogador da prova, mas o resto da equipa está muito longe das selecções de 2000 e 2004, por exemplo. Já não temos um Ricardo Carvalho, um Vítor Baía, um Figo, um Rui Costa, um Deco ou um João Vieira Pinto. No entanto, temos um jogador que está a planar sobre isto tudo. Só é preciso que Cristiano Ronaldo se assuma neste Europeu e nos leve longe, tal como Maradona e a Argentina no Mundial de 1986, Romário e o Brasil em 1994, ou Zidane e a França em 1998 e 2000. Estamos num grupo muito forte e não será dramático se perdermos com a Holanda ou com a Alemanha. Mas acho que, se passarmos a primeira fase, temos boas hipóteses, até porque nos cruzaremos com um grupo que tem selecções como a Grécia ou a Polónia.

Depois de uma derrota por 3-1 na Bulgária, os homens comandados por José Maria Antunes repetiram o resultado em Lisboa, alcançando uma vitória quase dois anos após o último triunfo! Parecia o prenúncio de um final feliz mas para o jogo de desempate, marcado para Itália, a Selecção apresentou muitas baixas por lesão, entre as quais as de Eusébio e Coluna. E num jogo marcado pelo azar, o inevitável Asparuhov marcou a cinco minutos do fim e afastou Portugal do sonho. Já em 68, os carrascos búlgaros surgiram no final de uma campanha que contou com mais selecções, ao contrário das eliminações directas dos dois primeiros Europeus, e confirmaram o irregular percurso que Portugal iniciara nos jogos diante da Suécia e da Noruega, saldado em duas vitórias, um empate e uma derrota. Novo desaire em Sófia e a confirmação do adeus ao Euro'68. Curiosamente, pelo meio, no Mundial de 66, cruzámo-nos com a Bulgária e vencemos por claros 3-0. Ele há coisas...

Totonero disgraziato

O Euro'80, disputado em Itália, disputou-se apenas três meses depois de rebentar o famoso escândalo de apostas ilegais conhecido por Totonero. Entre os 21 jogadores castigados, destacava-se o goleador Paolo Rossi, então no Perugia, o jogador mais bem pago do mundo na altura, que foi suspenso durante dois anos. Inicialmente seriam três, mas entretanto foram reduzidos para que Rossi ajudasse a Itália no Mundial de 82. E se ajudou: foi o melhor marcador da prova e a Squadra Azzurra foi campeã. Mas foquemo-

-nos no Euro'80. Nunca um escândalo de apostas tinha atingido tamanha proporção, e o timing não podia ter



128 INTERNACIONALIZAÇÕES
PARA IKER CASILLAS, O MAIS
INTERNACIONAL DOS JOGADORES
PRESENTES NA COMPETIÇÃO. O
GUARDA-REDES DO REAL MADRID
SOMA 128 JOGOS PELA ROJA



Gento ou o outrora argentino Di Stéfano, além de Luis Suárez, do Barcelona, considerado por muitos o melhor jogador espanhol de todos os tempos. Quem aproveitou, e de que maneira, foi a URSS do mítico Lev Yashin, que acabaria mesmo por bater a Checoslováquia na final em terras gaulesas.

Búlgaros: carrascos dos anos 60

Como já vimos, a nossa primeira presença na fase final de um Europeu aconteceu apenas em 1984, na sétima edição da competição. Um dos adversários que impediu a estreia portuguesa mais cedo foi a Bulgária, que deixou a equipa das quinas fora das provas de 1964 e 68. O primeiro afastamento foi envolto num ambiente de algum excesso de confiança, depois do sucesso europeu do Benfica, vencedor das Taças dos Campeões de 61 e 62. Era com naturalidade que a maioria dos jogadores vestisse a camisola das Águias, mas na Selecção o ambiente era diferente. A equipa de Leste tinha um conjunto forte, no qual se destacava o goleador Georgi Asparuhov, principal figura do futebol búlgaro até ao aparecimento da geração de ouro dos anos 90.



EXPECTATIVAS PARA A SELECÇÃO NO EUROPEU?

sido pior para a UEFA, que tinha apostado fortemente no sucesso desta prova. A fase final contou pela primeira vez com oito selecções, divididas em dois grupos de quatro, e o derradeiro encontro seria disputado pelos primeiros classificados de cada grupo. Como este Euro parecia destinado a ser um dos maiores farrapos da história da prova, a Itália marcou apenas dois golos, ficou atrás da Bélgica, e perdeu assim a oportunidade de disputar a final. Segundo a imprensa transalpina, muito por culpa de um português, António Garrido de seu nome. O árbitro não assinalou um penalty a favor dos italianos, por suposta mão de um defensor belga, e o nulo permitiu à equipa do guarda-redes Jean-Marie Pfaff segurar o primeiro posto. A descredibilização do futebol devido ao Totonero, e a má campanha italiana, afastou o público dos estádios, e o Euro'80 registou uma média de apenas 25 mil espectadores por partida.

Empregado do mês? No mínimo, empregado do ano!

Estávamos na fase de apuramento para o Euro'72 e a Dinamarca foi o nosso primeiro adversário. A selecção nórdica era composta por jogadores amadores



OCTÁVIO MACHADO

“As expectativas são sempre boas. Embora tenha em consideração o grupo forte em que estamos inseridos. Tudo depende de nós, está tudo em aberto. E acho que temos vantagem no factor físico, que é determinante nesta fase da época. Exceptuando o Pepe e o Ronaldo, os nossos jogadores estão mais frescos que os alemães, por exemplo. O Coentrão, o Postiga, o Hugo Almeida, o Custódio, temos muitos jogadores mais descansados. Mas isso não é tudo. Apesar do elevado número de jogos, o Ronaldo é um bicho competitivo, aparece sempre nas melhores condições em qualquer situação. Em relação às restantes selecções, não acredito muito na Espanha este ano, até pelo que vimos do Barcelona, com jogadores física e psicologicamente muito desgastados, e são a base da selecção. A Alemanha é sempre candidata, mas pode aparecer também uma surpresa, como a Grécia ou a Dinamarca. Tudo pode acontecer...”

e, como tal, esperava-se um passeio até à Escandinávia, antes de um confronto mais complicado diante da Bélgica, que seria a vencedora do grupo. Na preparação para a recepção à equipa das quinas, os dinamarqueses viram-se privados de Morten Olsen – principal figura da época e, anos mais tarde, seleccionador – e do habitual capitão, Erik Nielsen. Se Olsen estava lesionado, já Nielsen apresentou uma justificação no mínimo caricata para falhar o encontro inaugural. Apesar da enorme experiência internacional, o capitão dinamarquês nunca descurou a profissão de gerente de uma firma em Copenhaga. E Nielsen faltou ao jogo com Portugal porque... o patrão fazia anos no mesmo dia e dava uma festa de arrombal

Burt de Jordão? Oh, mon Dieu!

Marselha, 23 de Junho de 1984. Portugal defronta a França nas meias-finais do Euro'84, na primeira presença lusa numa fase final, e vende cara a derrota face ao enorme favoritismo dos organizadores da prova. A equipa, orientada pela comissão técnica composta por quatro homens, chega a esta fase depois de superar um grupo que incluía Alemanha, Espanha e Roménia. O empate a uma bola no final dos 90 minutos motivou o prolongamento. A França tem Platini, mas Portugal tem Chalana. A França tem Lacombe e Six no ataque, mas Portugal tem um Jordão em noite endiabrada. Já tinha marcado o primeiro, e foi dele o 2-1, quando estavam jogados oito minutos do prolongamento, que surpreendeu tudo e todos e deixou Portugal em vantagem. A maioria dos quase 55 mil espectadores presentes no estádio Vélodrome passa um mau



€ 600 PREÇO DE 1 BILHETE PARA A FINAL, A DISPUTAR NO ESTÁDIO OLÍMPICO DE KIEV, NO DIA 1 DE JULHO. BANCADA CENTRAL, CLARO.

€ 100 MILHÕES VERBA QUE A UEFA IRÁ DIVIDIR PELOS CLUBES QUE CEDEREM JOGADORES ÀS SELECÇÕES PRESENTES NO EURO'2012.

€ 29.2 MILHÕES FACTURAÇÃO DE CRISTIANO RONALDO EM 2011 (SALÁRIOS, PRÉMIOS E PUBLICIDADE), O QUE FAZ DELE O JOGADOR MAIS BEM PAGO DO TORNEIO.

EXPECTATIVAS PARA A SELECÇÃO NO EUROPEU?

bocado, principalmente Fernand Sastre, o presidente da Federação Francesa de Futebol, que desmaiou logo depois do espectacular remate picado com que Jordão bateu o guarda-redes Joël Bats. O lateral esquerdo Jean-François Domergue marcou o seu segundo golo da noite e empatou a eliminatória. E o inevitável Michel Platini, a um minuto do final do prolongamento, confirmou a reviravolta e a vitória galega por 3-2. Fernand Sastre, esse, recuperara a tempo de festejar a presença na final. Anos mais tarde, Chalana contou as condições que a Selecção Nacional encontrou na preparação para o encontro com a França. Nos treinos que antecederam a meia-final, a equipa portuguesa trabalhou num descampado que tinha cerejeiras a substituir as balizas! Apesar desta situação vergonhosa, não há relatos de desmaios entre os dirigentes federativos quando esta história veio a público...

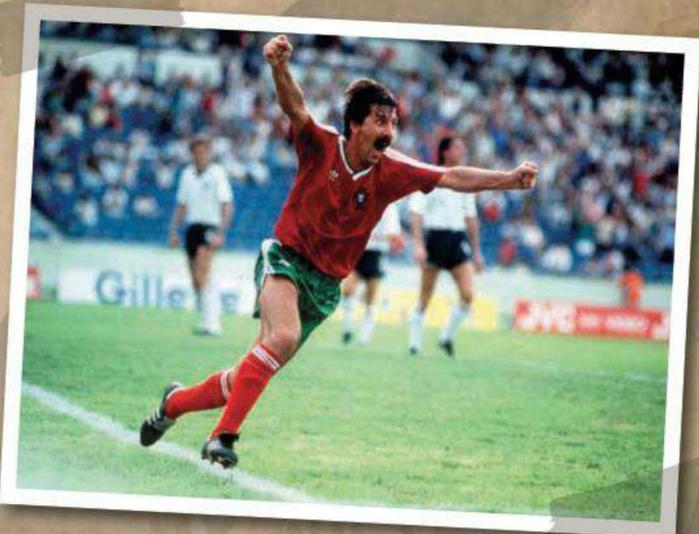


MIGUEL BARBOSA

As minhas expectativas são de ir o mais longe possível e ganhar, que é o sonho de todos os portugueses. Disputar a final seria espectacular, mas há selecções muito fortes, como a Espanha e a Alemanha. Vamos ter uma fase de grupos muito difícil, mas será sempre complicado mais para a frente. Temos de encarar jogo a jogo, tem de ser com essa mentalidade. E o favoritismo é sempre subjectivo, basta vermos os nomes dos finalistas da Liga dos Campeões deste ano, quando todos pensavam que seriam o Real Madrid e o Barcelona.

Fúria espanhola e... holandesa

Sempre que se fala da selecção espanhola, lá vem a expressão La Furia Roja. Mas em Dezembro de 1983 ficámos a conhecer a Furia Naranja. Tal como Freud, a Playboy explica. Era o último jogo da fase de apuramento para o Euro'84, e a França, automaticamente apurada enquanto organizadora, esperava pelos restantes finalistas, que seriam os vencedores dos sete grupos da qualificação. A Espanha e a Holanda disputavam a liderança do grupo 7, composto ainda por Irlanda, Islândia e Malta, e os holandeses terminaram os seus oito jogos com um balanço de seis vitórias, um empate e uma derrota. Com os calendários desencontrados, a Espanha só concluiria a sua qualificação quatro dias depois do último jogo da Holanda, curiosamente ambos contra Malta. Na recepção aos amadores malteses, a Laranja Mecânica aplicou uma mão cheia de golos sem resposta e ficou confortavelmente à espera do resultado de Nuestros Hermanos, que precisavam de vencer no mínimo por 11 golos, de forma a terminarem com uma melhor diferença entre golos marcados e sofridos. Ninguém acreditava que



tal fosse possível, até porque a Espanha havia sentido dificuldades para vencer em Malta (3-2) e a última goleada da sua história já tinha 13 anos, quando bateram Chipre por 7-1. O próprio seleccionador Miguel Muñoz foi realista na análise ao encontro e afirmou que "falar hoje num 11-0 é pensar num milagre, mas nada é impossível". Já o guarda-redes maltês, John Bonello, chegou a dizer à imprensa que não regressaria ao seu país caso perdesse por 11-0, e o seleccionador Victor Scerri garantiu que ia ter cautelas defensivas para evitar outra goleada como a sofrida na Holanda. Foi neste ambiente que se disputou o jogo em Sevilha, perante pouco mais de 30 mil aficionados. O encontro não podia ter começado da pior forma para a selecção espanhola, que viu Juan Señor desperdiçar um penalty nos primeiros minutos. O avançado Santillana fez o 1-0 aos 15 minutos e, para aumentar o dramatismo do "filme", Michael Deglorgio empatou no único remate que os malteses fizeram à baliza do estreante Paco Buyo, o amigo de Futre. Ao intervalo, um magro 3-1 não fazia prever o resultado final, mas La Furia Roja carregou na segunda parte e, a cinco minutos do fim, Señor (só podia!) marcou e a Espanha chegou ao improvável e tão desejado 12-1. À festa espanhola seguiu-se a desilusão holandesa, que reagiu com desportivismo ao resultado, como provam as palavras do seleccionador Kees Rijvers, ao afirmar que os milagres também existem no futebol. O conto de fadas só seria perfeito caso a final do Euro'84 fosse escrita com um triunfo espanhol, mas Platini e companhia não foram em cantigas e venceram por 2-0.



EXPECTATIVAS PARA A SELECÇÃO NO EUROPEU?



FERNANDO ALVIM

Como qualquer português, tenho expectativas elevadas. Mas não tenho só com esta Selecção, tenho com todas. Não há uma Selecção que eu não tenha acreditado que fosse capaz de vencer o Euro ou o Mundial. Mesmo quando afirmo que com esta equipa não vamos lá, por dentro, todo eu salto, cruço os dedos, duvido da heterossexualidade do árbitro, e acredito que sim. Acho que tenho com a Selecção a mesma relação que se deve ter com um filho, isto é, mesmo que faça asneira e assalte um banco, ele será nosso filho e objecto do nosso amor. E sim, podem tirar esses lenços de papel... Já no Mundial estava com um feeling, no outro Europeu com um feeling, e neste, não fazem ideia do feeling que eu tenho. Mas acho que todos temos que o ter, porque temos o Ronas, caramba, e temos o treinador mais bem vestido deste Europeu. Contudo, ainda nos falta uma coisa: devíamos ter uma daquelas miúdas que se prometem despir se a Selecção vencer. Sugiro que alguém se chegue à frente. O importante é apoiar esta Selecção e arranjar uma miúda que prometa despir-se para a Playboy se vencermos.

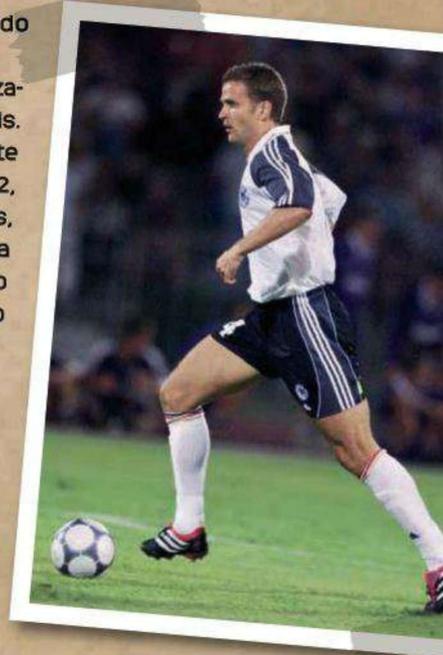
Os danos colaterais de Saitillo

Parece mentira, mas o caso Saitillo afectou, e de que maneira, a campanha portuguesa rumo ao Euro'88. "Mas o que é que o Mundial do México tem a ver com uma competição europeia?", pergunta o intrigado leitor com justificada estranheza. É que o caso Saitillo assumiu contornos bem mais graves do que o conflito entre os jogadores (que exigiam o aumento dos prémios de jogo e parte das receitas de publicidade) e a Federação Portuguesa de Futebol, ou a eliminação na fase de grupos do Mundial de 86. Os dirigentes federativos responsabilizaram alguns jogadores pelo "motim" e afastaram-nos da selecção - Bento, José António, Sobrinho, João Pinto, Jaime Pacheco, Carlos Manuel e Diamantino. Só que os restantes homens presentes no México, num gesto solidário, acompanharam os castigados e saltaram do barco. Tudo isto quando já estava na altura de voltar a reunir tropas para a missão Euro'88. Sem os 22 jogadores que José Torres levou para o Mundial que consagrou Maradona, a fase de apuramento arranca da pior maneira possível. Para o comando técnico, a FPF escolheu Rui Seabra, um advogado sem qualquer ligação ao futebol, que seria coadjuvado por Juca e

António Oliveira. E o regresso de jogadores ostracizados, como o veterano Manuel Fernandes, que falhara o Mundial por telmosia de José Torres e se encontrava ausente da Selecção há três anos, e o defesa Alberto, que não vestia a camisola das quinas há seis anos, foi uma solução de recurso. A caminhada arrancou com três empates e uma derrota, que deixaram o apuramento praticamente perdido. E se lhe dissermos que um dos empates foi mais vergonhoso que a derrota? Às vezes acontecem estas coisas. O desaire, apesar de caseiro, foi diante da poderosa Itália, contra a qual Portugal tem historicamente muitas dificuldades. Mas um dos empates foi na recepção à modesta Malta, a tal que quatro anos antes havia sido destroçada em Espanha por um inesquecível 12-1. O escândalo ditou a demissão de Rui Seabra e, já com Juca no banco, Silva Resende, entretanto reeleito presidente da FPF, levantou o castigo e chamou os principais jogadores portugueses à Selecção. O resultado foi imediato e saiu-se com um triunfo na difícil deslocação à Suécia de Mats Magnusson. Só que apenas um milagre apuraria Portugal para o Euro'88. E se é verdade que eles também acontecem no futebol, não foi aqui o caso.

O herói improvável

A favorita Alemanha encontrou a República Checa na final do Euro'96, após eliminar a Inglaterra, organizadora do torneio, nas meias-finais. Depois da derrota sofrida frente à Dinamarca na final do Euro'92, os alemães refrearam os ânimos, até porque do outro lado estava uma equipa que já tinha batido Itália, Portugal e França. O estádio de Wembley preparou-se para receber a sua última final de uma competição internacional e os dados estavam lançados. O checo Patrik Berger abriu o marcador, e parecia que a história se iria repetir, uma vez que em 1976, a então Checoslováquia batera a Alemanha na final que celebrou o penalty de Panenka. Só que o seleccionador



48 394 ESPECTADORES
É A LOTAÇÃO MÉDIA DOS OITO
ESTÁDIOS DO EURO'2012, E O
CUSTO MÉDIO DE CADA UM FOI...

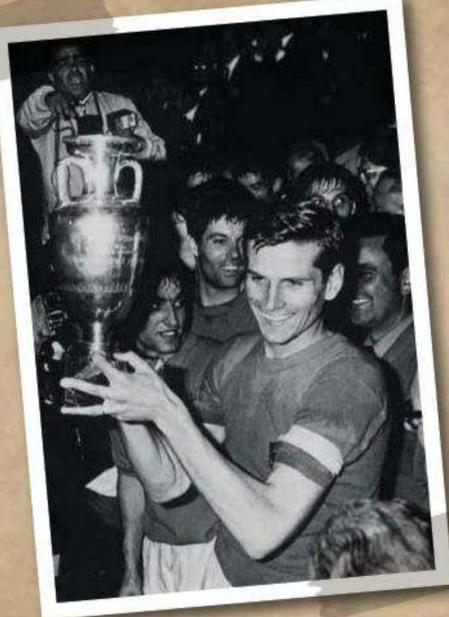
€ 2.9 MIL MILHÕES

10.1 MILHÕES
ESPECTADORES QUE VIRAM IN
LOCO OS JOGOS DOS EUROPEUS.

485 GOLOS MARCADOS
NA HISTÓRIA DOS EUROPEUS.

6% JOGOS DECIDIDOS
ATRAVÉS DE PONTAPÉS
DA MARCA DE GRANDE
PENALIDADE. DECIDIDOS
NOS PENALTIES, PRONTO!

EXPECTATIVAS PARA A SELECÇÃO NO EUROPEU?



© JOÃO CARLOS

derrota do Euro'76, lançou o desconhecido Oliver Bierhoff, e este demorou apenas quatro minutos para igualar a partida. O encontro foi para prolongamento e o herói Bierhoff, numa noite de sonho, voltou a precisar de apenas quatro minutos para marcar outro gol, literalmente de ouro, que deu o troféu à Alemanha. A regra do Golo de Ouro, introduzida pela FIFA em 1993, ainda não tinha sido vista em nenhum jogo relevante, e quando Petr Kouba não segurou o seu remate, Bierhoff correu desenfreadamente, sabendo que a vitória estava alcançada. O Golo de Ouro é que parece não ter agradado a toda a gente, uma vez que em 2002 era criado o Golo de Prata. Esta regra tinha a diferença de oferecer a vitória à equipa que estivesse em vantagem no intervalo do prolongamento. Ainda não satisfeita, a International Football Association Board, entidade que regulamenta as regras do futebol, decidiu abolir definitivamente os golos de metais preciosos logo a seguir ao Euro'2004, e voltou tudo ao início: empate, prolongamento e penalties.

Cara ou coroa?

Em 1968, o futebol italiano triunfou ao impor um estilo de jogo que tinha tanto de defensivo como de venenoso: o catenaccio. Helenio Herrera, treinador que passou pelo Belenenses, foi o principal responsável pelo sucesso deste sistema, principalmente depois da conquista de duas Taças dos Campeões pelo Inter nos anos 60. Este estilo ganhou força em Itália e a própria Squadra



ANA LÚCIA CHITA

«Acho que Portugal vai longe, porque podemos, com o muito sangue novo que temos. Paulo Bento trouxe mais carisma e uma atitude positiva à Selecção. Espero que os novos jogadores, como o Néilson Oliveira, se concentrem para dar o melhor em cada jogo, e que tragam resultados. Uma vez que o Euro é longe de casa, que a Selecção dê muitas alegrias ao povo, espalhado pelas esplanadas do nosso país, e bem acompanhado por uns caracóis e uma minis, esquecendo assim a crise. Temos um elemento que poderá ser motivador, que é o acompanhamento de perto por parte de um jogador referência de outros tempos, o João Vieira Pinto. Poderá ser o 12º jogador, não em campo mas fora dele.



Azzurra adoptou-o. Foi assim que a Itália se apresentou no Euro'68 pela mão do técnico Ferruccio Valcareggi. Depois de eliminar, em duas mãos, a Bulgária nos quartos-de-final, a Itália defrontou a União Soviética nas 'meias', no que foi, curiosamente, o primeiro jogo da fase final disputado em terras transalpinas. O nulo manteve-se até ao final. Como ainda não havia sido criado o prolongamento, a decisão fez-se através do arcaico sistema da moeda ao ar, que favoreceu a formação italiana. Se o catenaccio garantia segurança defensiva, em contrapartida fragilizava o ataque, uma vez que apareciam poucos jogadores na frente. Como tal, na final verificou-se um empate a um gol frente à Jugoslávia, e só após uma finalíssima, ganha por 2-0, o capitão Giacinto Facchetti pôde finalmente erguer o troféu.

Férias de sonho

O Euro'92, na Suécia, a primeira grande competição internacional que contou com os nomes gravados nas camisolas dos jogadores, foi uma constante caixa de surpresas. Às eliminações das poderosas França e Inglaterra na fase de grupos, com os primeiros lugares a pertencerem às nórdicas Suécia e Dinamarca, seguiu-se uma surpresa ainda maior nas meias-finais. Apesar de ter uma equipa recheada de estrelas, a Holanda, detentora do título, não se conseguiu impor diante da selecção dirigida por Richard Møller-Nielsen. Com o 2-2 no final do prolongamento, os penalties ficaram decididos quando Van Basten permitiu a defesa de Peter Schmeichel, o lendário guarda-redes do Manchester United e do Sporting. Consumado o choque, a Dinamarca provou não ser tão surpresa como isso, e na final venceu a Alemanha, campeã mundial em 1990, por 2-0. Na altura, romantizou-se a ideia de que os jogadores dinamarqueses já estavam de férias, alguns deles em destinos paradisíacos, quando foram chamados para o Euro'92 em substituição da Jugoslávia, afastada devido à guerra. Mas, mais tarde, alguns jogadores dinamarqueses viriam a confessar que tinham sido avisados sobre a possibilidade de a Jugoslávia não estar presente no Euro, e que todos eles estavam de prevenção. Ao ponto de terem levado planos de treino para as férias.

CORBIS/GETTY IMAGES



Joel Neto

A CAMINHO DO EUROPEU

catenaccio de ataque, se me permitem patentear a expressão – atingiu uma tal unanimidade que se tornou insuportável. Pois o seu fracasso só prova que o futebol ainda não perdeu a sua dimensão literária, o seu *pathos*. Ainda bem.

“G” de Gangster Que saudades de Nelly Furtado

A canção de Mastiksoul & Dada Forever, com Miguel Veloso e Nani como co-protagonistas do videoclip, é feita mesmo à medida de uma adopção como tema oficial do balneário da Selecção Nacional durante o Europeu. É que não falta lá nada: nem os sintetizadores, nem a letra bimba, nem a pose meio gangster/meio drag queen, nem muito menos a atmosfera de “celebração da vida” (whatever that means). O facto de Ronaldo e Nani terem ambos acabado a época em grande forma, portanto, pode afinal ser um problema, em vez de um milagre. Ou muito me engano, ou isto vai ser um Verão insuportavelmente longo. Com franqueza: antes o *Come-me à Força*. Que será feito de Nelly e daqueles seus olhos de água?



“B” de Barcelona Já vos disse como o deploro?

O segundo lugar do Barcelona na liga espanhola, tal como a sua eliminação da Liga dos Campeões nas meias-finais, é uma vitória para todos os que entendem o futebol como uma metáfora para a própria vida. Fulgurante aqui e aborrecida acolá, bela hoje e de uma fealdade inquietante amanhã, melódica numa semana e vivida aos supetões na seguinte, paradisíaca num dia e repleta de abismos no outro. O Barça de Guardiola, praticante do jogo mais barroco de que há memória – uma espécie de

“J” de Jesus Ou talvez de “Ai, Jesus”

Eu sabia: independentemente da forma como o Benfica perdesse o campeonato, Jorge Jesus acabaria sempre por atribuir a derrota a “erros de arbitragem”. Pergunto-me se se lembrará de um certo golo da sua equipa ao Gil Vicente. Dos três penáltis de que beneficiou no outro jogo com o Guimarães. Da grande penalidade não assinalada sobre Onyewu no primeiro encontro com o Sporting. Da falta que Pablo Aimar faz sobre o guarda-redes do Marítimo (na Madeira) na jogada do golo. Dos

jogos com o Feirense em geral – e, já agora, das cotoveladas que Maxi e Javi distribuíram impunemente ao longo da época. Talvez Jesus já se tivesse habituado a outra coisa por parte dos árbitros. Não sei. O que sei é que lhe teria ficado bem outra graciosidade no momento da derrota. Mas, pronto, assim sempre foi coerente até ao fim.

“M” de Medo Que país é este, que eu não o conheço?

Não sei o que se terá passado nesse malfadado dia em que um homem se terá deslocado de Lisboa à Madeira para depositar dois mil euros na conta do árbitro auxiliar José Cardinal. E, sendo assim, também não sei que papel poderá ter representado nesse processo Paulo Pereira Cristóvão. Mas não deixo de sentir um calafrio de cada vez que recapitulo o país de espionagem e chantagem que vi descrito nos jornais, a pretexto das supostas actividades profissionais do vice-presidente do Sporting. Não conheço e quero acreditar que ele não existe, porque no essencial se trata de um país sem estado de direito e, portanto, sem democracia. Quem me tranquiliza?

“P” de Papa 30 anos de futebol & política

Os elogios que lhe dirigiu Ramalho Eanes, em reconhecimento do seu contributo para o “fortalecimento da sociedade civil portuense”, e para “uma sadia e dinâmica auto-estima nortenha”, são plenos de significado. Jorge Nuno Pinto da Costa foi sempre, e antes do mais, um líder político. A sua capacidade para gerar ódios e depois alimentar-se deles para produzir paixões – tanto mais arrebatadas quanto mais arrebatados fossem os ódios que combatiam – fazem mesmo dele, provavelmente, um dos cinco ou seis mais importantes políticos da nossa história democrática. Nesse sentido, o FC Porto chega a ser quase um efeito colateral. E, no entanto, que glorioso conseguiu ser esse efeito...

“V” de vénia O que é que Manuela não adivinha?

A sério: quantas vezes já ganhou Manuela Ferreira Leite o painel de palpites futebolísticos do semanário *Expresso*? Ou muito me engano, ou a



antiga ministra das Finanças ganha-o praticamente ano após ano (ou então, na pior das hipóteses, fica no pódio). E, com franqueza, eu gostava de vê-la explicar o seu segredo. Já que durante tantos anos desperdiçámos os seus avisos quanto à urgência do controlo do défice (“a obsessão do défice”, chamavam-lhe os comentadores espertinhos), talvez possamos ao menos aproveitar agora os seus sábios ensinamentos para recuperar uns quantos cobs nas casas de apostas online. Com o Campeonato Europeu à porta, dava um jeito. ■

O PODER DE MELANIE

Melanie do Nascimento é portuguesa, modelo de lingerie, a viver em Londres. Infelizmente. Mas quando a apanhámos por cá, não a deixámos voltar sem antes a captarmos em todo o esplendor.

Fotografia **Gonçalo Claro** Realização **Joyce Doret**







► Cuecas de tiras com strass, **Purple Rose** ► Meias, **Caicedonia** ► Sapatos, **Christian Louboutin** ► Chicote em pele e tapa-mamão em lantejoulas, **Purple Rose**





➤ Soutien e leque em penas, **Purple Rose**

➤ **MAQUILHAGEM** Nana Benjamim



PIADAS DA PLAYBOY

Certa noite, um casal estava sentado no terraço a apreciar a vista e a saborear uma garrafa de vinho, quando a mulher, subitamente, disse: "Amo-te".

Surpreendido, o marido perguntou: "Isso és tu ou o vinho a falar?"

"Sou eu", respondeu ela, "a falar para o vinho".

Uma mulher deslumbrante foi ao médico para fazer um exame. Quando chegou a hora da consulta, o médico disse-lhe para despir a roupa. "Onde devo pôr as minhas roupas depois de me despir, doutor?", perguntou a paciente. "Pode pôr aqui", respondeu prontamente o médico, "junto das minhas".

Porque é que as mulheres casadas são mais pesadas que as solteiras? As solteiras chegam a casa, vêem o que está no frigorífico e vão para a cama. As casadas chegam a casa, vêem o que está na cama e vão para o frigorífico.

Já tarde e a más horas, um bêbedo abordou um polícia na rua e disse-lhe: "Sr. Agente, roubaram-me o carro!"

"Bem", respondeu o polícia, "e onde viu o carro pela última vez?"

"Estava exactamente aqui, no fim disto", disse o bêbedo com dificuldade, enquanto segurava na chave do carro.

"Oiça, porque é que não vai até à esquadra da polícia, que é já ali na próxima rua, e pede ajuda a quem estiver de serviço? Mas antes, aproveite e feche a braguilha, que está toda aberta", aconselhou o polícia, num tom impaciente.

O bêbedo olhou para baixo enquanto soluçava descontroladamente. "Oh não!", gritou aflito. "Eles também levaram a minha namorada!"

O que é que o casamento e as tatuagens têm em comum? Ambos parecem uma boa ideia no momento em que são feitos.



Um homem reparou que a vizinha loira repetia o percurso entre a porta de casa e a caixa de correio repetidamente. Finalmente, depois de a ver fazer isto mais de dez vezes, o vizinho perguntou-lhe porque é que ela insistia em espreitar para dentro da caixa de correio, ao que ela respondeu: "Porque o meu computador continua a dizer-me que tenho correio".



Durante uma sessão no psicólogo, um homem diz ao médico: "Doutor, eu sei que a minha mulher não me é fiel. Ela vai todas as noites ao bar que há na minha rua, e engata um homem. Aliás, ela dorme com qualquer um que se aproxime dela. Estou a enlouquecer, o que é que eu devo fazer?", suplicou o homem, em desespero.

"Calma", começou por aconselhar o médico, "respire fundo e acalme-se. Agora diga-me: onde fica exactamente esse bar de que fala?"

Um homem encontrou uma lâmpada. Pegou nela, esfregou-a e, imagine-se, apareceu um génio que lhe concedeu um desejo. Depois de pensar um pouco, o homem acabou por pedir: "Quero estar sempre duro e ter os rabos que quiser". Resposta do génio: "Como queira". E transformou-o num tampo de sanita.

Porque é que os canibais não comem mulheres divorciadas? Porque estão sempre amargas.

Do que é que um homem precisa para ter a consciência tranquila? Uma má memória.



Manuel Falcão

OUTROS TEMPOS

TODAS AS SEMANAS guardo pelo menos um dia para almoçar sozinho. Nessas alturas, vou quase sempre ao mesmo sítio, um restaurante simpático nas Avenidas Novas, ao fundo da Miguel Bombarda, que se chama Soul Food Café. Sendo um espaço recente, funciona à boa maneira antiga: sabem do que eu gosto, deixam-me estar sossegado, sem impingir o que não quero. Quando eu quero falar, falam comigo; quando quero estar sossegado, deixam-me tranquilo. Dão espaço para que eu possa gozar o espaço da hora de almoço.

novos, percebi pela conversa, na faculdade deviam ter sido quase namorados. Ele alimentou uma paixão platónica por ela; e ela, citando um amigo meu, devia ter sido uma arreliadora de gaitas. Um dia ela encontrou o flautista mágico, seguiram cada um a sua vida. Por alguma razão tinham-se reencontrado, mas já lá vamos. Ambos estavam bem; ele, talvez como sempre, só tinha olhos para ela; e ela, era evidente, tinha-se arranjado para este encontro: continuava a ser uma sedutora e a deliciar-se com o seu papel. À medida que a con-

Quando almoço assim, sozinho, gosto de ficar a espreitar e à escuta; já sei, sou um voyeur compulsivo, mas gosto de sentir o que se passa ao lado.

Às vezes levo uma revista, outras vezes aproveito o wi-fi do sítio e vou navegando, nas mais das vezes pelo Pulse, que é uma das minhas aplicações favoritas para iPhone – agrega conteúdos e aí posso ver artigos recentes das revistas de que gosto mais. Ao almoço não vejo e-mails; leio no ecrã, como dantes lia um jornal ou um livro – o suficiente para descansar e desligar da rotina.

Quando almoço assim, sozinho, gosto de ficar a espreitar e à escuta; já sei, sou um voyeur compulsivo, deve ser por isso que gosto tanto de fotografia. Para além de ver, gosto de escutar, de sentir o que se passa na mesa do lado.

Um dia destes, perto de mim, um homem e uma mulher deliciavam-se um com o outro. Ambos estavam reformados, bem mais que 60 anos. Tinham ido à Gulbenkian, que fica ali ao lado. Em

versa evoluiu, percebi que se tinham encontrado no Facebook, através de amigos. Não se viam há décadas, e o malandro do Zuckerberg proporcionou-lhes o reencontro. Percebi que tinha sido ela a desafiá-lo; ele confessava que já a tinha visto no Facebook, mas tinha tido receio de lhe pedir amizade. Agora estavam os dois contentes e qualquer pretexto era bom para as mãos se tocarem. Falavam do que queriam fazer e combinavam o futuro: “Eu mando-te um mail, agora já sei como te apanhar”; e ela, atrevida, dizia-lhe: “Já tens o meu telemóvel, manda-me um sms – e vamos falando no Facebook”. Ambos sorriram, rendidos às possibilidades dos relacionamentos digitais. Eu, na mesa ao lado, imaginava que ainda há uns poucos anos esta conversa, assim, era impossível. Os tempos mudam mais depressa que a vida.

Assine a nova **PLAYBOY**

Tudo o que o Homem Sonha!



Assine agora até ao final do ano por € 20



Sim, desejo receber a revista

Recorte, preencha e envie num envelope para: Media Page, Lda | Departamento de Assinaturas | Av. Eng. Duarte Pacheco 19 7ºD 1070-100 Lisboa
Assinale o método de pagamento desejado:

- Envio o cheque da minha assinatura à ordem de Media Page, Lda.
Cheque nº:
- Efectuarei o pagamento do valor através de transferência bancária para o NIB 0046 0054 0060 0068385 59, enviando juntamente com este cupão o comprovativo de pagamento.

Nome

Morada

Cód. Postal Localidade

Telefone Telemóvel Fax

Email

N. Contribuinte Data de Nascimento

Os dados recolhidos são processados automaticamente pela Media Page e destinam-se à gestão e à apresentação de futuras propostas, sendo garantido o acesso aos dados e à respectiva rectificação.
E-mail: assinaturas@playboy.pt





Eduardo Beauté e Luís Borges



Isilda Peixe e Ana Sofia Marques



Tó Romano



Rui Geraldo Elias



A PRIMEIRA NOITE

A PLAYBOY Portugal apresentou o seu Nº1 com um Cocktail Dinatoire, no recém-aberto hotel Fontecruz. Foi em plena Lisboa, na Avenida da Liberdade, e na companhia de muitos amigos, que desvendámos a nossa primeira capa.



Rita Pereira



Mariana Perestrelo e Leonor Poelras



Joana Caldeira



Filipe Carrico e coelhinhas



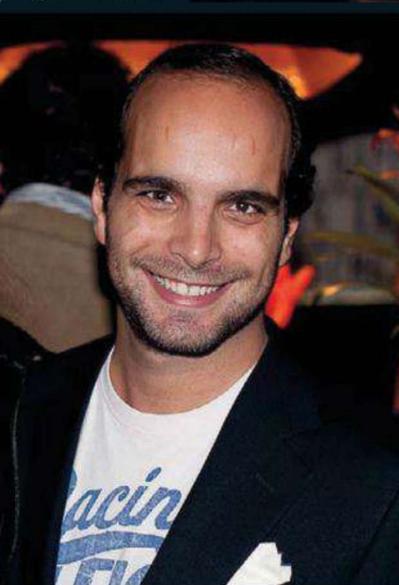
Tiago Bettencourt



Vanessa Oliveira



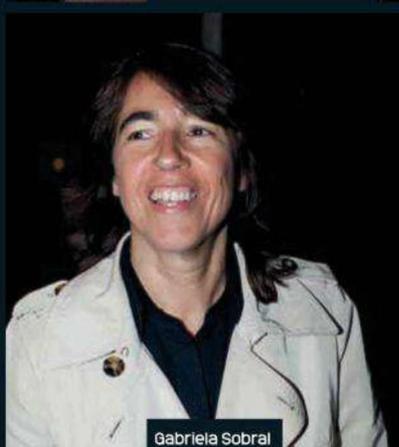
DJ Lucky



Elsa Gervásio e João Belo



José Eduardo Moniz e Manuela Moura Guedes



Gabriela Sobral



Bárbara Taborda



Rodrigo Soares e Andreia Gomes



Dânia Neto





VINTAGE



BO DEREK

Em Dezembro de 1979, a Playboy americana publicava esta imagem de Bo Derek, fotografada pelo marido, John Derek.

DEIXE-SE SEDUZIR
TODAS AS SEXTAS
ÀS 22.30

ESTREIA

15 DE JUNHO

FEMME FATALES

2ª TEMPORADA

SCI-FI • TERROR • AÇÃO

Disponível em:

ZON

CABOVISÃO

CLIX

vodafone

MOV

CHEGOU SUNLOVER

PREPARE-SE PARA UM BRONZEADO PERFEITO.



**ZERO
CALORIAS**

BEBIDA
NUTRI-COSMÉTICA

DELICIOSAMENTE
REFRESCANTE

250ML
DE COR DOURADA

EXPERIMENTE!



SENTE-SE NA PELE.